

ANA LÚCIA SILVA TERRA

# **CORTESIA E MUNDANIDADE**

**MANUAIS DE CIVILIDADE**

**EM PORTUGAL**

**NOS SÉCULOS XVII E XVIII**

**ANEXOS**

COIMBRA

2000

Por condicionalismos de vária ordem a transcrição dos documentos foi elaborada a partir de reproduções o que em certos casos dificultou a leitura dos textos. No entanto, apesar de tudo optámos pela sua inclusão neste apêndice atendendo ao valor documental que estes textos têm para o tema em análise.

Na transcrição dos documentos respeitámos a ortografia do texto original e desdobrámos as abreviaturas.

Mantivemos as maiúsculas e assinalámos as dúvidas de leitura com (?).

Respeitámos também a pontuação antiga e só nos casos em que esta poderia induzir em erro o leitor procedemos à sua modernização.

As mudanças de folhas ou páginas vão indicadas no corpo do texto entre [ ].

# ANEXO I

## Arrolamento de Manuais de Civilidade e de outras obras contendo preceitos de política e urbanidade cristã

### IMPRESSOS

#### Século XVII

1 - LOBO, Francisco Rodrigues, *Corte na aldeia e noites de inverno*, Lisboa, Por Pedro Craesbeeck, 1619.

Reedições: Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1630; Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1646; Lisboa, Antonio Alvares [?], 1649; Lisboa, Antonio Craesbeeck de Mello; 1670; Lisboa, João Antunes & Francisco Xavier de Andrade, 1722.

Traduções: *Corte en aldea y noches de invierno, traducido de portugués por Iuan Baptista Morales*, Montilla, Iuan Baptista Morales, 1622 (Esta edição também pode trazer a referência de: Cordova, Salvador de Cea Tesa, 1623)

Reedição: Valencia, Salvador Fauli, 1793.

2 - MARIA, (Frei) Pedro de Santa, *Tratado da boa criação e policia christã em que os pays devem criar seus filhos*, Lisboa, Paulo Craesbeeck, 1634.

3 - CAMPOS, Manuel Monteiro de, *Academia nos montes, e conversações de homens nobres*, Lisboa, Antonio Alvarez, 1642.

4 - MENEZES, Sebastião César de, *Summa Politica, offerecida ao principe D. Teodosio de Portugal por Sebastião Cesar de Menezes, eleito Bispo Conde de Coimbra*, Lisboa, António Alvares, 1649.

Reed.: Amsterdão, Typografia de Simão Soeiro Lusitano, 1650.

5 - COSTA, Antonio Pinho da, *A verdadeira nobreza*, Lisboa, Officina Craesbekiana, 1655.

Obs. - Na *Bibliotheca Lusitana*, vol. I, p. 357, faz-se referência a uma edição de 1650 da Officina Craesbeckiana, mas no *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo VIII, p. 286, questiona-se a veracidade desta primeira edição. Pela nossa parte também não foi possível confirmar a sua existência.

6 - MELLO, Luis de Avreu de, *Avizos pera o Paço offerecidos a Rodrigo de Salaçar, e Moscovo por Luis de avreu de Mello, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Comendador das Comendas de S. Maria de Deilão e de Sam Loureço da Pedisqueira e Alcyd´Mor de Melgaço*, Lisboa, Na Officina Craesbeckiana, 1659.

Traduções: *Avisos para Palacio* (Traducidos del idioma português al castelhano por Eugenio Diaz de Garsifa), Madrid, Por Antonio Perez de Soto, 1761.

Reedições: Madrid, Benito Cano, 1786. Trata-se de uma edição conjunta com a obra de D. Francisco Manuel de Melo *Carta de guia de casados*.

No *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo XIII, p. 330-331, indica-se uma edição de 1724. A mesma informação é sugerida, mas não confirmada, no *Manual del Librero Hispano Americano*, tomo I, p. 31.

7 - MACEDO, Duarte Ribeiro de, *Aristippo, ou homem de corte escrito em lingua franceza por Monsieur Balsac*, Paris, Estevão Maucroy, 1668.

Reed.: *Obras do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo, Cavalleiro da Ordem de Christo, do Conselho de Sua Magestade, e do de Sua Real Fazenda, Enviado que foy às Cortes de Pariz, de Madrid, e de Turim. Offerecidas ao Illustrissimo, eExcellentissimo Senhor D. Joze Miguel Joam de Portugal, IX Conde de Vimioso, do Conselho de Sua Magestade, etc, por Manoel da Conceiçam*, Lisboa, Na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1743, Lisboa,

*Obras do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo, Cavalleiro da Ordem de Christo, do Conselho de Sua Magestade, e do de Sua Real Fazenda, Enviado que foy às Cortes de Pariz, de Madrid, e de Turim*, Lisboa, Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1767.

8 - *Communis vitae inter homines scita urbanitas. Policia e urbanidad christam no trato e conversaçam ex latino idiomate in Lusitanicum conversa*, Ulyssipone, 1667.

Obs.: Esta indicação é dada por Carlos Sommervogel, *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, tomo VI, p. 538. Apesar das nossas diligências não conseguimos localizar a obra em nenhuma biblioteca.

Reed.:

*Policia e urbanidade christã no tracto e na conversação. Composta pelos padres do collegio Mussipontano da Companhia de Jesus e traduzida por JDC* (Tradução de João da Costa), Évora, Officina da Universidade, 1684.

Esta obra saiu por diversas vezes com o título *Policia e urbanidade christam, no tracto e na conversaçam* em apenso a TRANCOSO, Gonçalo Fernandes, *Historias Proveitosas. Primeyra, Segunda e tercyra parte: que contem contos de Proveito, e Exemplo, para boa educação da vida humana.* », Lisboa, Bernardo da Costa, 1681. (O exemplar que consultamos na BNL traz a referência na folha de rosto mas a obra termina com a parte terceira das *Historias Proveitosas...*).

Lisboa Oriental, Na Officina de Felipe de Souza Vilella, 1710 - (edição não localizada).

Lisboa Oriental, Na Officina de Felipe de Souza Vilella, 1722.

Lisboa, Na Officina de Domingos Gonsalves, 1764.

Obs: A ref. nº. **13** deste Arrolamento poderá ser um adaptação deste original.

**9** - GUSMÃO, Alexandre (Padre), *Arte de bem crear os filhos na idade da puericia. Dedicada ao Minimo de Jesu Nazareno*, Lisboa, Miguel Deslandes, 1685.

## Século XVIII

**10** - MORAIS, Pedro José Supico de, *Colleçam politica de apophthegmas memoraveis. Parte I dedicada á Augusta, e Real Magestade de El Rey de Portugal D. João V Nosso Senhor por Pedro Joseph Supico de Moraes seu Moço da Camera*, Lisboa, Officina de Antonio Pedrozo Galvão, 1720.

Reed.:

Lisboa, Officina Augustiniana, 1732.

Coimbra, Officina de Francisco de Oliveira, 1761.

**11** - MORAIS, Pedro José Supico de, *Colleçam moral de apophthegmas memoraveis. Dedicada Serenissimo Senhor D. Francisco Infante de Portugal, etc por Pedro Joseph Supico de Moraes seu Moço da Camera*, Lisboa, Officina de Antonio Pedrozo Galvão, 1720.

Reed.:

Lisboa, Officina Augustiniana, 1732.

Coimbra, Officina de Francisco de Oliveira, 1761.

**12** - BLEM, Antonio, *Escola do mundo, ou instrucção de hum pay para seu filho pertencente ao modo com que se deve viver no mundo dividida em dialogos*, Lisboa, Na Officina da Musica, 1722 (tomo I), 1724 (tomo II).

Obs.: Obra não localizada.

**13** - SOUSA, Manuel Moreira, *Policia e urbanidade christã no tracto, e correspondencia civil traduzida de exemplar latino, outras vezes impressa, e agora acrescentada de mais delevantes preceitos que a fazem nova obra*, Coimbra, Luiz Seco Ferreira, 1730.

Obs.: Obra não localizada.

**14** - MAGALHÃES, Francisco Xavier Pinto (Tradução de), *O Galateo ou cortesão, obra que compoz na lingua italiana Monsehor Joãa Dela Casa*, Lisboa, Na Officina da Musica, 1732.

**15** - SILVA, Luiz Florencio da (Pseudónimo de Francisco de Souza da Sylva Alcoforado Rebello), *Manual politico*, Lisboa, Mauricio Vicente de Almeida, 1733.

Obs.: Esta obra tem cota atribuída na Biblioteca da Universidade Católica João Paulo II (SARD 0314) apesar de não se encontrar no lugar correspondente. Nos fundos de outras bibliotecas não encontramos a obra.

**16** - PROENÇA, Martinho de Mendonça de Pina e Proença, *Apontamentos para a educação de um menino nobre*, Lisboa, Na oficina de José António da Silva, 1734.

Reed.:

Porto, Francisco Mendes Lima, 1761.

Obs.: No *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo VI, p. 155, alude-se à possibilidade de existir uma edição de 1768, feita no Porto.

**17** - PACHECO, Caetano de Sousa, *Instrução, que hum Antigo Official deu a seu filho, quando o mandou assentar praça no presente anno de 1735*, Lisboa, 1735.

**18** - CASTELLO-BRANCO, Francisco Ferram (Tradução de), *Modello de conversação para pessoas polidas e curiosas. Escripito pelo Abbade de Bellegarde em língua francesa, e traduzido em portuguez*, Lisboa, Pedro Ferreira Impressor, 1734 / 1739, 6 volumes.

**19** - PORTUGAL, D. José Miguel João de, *Instrucçam que o Conde de Vimioso D. José Miguel Joam de Portugal dá a seu filho D. Francisco Joseph Miguel de Portugal, fundada nas acçoens moraes, politicas e militares dos condes de Vimioso seus ascendentes*, Lisboa, Officina de Miguel Rodrigues, 1741.

**21** - FUZEIRO, Fernando Barreto, *A, B, C, por documentos moraes e politicos, que doe a seu filho para aaprender*, Lisboa, Officina Joaquiniana da Musica, 1742.

**22** - PORTUGAL, D. José Miguel João de, *Instrucçam que o Conde de Vimioso D. José Miguel Joam de Portugal, do Conselho de Sua Magestade, e Deputado da Junta dos Tres Estados, dá a seu filho segundo D. Manuel Joseph de Portugal, fundada nas acçoens christans, moraes e politicas dos ecclesiasticos que teve a sua família*, Lisboa, Officina de Miguel Rodrigues, 1744.

**23** - CASTRO, D. Francisco Paulo de Portugal e (Marquês de Valença), *Instrução que deu a seu filho primogénito D. Joseph Miguel Joam de Portugal, conde de Vimioso*, Lisboa, Officina de Manuel Rodrigues, 1745.

Reed.:

Lisboa, Officina de Pedro Ferreira, 1746.

**24** - CASTRO, D. Francisco Paulo de Portugal e (Marquês de Valença), *Instrução que deu a seu filho segundo, D. Miguel Lucio de Portugal e Castro, conego de Sancta Igreja de Lisboa*, Lisboa, Officina de Manuel Rodrigues, 1745. (edição não localizada).

Reed.:

Lisboa, Officina de Pedro Ferreira, 1746.

**25** - ARMENDARIZ, D. Miguel de, *Modo cristão, politico, e cortezão de bem jogar o reversino, com todas as leys, que correspondem à sua natureza. Traduzido da lingua Castelhana na Portugueza, e accrescentado com alguns, casos, que a experiencia tem mostrado, principalmente no que se observa com o Bollo*, Lisboa, Na Regia Officina Sylviana e da Academia Real, 1746.

**26** - FREIRE, Francisco Joseph, *O secretario portuguez, compendiosamente instruido no modo de escrever cartas por meyo de huma instrucçam preliminar, regras de secretaria, formulario de tratamentos, e hum grande numero de cartas discursivas sobre as obrigações, virtudes, e vicios do novo secretario . Escrito, e consagrado ao Eminentissimo e Reverendissimo Senhor Cardeal Patriarca Primeiro de Lisboa, do Conselho de Estado, e Capellão Mor*, Lisboa, António Isidoro da Fonseca, 1745.

Reed.:

Lisboa, Officina de Domingos Gonçalves, 1746.

Lisboa, Officina de Miguel Rodrigues, 1746.

Obs. – Esta edição é dedicada a D. Luís de Almeida, Conde de Avintes.

Lisboa, Officina de Ignacio Nogueira, 1759.

Lisboa, Typographia Rolandiana, 1787.

Lisboa, Typographia Rollandiana, 1797.

Obs.: Estas duas últimas edições apresentam um título diferente: *Secretario portuguez ou methodo de escrever cartas. Por modo de uma instrucção preliminar. Regras de secretaria. Formulario de tratamentos e hum grande numero de cartas em todas as*

*especies, que tem mais uso, com varias cartas discursivas sobre as obrigações, virtudes, e vicios do novo Secretario. Nova edição correcta, emendada, e augmentada com dous supplementos sobre muitos pontos concernentes á Theorica e Practica do Commercio. I contem: Cartas de commercio com respostas; Instrumento de procuração, e fretamento; Apolice de seguro; Escritura de compromisso; Modelos de letras de cambio; Protesto de huma letra de cambio; Varias formas de recibos. II contem: Quanto o negociante he util, e prestadio ao estado; Das letras de cambio e maximas concernentes ás ditas; Das letras de credito e de Transporte; Da liquidação; Das partidas dobradas; Das sociedades; Da especulação; Do sindico dos fallidos; Balanço geral dos bens de hum fallido. Com him tratado dso cambios e huma taboada do valor do dinheiro estrangeiro de Amsterdão, Londres, Paris, etc em Lisboa e Porto, segundo o cambio que gyra entre aquellas e estas duas praças commerciantes.*

Obs. – Talvez haja uma edição de Lisboa, Typographia Rollandiana, 1777. Esta referência é indicada no Catálogo dos livros impressos na Typographia Rollandiana, anexo no final da edição de 1824 da obra de João Rosado de Villa Lobos e Vasconcellos *O perfeito pedagogo* ....

Outras reedições no século XIX.

**28** - CASTRO, Damian Antonio de Lemos Faria e, *Politica Moral e civil, aula de Nobreza Lusitana*, Lisboa, Na Officina de Francisco Luiz Ameno, 1749, Tomo I.

**29** - MORGANTI, Bento, *Breves reflexões sobre a vida económica, a qual consiste nos casamentos, na criação e educação dos filhos* ..., Lisboa, Officina de José da Costa Coimbra, 1758.

**30** - *Documentos importantíssimos de um pai a um filho para bem viver e acabar*, Lisboa, s.e, 1758.

**31** - CABREIRA, Joseph Thomas, *Arte de dançar à franceza, que ensina o modo de fazer todos os diferentes passos de minuete, com todas as suas regras, e a cada hum delles o modo de conduzir os braços. Obra muito conveniente, não só ao uso da mocidade, principalmente civil, que quer aprender a dançar; mas ainda a quem ensina as regras para bem andar, saudar, e fazer as coretsias, que convem a qualquer classe*

de pessoas. Traduzida do idioma francez em portuguez, Lisboa, Francisco Luiz Ameno, 1760.

**32** - PANTEZZE, Julio Severin, *Methodo, ou explicaçam para a prender com perfeição a dançar as contradanças, dado à luz, e offerecido aos dignissimos senhores assignantes do Bairro Alto*, Lisboa, Na Officina de Francisco Luiz Ameno, 1761.

**33** - MORGANTI, Bento, *Afforismos moraes e instructivos. Uteis a todo o genero de pessoas, nos quaes se achão os documentos necessarios para a boa instrucção da vida civil e christãa. Compilados e dispostos em centurias para mayor facilidade convidarem á sua lição*, Lisboa, Na Officina de Manoel Coelho Amado, 1765.

Obs.: Uma reedição no século XIX.

**34** - *Conselhos da Sabedoria, ou resumo das maximas de Salomão, as mais necessarias ao homem para se regular sobre as mesmas maximas. Traduzidas em Portuguez por hum devoto. Conforme a Quinta edição de Pariz*, Lisboa, Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1766.

**35** - BONEM, Natal Jacome, *Tratado dos principaes fundamentos da dança. Obra muito util, não sómente para esta mocidade, que quer aprender a dançar bem, mas ainda para as pessoas honestas, e polidas, as quaes ensina as regras para bem andar, saudar, e fazer todas as cortezias, que convem em as Assembleas aonde o uzo do mundo a todos chama*, Coimbra, Na Officina dos Irmãos Ginhoens, Impressores do Santo Officio, 1767

**36** - VILLENEUVE, Joana Rousseau, *A Aia Vigilante ou Reflexões sobre a Educação dos Meninos, desde a Infancia até á adolescencia*, Lisboa, Na Officina de António Vicente da Silva, 1767.

**37** - SIQUEIRA, Joaquim Manoel de, *Carta de Maximas, e Conselhos, que mandou hum pay a seu filho Peralta nesta Corte, para a perfeição da Vida civil, e christã*, Lisboa, Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto, 1771.

**38** - BEAUMONT, Jeanne Marie Leprince de, *Thesouro de meninas ou dialogos entre huma sabia aia e as suas discipulas da primeira distinção* (tradução de Joaquim Ignacio de Frias), Lisboa, Régia Officina Typografica, 1774.

Obs.: Esta informação é dada no *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo IV, p. 88.  
Reed.:

Lisboa, Régia Officina Typografica 1797-1799. (Esta obra traz a indicação de quarta edição na folha de rosto, mas apesar das nossas diligências não conseguimos encontrar nenhuma edição anterior).

Obs.: A obra foi também por diversas vezes reimpressa no século XIX.

**39** - *Pintura do sexo bello nos seus principaes indivíduos, a saber as damas virtuosas, exposta, e offerecida aos olhos dos mancebos do seculo por hum ancião sabio, e experimentado nos commercios do mundo*, Lisboa, Na Regia Officina Typografica, 1774.

**40** - *Pintura do sexo bello, naquelas damas vans, que só se occupão em agradar ao outro sexo, exposta, e offerecida aos olhos dos mancebos do seculo pelo mesmo ancião sabio, e experimentado nos commercios do mundo, que já lhes offereceo a Pintura das damas virtuosas*, Lisboa, Na Regia Officina Typografica, 1774.

**41** - *Pintura do sexo bello na mais temivel porção dos seus indivíduos, a saber as damas libertinas, exposta, e offerecida aos olhos do seculo pelo mesmo sabio ancião, experimentado nos commercios do mundo, que já lhes offereceo A pintura das damas virtuosas, e das Damas livres e vans*, Lisboa, Na Regia Officina Typografica, 1774.

**42** - REGO, José António da Silva (Tradução de), *Proverbios de Salomão*, Lisboa, Officina da Viúva de Inácio de Nogueira Xisto, 1774.

**43** - *Conselhos da boa educação ou tratado de politica, no qual se ensina a qualquer pessoa o modo como se deve portar...em qualquer parte publica, para que nenhuma offenda a urbanidade, modestia e gravidade que pede a boa criação*, Lisboa, Na Régia Officina Typographica, 1777.

Obs.: Obra não localizada.

**44** - PREVOST, Mr., *Elementos da civilidade e da decencia, que se practica entre a gente de bem. Para instrução da mocidade de ambos os sexos* (Tradução de José Vicente Rodrigues), Porto, Na Officina que foi de Antonio Alvez Ribeiro, 1777.

Reed.:

Lisboa, Na Officina de Antonio Gomes, 1788.

**45** - VASCONCELLOS, João Rosado de Villa Lobos, *Livro de meninos ou ideas geraes, e definições das cousas, que os meninos devem saber*, (Tradução do Francez por João Rosado de Villalobos e Vasconcellos), Lisboa, Typographia Rollandiana, 1824, (1ª edição de Lisboa, Typographia Rollandiana, 1778)

Obs.: A edição de 1778 vem indicada no *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo IV, p. 31 mas não a localizamos em nenhuma biblioteca, pelo que consultamos a edição de 1824, com o título: *Livro de meninos ou ideas geraes, e definições das cousas, que os meninos devem saber. Traduzido do francez por João Rosado de Villalobos e Vasconcellos, professor de Rhetorica em Évora. Nova edição correcta e aumentada com as Sentenças Moraes de Milord Kint, e algumas fabulas.*

**46** - *O amigo do principe e da patria ou o bom cidadão. Traduzido do Francez*, Lisboa, Na Typografia Rollandiana, 1779.

**47** - PEREIRA, Jozé Manoel Ribeiro, *Escola do mundo ou instrucção de hum pai a seu filho sobre o modo, por que se deve conduzir no mundo. Divida em dialogos. Composta por M. Le Noble, e traduzida em portugues*, Lisboa, Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1780.

Obs.: Trata-se de uma nova versão da obra traduzida em 1722 por Antonio de Blem.

**48** - VASCONCELLOS, João Rosado de Villa Lobos, *O perfeito pedagogo na arte de educar a mocidade, em que se dão as regras da politica e urbanidade christã, conforme os usos e costumes de Portugal*, Lisboa, Na Typographia Rollandiana, 1782.

Obs.: Reedição no século XIX.

**49** - *Regras para a Christã educação dos meninos*, Lisboa, Na Regia Officina Typografica, 1783.

Obs.: Original apresentado para pedir licença de impressão à Real Mesa Censória: Arquivo Nacional da Torre do Tombo / Fundo da Real Mesa Censória Doc. n.º1344.

**50** - RODRIGUES, José Vicente, *Arte de agradar na conversação, por Mr. Prevost, traduzida do Francez*, Porto, Na Officina de Antonio Alvarez Ribeiro Guimaraens, 1783.

**51** - SOUSA, Manuel Dias de, *Nova escola de meninos, na qual se propõe um método fácil de ensinar a ler, escrever e contar, com ma breve direcção para a educação dos meninos, ordenada para o descanço dos Mestres e utilidade dos Discipulos*, Coimbra, Na Real Officina da Universidade, 1784.

**52** - BEAUMONT, Jeanne Marie Leprince de, *Thesouro de adultas ou dialogos entre huma sabia mestra com as suas discípulas da primeira distinção* (Tradução de Joaquim Ignacio de Frias), Lisboa, Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1785.

Obs.: No *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo IV, p. 88 é indicada como primeira edição 1795, no entanto não a encontramos em nenhuma biblioteca.

**53** - *Conselhos e maximas sobre educação da mocidade para saber-se conduzir sabiamente no mundo. Traduzidas do Francez em Vulgar. Obra indispensavel aos Pais, Mães, como a todos aquelles, que são encarregados da educação de meninos*, Lisboa, Na Officina de Lino da Silva Godinho, 1785.

Obs.: Contem “Conselhos de boa educação tirados de João De La Casa e outros authores”, cujo o original foi apresentado para pedir licença de impressão à Real Mesa Censória, em 1777: Arquivo Nacional da Torre do Tombo / Fundo da Real Mesa Censória Doc. n.º. 2098.

**54** - SIQUEIRA, D. João de Nossa Senhora da Porta, *Escola de politica, ou tractado pratico da civilidade portugueza*, Porto, Na Officina de Antonio Alvarez Ribeiro, 1785.

Reed.:

*Escola dos bons costumes ou reflexoens moraes, e historicas sobre as maximas de hum homem de honra, e probidade. Obra util á mocidade, e a todas as pessoas que se querem conduzir bem no mundo. Traduzida de M. Blancard. E augmentada com um tratado pratico da civilidade portugueza por D. João de Nossa Senhora da Porta*

*Siqueira*, Porto, Officina de António Alvarez Ribeiro, 1786-1787. A *Escola de politica...* vem no final do tomo IV, já com a data de 1787.

*Escola de politica, ou tractado pratico da civilidade portugueza. Com as regras, exemplos do estylo epistolar em todo o genero de cartas. Accrescentado novamente com o retracto do Homem honrado, e virtuoso, para servir de modelo e norma á Mocidade*, Porto, Antonio Alvarez Ribeiro, 1791.

Obs.: Existe um pedido à Real Mesa Censória, datado de 22 de Julho de 1796, para reimpressão. Renovado, aliás, em 1797 e 1798.

No século XIX foi por diversas vezes reeditada.

**55** - SIQUEIRA, D. João de Nossa Senhora da Porta, *Escola dos bons costumes ou reflexoens moraes, e historicas sobre as maximas de hum homem de honra, e probidade. Obra util á mocidade, e a todas as pessoas que se querem conduzir bem no mundo. Traduzida de M. Blancard. E augmentada com um tratado pratico da civilidade portugueza por D. João de Nossa Senhora da Porta Siqueira*, Porto, Officina de António Alvarez Ribeiro, 1786-1787.

Obs.:

Autor francês: Jean-Baptiste Duchesne, dit Blanchard

Reeditada no século XIX.

**56** - *Methodo de ser feliz, ou catecismo de moral, especialmente para uso da mocidade: comprehendendo os deveres do Homem, e do Cidadão, de qualquer religião, e de qualquer nação que seja. Versão do Francez para o idioma vulgar*, Coimbra, Na Real Impressão da Universidade, 1787.

**57** - VASCONCELLOS, João Rosado de Villa Lobos, *Elementos da policia geral de hum estado*, (Tradução do Francez por João Rosado de Villalobos e Vasconcelos), Lisboa, Na Officina Particular de Francisco Luiz Ameno, 1786-1787, II Volumes.

**58** - BARRETO, Luís Carlos, *Tratado da educação fysica e moral dos meninos de ambos os sexos. Traduzido do francez na lingua portugueza*, Lisboa, Officina da Real Academia das Sciencias, 1787.

**59** - *Cartas sobre as modas*, Lisboa, Na Typographia Rollandiana, 1789.

**60** - ANTUNES, (Padre) Ambrosio (Tradução de), *Arte de conhecer os homens, escripta em Francez pelo abbade de Bellegarde, e traduzida na lingua portugueza*, Lisboa, Na Typografia Nunesiana, 1789.

Obs.: Existe uma reedição no século XIX.

**61** - FRANCO, Francisco de Melo, *Tratado de educação fysica dos meninos para uso da nação portugueza*, Lisboa, Academia Real da Ciências, 1790.

**62** - ALMEIDA, Francisco José de, *Tratado de educação fysica dos meninos para uso da nação portugueza*, Lisboa, Academia Real da Ciências, 1791.

**63** - SILVA, Leonor Thomazia de Souza e, *Escolla nova christã e politica na qual se ensinão os primeiros rudimentos que deve saber o minino christão e se lhe dão regras geraes para com facilidade, e em pouco tempo aprender a ler, escrever e contar*, Lisboa, Na Officina de Francisco Luiz Ameno, 1799.

Obs.: Na *Bibliotheca Lusitana*, vol. IV, p. 136, indica-se como primeira edição: Lisboa, Officina de Francisco Luís Ameno, 1756. Esta informação é retomada no *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo II, p. 431. Pela nossa parte não localizamos a obra em nenhuma biblioteca.

**64** - *Traças de ganhar dinheiro, e regras de cortezia, e de guizar varias iguarias em ambriam. Em que se relata algumas qualidades pertencentes a varios mantimentos*, Catalunha, Imprint de Francisco Guevarz, s. d.

## MANUSCRITOS

BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA:

BRANCO, António Vaz de Castello, *Preceitos para quem ha de seguir a Corte*, s.d.  
Códice CIV / 1-38, fl. 15 a 28.

BARRETO, Luís Carlos Moniz, *Compendio da civilidade em forma de diálogos, para uso dos Meninos das escolas de Ler, escrever e contar; ordenado e offerecido ao Sr. Cenaculo, por Luiz Carlos Moniz Barreto, Professor Regio de Historia de Portugal no Collegio dos Nobres, e Bacharel Formado em Leis pela Universidade de Coimbra*, s. d. Códice CXIII/1-26.

SILVA, (Padre Frei) Antonio da Purificação e, *Regras da Politica, ou da civilidade, que se pratica entre as Pessoas honradas e honestas; Extrahidas summariamente dos elementos de Politica de M. Prevost. Pelo P. Fr. Antonio da Purificação e Sylva, Religioso da Sagrada ordem Terceira de N. P. S. Francisco da Provincia de Portugal. Para a educação da Mocidade Portuguesa*, s. d. CIX/1-9, n.º 7.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA:

PEREIRA, Francisco Nunes, *O Galateo ou cortesão. Traduzido no idioma portuguez por Francisco Xavier Pinto de Magalhães ... e agora novamente manuscripta por Francisco Nunes Pereira*, 1763. Códice 11061.

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO – FUNDO DA REAL MESA CENSÓRIA:

*Concelhos de boa educação, tirados de João de la Casa, e outros Authores*, 1777  
Doc. n.º 2098.

*Plano de Huma educação Phizica, Moral e Didactica para poder executar na corte de Lisboa*, 1782.  
Doc. n.º 4222.

*Eschola popular das primeiras letras dividida em quatro partes. Parte Segunda: Catechismos de doutrina e civilidade christam par instrucção e para exercicio da leitura, 1795.*

Doc. n.º 507.

## ANEXO II

### Requerimentos para pedir licença de impressão de obras de civilidade apresentados à Real Mesa Censória

Data: 16 de Junho de 1774.

Autor do Requerimento: Custódio da Silva Barbosa.

Título da obra: *Tratado da Civilidade*.

ANTT - RMC: Caixa 21.

Data: 27 de Junho de 1774.

Autor do Requerimento: Custódio da Silva Barbosa.

Título da obra: *Continuação do Tratado da Civilidade ou Tratado do ponto de honra*.

ANTT - RMC: Caixa 21.

Obs.: Poderá tratar-se de uma tradução da obra de Antoine de Courtin *Nouveau traité de la civilité qui se pratique en France, parmi les honnêtes gens* (1671) e *Suite de la civilité française, ou Traité du point d'honneur et des règles pour converser et se conduire sagement avec les incivils et les fâcheux* (1675), pois no requerimento o autor afirma tratar-se de uma tradução do francês. E a semelhança dos títulos parece confirmar a relação estabelecida.

Data: 10 de Fevereiro de 1774.

Autor do Requerimento: José Duarte de Abreu.

Título da obra: *Tratado da civilidade que devem praticar as pessoas nobres etc.*

ANTT - RMC: Caixa 21.

Data: 3 de Dezembro de 1773.

Autor do Requerimento: José António da Silva Rego.

Titulo da obra: *Maximas para a conversação.*

ANTT - RMC: Caixa 20.

Data: 1 de Agosto de 1776.

Autor do Requerimento: Ambrosio Colona.

Titulo da obra: *Diccionario da Conversação ou Compiliação Alfabetica de Aneotas e bons ditos.*

ANTT - RMC: Caixa 23.

Data: 4 de Maio de 1778.

Autor do Requerimento: Joaquim José.

Titulo da obra: *Instruções politicas civis e honestas.*

ANTT - RMC: Caixa 25.

## ANEXO III

### **Antonio Vaz de Castelo Branco Preceitos para quem ha de seguir a Corte**

«[fl. 15] Preceitos para quem ha de seguir a Corte.

Por Antonio Vaz de Castelo Branco

São as Cortes os mais arriscados mares em que navegão a openião, e a vida qualquer successo arrisca a opinião, e qualquer desastre acaba a vida, e ordinariamente estes successos, e estes desastres são resultados das inadvertencias com que os homens procedem em suas acções, e para evitar tão perniciosos damnos, he necessario que os que cursão as Cortes sejam consumados Cortezãos, e não he isto tão facil que o alcansem todos, nem tão inutil [fl. 15v] que se não empenhassem em escrever sobre esta materia grandes talentos. Aristipo descorreo neste assumpto delgadamente, mas com taes metafisicas, que se fez imperceptivel. Galateo teve um o mesmo intento mas com desigual successo, porque pondose mais pratico somente deo regras para a Cortezia. O Conde de Punho em Rosto, o de Portalegre, e o Autor da Comedia de El perfecto cavallero derão alguns preceitos que posto que são Cortezãos pendem muito para moraes. Só o Tacito inda que não seja o principal assumpto de seus escrittos este argumento disse nelles tudo, como podem ver em suas obras quem com attenção as passar para este fim, e ainda que escreveo sem os preceitos de Christão como se conformou com os da boa razão, isso basta para se adequar a Cortesania com a Christandade, sendo certo que não pode ser [fl. 16] bom Cortezão, quem não for bom Catholico.

Alguns cuidarão que ser cortez era ser Cortezão, confundindo com semelhança dos nomes a defferença das essencias, mas em vão, porque menos he ser Cortez que ser cortezão. Qualquer pode ser Cortez, mas nem todos sabem ser Cortezãos. A Cortezia adquirese com a doutrina, mas a cortesania não se consegue sem entendimento, porque ser cortez he ser reverente, e ser Cortezão he ser advertido, e bem pode hum homem ser

cortez, sem ser Cortezão, mas não pode ser Cortezão sem ser Cortez. Entenderão outros, que ser Cortezão era ser adulator: aproveitando-se de hum texto do Seneca Portuguez, mal entendido porque não bem explicado, quando diz

Homem de hum só parecer  
Hum só rosto, huma só fee  
[fl. 16v] Antes quebrar que torcer  
elle tudo pode ser  
homem de Corte não he.

E por esta regra persuadirão a que o bom Cortezão devia accomodarse com tudo seguindo as condições da Lisonja, e não advertirão que o Saa de Miranda neste lugar não quis dar regras para a cortesania senão murmurar dos que vivem nas Cortes, como quem escrevia fora dellas, queixozo das sem razões que athe(?) experimentarão, e do mesmo texto se colheo por bom argumento esta concluzão, porque como a Cortezania he perfeição não murmurava della, quem tanto soube louvar os acertos.

Hum Cortezão não se define tavez porque senão comprehende; e como pello que obra se qualifica he indefinivel em quanto se não vê consumado, e a sello [fl. 17] depois parece que se dissera, que o perfeito cortezão he aquelle que conserva o respeito entre o agrado, livra a honra dos perigos, e he estimado de todos, e para ser tudo isto convem muito ponderar os riscos em que anda da honra e vida, e os meyo por onde suavemente os pode evadir.

Tres vertudes formão hum Cortezão perfeito. Verdade, Primor, e segredo. Tres circunstancias o constituem agradável. Cortesania, Conversação, e gala. E tres vicios o trazem sempre arriscado: Censualidade, jogo, e facilidade. Nas tres vertudes deve ser indefectivel, das tres circunstancias cuidadoso, e dos tres vicios inimigo.

He a verdade a vertude que os homens mais respeitão, e que faz aos professores della mais venerados: Com a verdade se livrão os homens de todos os males, quem a tem não he pobre, quem a fala he muito rico, não tem honra [fl. 17v] quem não he verdadeiro, e não de balde se chama credito á verdade; porque sem ella ninguém vive acreditado, e são tantas as excelencias desta vertude, que não há papel em que se possam escrever, e assim deve o bom Cortezão amala de sorte que nenhuma coisa o obrigue a apartarse della, sendo tão infalivel a esta observancia que nem levemente diga cousa que se ache menos verdadeira porque como o mayor cuidado de hum Cortezão he viver com honra não pode ser honrado quem não for verdadeiro.

He o Primor a alma das correspondencias, a união das vontades, e o empenho para as inclinações, com elle se assegurão os amigos, se confirmão os inclinados, e se inclinão os mal affectos. Sem primor nenhum homem he capaz do trato dos outros, e assim quem não for primoroso não será Cortezão; e he conveniencia ser [fl. 18] primurozo, porque quem o he tudo acha. Consiste o primor na pontualidade do trato, na satisfação das dividas, e na deligencia dos negocios, e para se por em pratica esta vertude, convem que o Cortezão não tenha descuidos nella, observando cuidadosamente as occasiões de a exercitar, não faltando aos amigos nas que tiverem de gosto, ou pena, assistindolhes em todas com a pessoa, com a vida, e com o cabedal, não esperando que o occupem, e o mesmo cuidado, e ainda mayor deve ter na satisfação do que deve especialmente se para ella houver posto termo, e não he a menor parte do primor a deligencia e desvelo com que o Cortezão deve tratar os negocios de outrem, que houver admitido ou para a solicitação, ou para o amparo, e he esta huma das cousas em que o primor mais se apura; porque nella se envolve a verdade, e a fee dos homes e que tras muy [fl. 18v] trabalhosas consequencias; porque muitas veses produz queixas, depois de haver ocasionado damnos, e he terrivel cousa que perca hum homem o seu negocio cuidando que o ganha, e que seja occasião da ruina o que se supunha instrumento de remedio, e melhor será se o Cortezão se hade descuidar das delencias não admitir os negocios, e pella mesma regra corre tudo o de que se encarrega.

He o segredo sinal de capacidade, prova da prudencia, e fructo do Entendimento, com elle se evitão discordias, se conseguem negocios, e se ganha opinião. Quem o conserva he capaz de tudo, quem o não guarda não deve andar entre a gente, e he tão austera a observancia desta vertude entre os Cortezãos que não só devem guardar segredo do que se lhes diz senão do que se lhes encobre, e nesta segunda parte faz o Cortezão mayor sacrificio à [fl. 19] honra; porque guardar o segredo, que se fia he obrigação natural, e politica a que se perciza quem o ouve, mas guardar o segredo que se não participa esta he a quinta essencia da Cortezania, tanto mais necessaria, quanto menos praticada, e a que muitas vezes repugna a vontade, e por isso della faz sacrificio à honra quem guarda este genero de segredo, o qual se observa quando o Cortezão sabe a baixeza, ou defeito de outrem, e os cala como se os não soubera, e nisto obra como Christão, e como politico, e consequentemente como bom Cortezão, e o mesmo deve fazer em não contar pendencias alheas por se não expor a ser hum queixo; porque rara vez acontece, que em dous que brigão haja igualdade no valor, e no successo.

Estas são as virtudes que conspirando felizmente em beneficio de hum Cortezão o capacitação para ser admirado por perfeito [fl. 19v] porem observandoas rigurozamente ficará inculpavel para a detracção, mas parecerá estoico, e será menos plausivel, e assim he preciso que a seriedade destas virtudes se ajuntem as tres circunstancias com que o Cortezão se faz agradável, para que a brandura dellas consiga universalmente as benevolencias dos que o tratarem.

He a primeira circumstancia a Cortezia, e he esta hum suave dominio das vontades, hum delicioso iman dos corações, e hum venturoso grilhão dos alvedrios, mercancia em que nunca se perde trato em que sempre se ganha: He o comercio mais ordinario dos homens em que se permutão corações por obsequios, e a experiencia mostra, que sempre o Cortez andou seguro, porque ninguém offende aquelle que a todos obriga: São os Cortezes usurarios que licitamente com pequenos [fl. 20] despendios intereção grandes avanços: consiste a cortesia em a saber medir, e ainda que he axioma certo que nunca a cortezia he muita, occasiões há em que deixarse vencer nella he ser cortez, porque não degenere em teima o que fora urbanidade e confrome a isto deve o prefeito cortezão medir as pessoas, e ponderar as occasiões para a Cortezia, sendo respectivo aos mayores, attento aos iguaes, e afavel aos inferiores; porque sendo igual na cortezia com todos; nem terão que lhe agradecer os que são menos, nem que lhe estimar os que são mais; e assim he necessario muito estudo para que o Cortezão que quizer ser perfeito saiba atinar os meynos da maes bem acertada Cortezia; mas pondo os olhos nas pessoas com quem a trata, e nas occasiões em que a executa acertará facilmente nella, e terá de todos o agrado a tão pouco [fl. 20v] custo que se contentará de tão grande interece.

He a segunda circumstancia da plausibilidade do Cortezão, a conversação, e esta sendo boa he suspensão dos sentidos, enleo das fantasias, e feitiço dos entendimentos, pello que dizem se conhecem os homens, fazendose juizo de suas capacidades pello que se concebe de seus discursos, todas as inclinações e todos os genios manifesta a Lingoa, e por maes que se empenhe a cavilação(?) em cobrir as propenções, arreabatadamente as descobre a Lingoa, porem como tudo sabe pulir o cuidado com elle se prepara a conversação para que seja deliciosa, deleitosa, e agradável, sendo a primeira regra que o perfeito Cortezão há de guardar não dizer mal de pessoa alguma por que assim será universalmente amado de [fl. 21] todos, e he louco quem ganha inimigos por meynos de maldizente, e esta regra de dizer bem comprehende as pessoas e as acções, mas tambem ha de ter lemitação, porque dizer sempre bem de todos he mais officio que approvação, e nem satisfaz o benemerito, nem obriga o incapaz: Quem sempre de todos e de tudo dis

bem, ou pecca por lisongeiro, ou se culpa por inadvertido, a regra he não dizer mal de alguém, nem de cousa alguma, e dizer somente bem do que o merecer. Nenhum Cortezão he obrigado a dizer contra o que entende, e quando alguma pessoa, ou alguma acção lhe desagrade basta que não diga mal della, guardando o louvor para o merecimento; e porque a conversação se compoem de muitas materias, e de muitos sogeitos, deve o perfeito Cortezão accomodarse com todos e com todas para que não seja molesto a alguém, fuja de porfias, porque [fl. 21v] todas scandalizando aos com quem se tem, e aos que as ouvem, infamão ao porfioso de rustico, e o fazem aborrecido. Procure o Cortezão acharse com sufficiente noticias dos assumptos, que podem andar nas conversações, e isto não he muito dificultoso; porque humas cousas se colhem pela experiencia, e outras pelo estudo, e como tudo está escritto, com se conhecer os autores que melhor tratarão as materias vendoos, sem muito trabalho se porá o Cortezão capaz de ter deleitoza conversação, porque basta proseguilla com noticia, sem que seja necessario continuála com magisterio. Hum homem só não pode saber tudo, mas de tudo pode adquirir luz e com ella poerse capaz de entrar em todo o concurso, e quando nelles se vir deve ponderar qual dos que ali estão tem mais fundamentos para saber melhor aquillo [fl. 22] de que se trata, a este cederá facilmente e com nenhum porfiar com gritos, procurando sempre mostrar que não he idiota no que se trata, mas que cede por urbanidade sem que faça serviço da desistencia, e enquanto a pratica não mudar de assumpto continuea sem a alterar, porque não pareça curto(?) nas notícias. Deve o bom Cortezão procurar não ter fama de engraçado, ainda que he formosura ser galante: ser engraçado he ser jocosos, ser galante he ser entendido, fazer officio de ser engraçado he estragar a estimação, por cuidado em ser galante he adquirir agrados, e tanto tem de indignidade a facecia, quanto logra de soberania a agudeza: Dizer a tempo, e dizer a proposito he ser galante, e he ser engraçado; porque sem entendimento nada tem graça e daqui vem que os apodos mais proporcionados são os que mais se celebrão porque [fl. 22v] são os que se fazem com melhor juizo e assim nesta materia, como em todas as da conversação ha de procurar o Cortezão ser afavel, não se constituindo mais sabio que os outros, porque naturalmente aborrecem os homens a quem em tudo quer mostrarse mais sciente, e nenhuma sogeição he tão violenta como a do entendimento.

A 3ª circumstancia conducente para o agrado he a gala porque faz muito para inclinar as vontades a bizzaria esta he de duas maneiras, natural, e adquerida. A natural consiste na boa presença, na boa pessoa, e no bom ar pelos movimentos, e ainda que tudo isto seja obra da natureza, muitas vezes se vio emmendaremse defeitos naturaes com

arteficio cuidadoso, e assim deve o Cortezão ajudar as graças, e emmendar os defeitos com [fl. 23] que a natureza o formou, empenhandose muito em que senão perceba a industria para que pareça perfeição o que he cuidado. A outra gala he a adquirida, esta se conserva nos adornos pessoases, e sendo muitos os que os usão, poucos são os que os atinão. Os mais principais demonstrativos do que cada hum he são os vestidos, e sendo isto cousa em que poucos reparão he isto a couza em que reparão todos. Quando se vê hum homem que senão conhece, pelo traje se conhece este homem, por isto se destinarão as purpuras aos Reys, se destrebuirão as togas aos Senadores, e se accomodarão as opas aos Sacerdotes. Todos se vestem, mas poucos se sabem vestir, he ponto este, que parecendo de pouca concideração não he de pequena importancia; porque pello vestido que cada hum traz se mede a capacidade e o cabedal de cada hum, e [fl. 23v] ordinariamente nascem murmurações desta occasião, e como o Cortezão deve evitalas ha de empenharse em destruilhes os motivos, vestindo com limpeza sem demazia, ao costume sem extravagancia e com capricho sem singularidade, e antes incline para a cezudeza, que penda para a louçania, sobrio nas occasiões extraordinarias em que se mostra nas galas ao aplauzo, e deve o vestido accomodarse com a idade, com o estado, e com o cabedal de quem o veste, porque vestirse o moço como o velho; e o velho como o moço he deformidade; vestir o Ecclesiastico como o Secular, e o Secular como o Ecclesiastico, loucura; vestir o pobre como o rico, e o rico como o pobre desaforo; e por esta maneira acertandose com a gala será o Cortezão muy agradavel se professando as vertudes que o [fl. 24] constituem perfeito, colher as circunstancias que o acclamação plausivel.

Mas como nas Cortes são muy ordinarios os vicios pella disposição que nellas para elles se acha, será necessario ao Cortezão conhecellos para os temer.

He o primeiro, e o mais pernicioso vicio, em que se periga nas Cortes, a sensualidade; porque o tumulto e a confusão dellas facilitão os efeitos e dissimulação as causas, sendo as mais ordinarias a occiosidade, e a profusão das Cortes. He a sensualidade o mais feio, e damnoso de todos os vicios, este entre todos he o que mais almas tem levado ao inferno, e mais corpos á sepultura, he risco das almas, damno das pessoas, e destruição das fazendas, torpeza dos sentidos, ruina dos entendimentos, e confusão das imaginações: muytos erros tras consigo [fl. 24v] a sensualidade, e certamente repugna ao primor das cortesantias a tendencia para tão torpe vicio, e mal pode ser Cortezão perfeito, quem for sensual; porque as brutalidades deste immundo vicio contradizem os assejos daquella primuroza arte, e bem pode succeder que muitas

vezes o Cortezão galantee Damas sem que elle, nem ellas percão, porque as Cortezanias que se fazem percisas nem offendem a Deos, nem escandalizão o mundo.

He o segundo vicio de que o Corteaão deve fugir, o jogo, pellos riscos a que se expoem quem o segue, e pellas baixezas que obra quem o executa. He o jogo furto das vidas, destruição dos cabedais, e abatimento das pessoas, nelle se descobrem as inclinações dos homes; e o conhecimento que senão pode perceber em muitos (?) [fl. 25] se deixa alcançar em poucas horas: alli chorão o mesquinho, sofre o fraco e se descompoem o arrogante e justamente se pode ter lastima de quem se entrega a tão vil, e tão abatida ociosidade, mas não se deve tomar esta tão asperamente que se abomine todo o jogo; algumas vezes ha de jogar o Cortezão, e não será Cortezão senão jogar algumas vezes, na moderação e no modo está tudo, saber jogar he parte; ser jogador he vicio, a especulação he arte, a theoria ludibrio, jogar sempre he ser taful, não jogar nunca he ser inutil, e entre esta inutilidade, e aquella tafularia se pode usar da mediania de jogar a tempo, que seja o jogo não vicio mas Cortezania: jogos há que nem são peccaminozos, nem indecentes, outros, o sempre são maos, ainda que se não joguem sempre, todos se hão de saber [fl. 25v] mas nem de todos se ha de uzar, de huns se ha de fugir; outros senão han de buscar: Saber jogar não só he saber os jogos, mas conhecerse a sy, e conhecer aos outros, conhecerse a sy para se vencer, e conhecer aos outros para os não disgostar; porque como o Cortezão não há de jogar senão para se divertir e divertir aos outros, não se consegue o fim, quando se molesta alguem, e tambem por isto não jogará sem ser convidado, mas não esperará tanto rogos que canse a quem o convida; e quasi a mesma regra observará nas cazas de jogos a que chamão de conversação, não as frequentando muito por senão precizar a ser taful, jogando muito; ou aparecer mesquinho jogando pouco, alem de que se for continuo naquellas couzas forçosamente há de se saber o sofrimento de [fl. 26] huns, e a pouca pontualidade de outros, e nunca he bom testemunhar nestas cousas; porque pode haver occasião em que se arrependa de os saber, vá a ellas as vezes que for necessario para não parecer satiro, e de maneira que o festejem quando entrar.

O 3º vicio, e o que traz mais indecencias ao Cortezão he a facilidade e esta se deve conciderar de duas maneiras no trato, e na conversação: Há huns homens que apenas se encontrão com outros, quando logo os tratão como amigos de confiança, e isto sempre he repugnante as attenções de bom Cortezão; porque de mais de ser imprudencia sempre he atrevimento ou indignidade; porque se as pessoas com quem se trata são de mayor suposição escandilismse da demazia, e ou a evitão em o retiro, ou a castigão

com o [fl. 26v] desprezo, e em lugar de alcançar hum affeiçoado se vem a descobrir hum mal affecto, e he muy natural em todos o desagrado quando com elles se toma a confiança que não dão, e se a facilidade he com pessoas de menos esfera não he acção de perfeito Cortezão desluzirse, porque ordinariamente as estimações se conservão pellas proprias e se o intento de bem quistarse erra quem cuida que pello caminho de facil ha de ser bem quisto; os meyo de o ser são muitos. Não he o de menor importancia tratar a todos não só como merecem mas como querem ser tratados, salvando porem sempre o capricho proprio, não confundindo a cortezania com adulação; por que são cousas muy diferentes o tratamento (?) este será como o prometer a enclinação [fl. 27] e aquelle como o encaminhar o merecimento. A outra facilidade he na conversação e nesta deve haver grande advertencia para não cair nos tropeços que tem; porque há facilidade nas palavras, e facilidade nas materias, e deve o bom Cortezão fugir de tratar as indecentes, e de dizer as indecorosas procurando que o que diz seja puro, e o de que trata decente, e porâ grande cuidado em que não diga cousa que escandalize, ou magoe aos presentes, nem offenda aos auzentes, e desta sorte arrogará a sy as vontades de todos. Tambem há outra facilidade, que he a de aceitar, e esta não repugna menos aos primores de bom Cortezão, quem com facilidade aceita com deficultdade se desempenha, porque no pouco reparo que tem a ficar obriga demonstrar que não conhece a obrigação, ou não cuida em satisfazelas quem aceita fica sogeito pelo [fl. 27v] que recebe a ter infalivel lembrança da que recebe não só para desempenharse da dadiva, mas para sempre agradecer a acção; e mal pode acudir a tantos desempenhos quem com facilidade se multiplicar nas aceitações, occasião haverá em que seja cortezania o aceitar, mas sempre he obrigação o satisfazer, e na satisfação não haverá preço que a faça parecer estudo nem vagar que infame de descuido, como tambem se não ha de fazer sempre por isto; e como houver vontade para o desempenho não faltará motivo para a execução delle, e ha de fazer esta com galanteria, e com modo para que pareça correspondencia, e não paga, procurandose tambem que o valor da retribuição não exceda com muita desigualdade ao da (?) por não parecer ventagem o que he agradecimento.

[fl. 28] Assim instruido nas vertudes, cuidadoso nas circunstancias, e separado dos vicios, poderá o Cortezão confiada, e seguramente navegar no arriscado mar das Cortes sem temer as tormentas e os baixos dellas, e ainda que são muitos os preceitos desta difficultosa navegação seguindo os que estão ponderados poderá pellas occurencias alcançar os necessarios, e certamente o fará se advertir que os dous polos da Cortezania

são a honra propria, e o agrado alheio, e não pode ser perfeito Cortezão quem não for honrado, e bem quisto, e para ser tudo isto não dirá, nem obrará o Cortezão cousa alguma que senão persuada que há de ser manifesta a todos; porque com esta concideração, nem o que disser o porá mal quisto, nem o que obrar o infamará de menos brioso.»

**Biblioteca Pública de Évora: Códice CIV / 1-38**

## ANEXO IV

### **Censura, de 13 de Maio de 1774, à obra *Elementos da Politica* apresentada pelo Alferes José António da Silva Rego**

«[fl. 1] Apresentou nesta Meza o Alferes José António da Silva Rego hum livro com o titulo = Elementos da Politica = cuja obra he uma tradução de Mr. Prevost, pedindo licença para o estampar.

Logo no primeiro periodo do Exordio do sobredito livro se deixa ver o pequeno pulso do tradutor para manejar habilmente esta ou ainda outra qualquer tradução: Diz elle = Que pessoa haverâ dotada de bom juizo que não empregue continuamente o seu cuidado em descobrir meios de alcançar toda a felicidade, de que a humana fragilidade nos pode dar nesta vida = Que homem de juizo poderá dizer; que a humana fragilidade he que nos despensa nesta vida as felicidades?

O sobredito Alferes não só foi tradutor mas tambem compositor, porque na sobredita obra descreve os tratamentos que se devem dar as maiores pessoas deste reino; onde dá o erro de tratar os Geral Esmoller Mór por Paternidade Reverendissima.

Aquela tradução está tão mal feita como se pode ver no primeiro periodo do capitulo nono, que he o seguinte: = Suponhamos que hum grande te convida para [fl. 1v] a esta parte, etc =.

A ortografia he indigna e a Grammatica muitas vezes errada. He poez o meu parecer que se não de licença para a estampa da referida obra, a qual se se publicasse, seria de menos honra á nação. Forão do mesmo parecer os deputados adjuntos.

Lisboa, 13 de Maio de 1774.

**Frei Joaquim de Santa Anna e Silva**

(?) de Novaes

Frei Francisco de Sá.»

**Arquivo Nacional da Torre do Tombo - Fundo da Real Mesa Censória: Caixa n.º 8: Censura n.º 4 de 1774**

# ANEXO V

## **António José da Rocha** **Devertimento politico para recreyo da mocidade**

«[fl.1] Devertimento politico para recreyo da mocidade, primeira parte.

Nesta obra que principio com o titulo de devertimento politico para recreyo da mocidade, continuarei em distinctas partes a doutrina que pertendo communicar em beneficio dos que se quiserem aplicar a mesma doutrina, para que della resulte poder cada hum adquerir aquellas qualidades que constituem o homem grato e sociavel entre os outros. E por não entreter mais o leitor com estas advertencias, principiarei a presente introdução, que servirá de degráo para se seguirem as outras, conforme o calculo que tenho feito para a sua regulação.

E porque o saber callar, ou fallar a tempo hé huma virtude preciosima, de que se seguem as utilidades grandes, ou prejuizos irreparaveis, servirá de argumento para a presente introdução o saber quando convem o callar, ou a forma porque deve exprimir o seu sentimento: de sorte que com os accidentes e com a ocazião vença cada hum o que pertende com estes ditames.

[fl. 2] As monarchias, que fundaram Ciro, Alexandre e Cesar mais devem ás próprias linguas, que ás espadas de seus soldados: as compostas palavras, com que o primeiro soube encobrir aos Médos a sua ambição o coroarão Rey dos Persas; o segundo na primeira batalha que deo a Dario acabara de todo, se o não ajudasse a sua eloquencia; e o terceiro resolvendo-se a fazer guerra sem dinheiro, fora por muitas vezes invadido dos seus amotinados soldados, se áquella desenfreada colera não aprovera[?] huma encantadora virtude de proceder, mas bem consideradas palavras. Fez tudo quanto quis Pericles na Grecia, somente porque fallando parecia que tinha na boca trovões se raios. Reinão ainda os plebeos, se sabem com eloquencia manifestar a sua vontade; encomendar os seus negocios; justificar as suas pertenções; e entre ellas quem teve força para dizer nunca foi fraco. Não são só os reis que curão com suas linguas as feridas; porque aquellas bem applicadas sabem calar e vencer os vassallos. Não sem grande misterio a pedra que tem a virtude [fl. 3] de enfrear os ventos tem a cigarra de

lingua e segundo Plinio não nascera na terra senão no Alto Emisferio. Tem mayor Reino, que Eolo, quem tem lingua soficiente de enfrear as suas paixões, que são mais que todas os ventos ligeiros e precipitados desta sorte póde vencer quem souber fallar a tempo ajustado. E posto que o saber fallar seja efeito da arte, que ainda se não acabou de entender, porque supoem hum sagás engenho para achar razões, hum profundo juizo para as dispor: huma vincada solução para as ornar; prontidão de memoria para as expor; graça de pronunciação para as dizer; não obstante o insino de tantos livros nem todos alcanção este modo. Sabem-se sim quantas advertencias se requerem para falar hum estilo grave, quantas galantarias para formar hum agudo, quantas historias para tecer hum erudito, quantas sentenças para ajustar hum Magestozo; exceptuando a alta sabedoria não houve ate agora entre os homens quem no fallar não mostrasse imperfeição. E como domina em todos o desejo de fallar; por isso Aristoteles perguntando, qual era a coisa mais difficil a hum homem respondeo: que callar as coisas que não erão para se dizer. Bem se sabe que para callar, basta reprimir a vós, mas ouvida [fl. 4] aquella coisa que se deve callar padece qualquer animo afflicto até que se não chegue a dizer, de modo que conforme soubestes melhor se póde sustentar na lingua uma ????? que hum segredo. Nas historias se achão muitos daquelles que guardando firmemente os tezoiros que se lhes entregarão, não poderão guardar o segredo que se lhes encomendou. Achou como rara prerogativa de ser na sua libertina o silencio, e não sem razão diz Plinio: que hé milagre haver cigarra muda. Entre os athenienses a Publica Elena[?] para não revelar o segredo que sabia contra Aristogiton, e Hermodio cortou com os dentes a própria lingua, e cospio no rosto de Hipsio Tirano, para não poder fallar, se já vencida o quizesse fazer. Daqui nasceo levantarem-lhe a sua estatua com lingua de oiro, pella virtude de haver vencido o sexo. E recomendando o segredo dizia o Duque Emanuel Feliberto, que as coisas, que o homem guarda no seu coração, não se sabem, e as que communica aos outros, não se escondem.

Fim da primeira parte.

[fl. 5] Segunda parte do divertimento político para recreyo da mocidade em que se mostra as utilidades do segredo.

Sirva de asunto o continuar os prejuizos de se não conservar o segredo, a quem incumbe guarda-lo. Sabido já o grande dezejo que todos temos de nos mostrarmos

informados das coizas pouco sabidas, não he empreza de todos o saber cala-las. Quem não foi senhor da sua lingua, não merece louvor, como escreveo Theodorico a Senario[?]: que guardava os segredos por sua bondade, porque sabidos de muitos nem por isso se podia vangloriar de saber muito. Lidos os avizos que se lhe davão ao situado Dominicio ??????? ??????? ?????? esta de não dar aos seus boas novas mostrando totalmente no semblante o contrario de que dizia, elle mesmo que virão na diligencia da defesa, inferirão o intento da fuga; e tanto he verdade isto, que escrevia Collidoro: que quando são sollicitos os indagadores as mais das vezes declara o semblante o que cala a vós; e por isso deve o homem prudente ocultar, o que não deve ser sabido, porque não cahia em defeitos que depois não possa remediar.

Não há duvida que poem isto a qualquer homem a obrigação de hum continuo cuidado de suas obras e palavras, devendo porem assim fazer para conservar acreditado [fl. 6] o seu procedimento. As opiniões são as que regulão o mundo, avaliando-se estas, não pelo que são, senão pelo que parecem. Seja hum homem quanto quizer grande senão he tido por tal, he inutil toda a sua grandeza; porem he sem duvida, que não devem ser tudo apparencias, pois alias sabida a certeza, ficará manchada a estimação daquillo mesmo que se acreditava; suposto que a simulação algumas vezes cauza gratos efeitos. Nas tragedias em nenhuma outra coiza se ve mayor suspensão de affectos nos ouvintes, que quando nos representantes se escutem as partes, e não as pessoas. Será aquele o melhor dos Actores, se em quanto parece Rey confrange a todos desgraçado, e atemoriza colerico.

Deve porem o homem guardar sempre os seus segredos, para conservar sem mancha a sua e a alheya reputação, e não cair no vício de Biagio o Sarto, que dizia: que o queria falar o diria ainda a quem o não quizesse saber; porque de similhante modo virá a ser desprezado de todos, e reputado por homem indigno, que se deixa governar das paixões e não do discurso, e por esta cauza deve ser inviolavel em gaurda-lo. As abelhas na sua republica mais perfeita, que aquella mesma, que ideou no seu entendimento [fl.7] Platão, se permite que os homens gozem do fructo do seu trabalho, mas não chegar a conhecer o seu arteficio; e quando algum curiozo apicultor para o alcansar mandou fazer a colmea de vidro, não começarão de por em ordem a fabrica do mel senão depois de ter forrada toda aquella transparente morada; de maneira que ficasse a sua industria, quanto mais encuberta, tanto mais venerada.

Por isso os Romanos seguindo esta lição Numa Pompilio decretou, fosse mais venerada que todas as musas, aquella que se chamou ????????. Dois deuses propos por

mestre do silencio; as mulheres Angerona com a boca serrada, e aos homens Hypocrates com o dedo nos beiços: superior a todos os conselhos quis que fosse o deus ?????, tão amigo de estar escondido, que não admitia os sacrificios senão nas covas mais subterraneas. Não imaginasse falar no senado algum, que fóra delle não [fl. 8] soubesse callar; e assim negocios gravissimos que passavão por muito maos, ficavão ocultos por anos interos. Vindo d'Asia el Rey Eumeno falasse em senado pleno decretar a guerra contra o inimigo por si primeiro foi acabada, que se soubesse havia sido proposta.

Não forão só os Romanos os que souberão as regras do bem governo; e assim não forão elles sós os que obrigarão inviolavelmente o segredo: os elenicos jurarão deixar-se matar antes com o mais atrós tormento do que manifestar hum segredo. Dos Persas diz Amiano determinarão guardar-se sob pena de morte o segredo do Rey. Dos Egepcios diz Diodoro erão costumados a cortar as linguas, a quantos as não sabião refrear em guardar o segredo e erão tidos por indignos de te-las, não tanto isto por conservar a reputação de governo, quanto para o não destruir publicando seus negocios. E dos Romanos diz Valerio Maximo, não querião se perdesse o habito de collar com melhor e mais seguro vinculo de se administrarem as coizas.

Fim da segunda parte.

[fl. 9] Devertimento politico para recreyo da mocidade. Parte terceira.

Como a conservação do segredo seja tão importante par todos os que administrão justiça e em qualquer emprego ou por qualquer modo sirvão o Estado ou a Republica, seguindo-se do contrário prejuizos publicos, e irreparaveis damnos, para certificar mais esta obrigação, se julgou conveniente ??? mais ainda esta materia, com alguma reflexão, e noticia que possa ser util a grata ao leitor; e nesta consideração se continua no seguinte modo.

He verdade, que aquelle que reserva o segredo, faz guerra si mesmo para o conservar por ser natural no homem participar aos outros o que sabe; e fazer-se-lhe ??????? por qualquer modo ??????? a sua liberdade, não lhe dando ??????? ??????? em toda a sua extenção, motivo porque perguntado Pitagoras, que sentia sobre os efeitos que costuma cauzar no animo do homem a violencia de conservar o segredo, respondeo: que o silencio era a mais dificil de todas as coizas, que [fl. 10] pertencião a chamar inquietos do animo. Porem ainda que seja dominante esta vontade deve cada hum abster-se para

não sentir depois danos que não possa remediar, como succedeo ao Grão Turco Bacletto[?] que fazendo guerra ao grande Tamurcão[?] e ficando deste vencido desfazou[?] de suas bandeiras, o recebeu valerozo ????? não como prizioneiro, mas sim como príncipe assentando-o consigo em uma alcatifa; e começando a discorrer nas obrigações que ambos têm a Deos; ainda não satisfeito com esta urbanidade lhe perguntou, como determinava trata-lo uma vez que o tinha prizioneiro ao seu lado? Porem, o vencedor querendo examinar-lhe a intenção do animo lhe perguntou, se se houvesse trahido a sorte, de que modo o trataria? Ao que respondeo o incauto vencido, descobrindo o que passava no interior d'alma: que certamente, se Deus lhe houvesse dado [fl. 11] aquella vitoria, o fecharia em uma gayola de ferro para espectáculo, e exemplo de todos: vindo assim mesmo a dar e proferir a sua mesma sentença que se executou, sendo metido em uma gayola em que no espaço de tres anos acabou com atrozes penas. Esta hé a bem fundamentada cauza, porque o grande Ambrosio exclamava: Ó silencio, silencio escudo forte da bem prevista defesa! Fundamento da mais fiel estabilidade! E he sem duvida, principalmente dos que tem negocios publicos ou ainda particualres que da conservação do segredo, depende a sua prospera ou adversa fortuna. Bem confirma esta verdade, o que succedeo ao Duque da Calabria, por fazer saber ao regno a intenção com que depois queria proceder quasi fazendo guerra na Lombardia se deixou dizer, que tornando a Napoles com o castigo de muitos meteria terror a todos, o que bastou para achar as estradas impedidas quando quis tornar para o Reyno de Napoles, rebelando-se-lhe [fl. 12] todos para assim evitarem o damno cominado que indiscretamente se lhes fez saber mostrando a verdade destas dotrinas os lastimosos sucessos que acontecerão áquelles que por sua inadvertencia manifestarão o segredo que devião encobrir e por isso disse o sabio: que havia de ter a profundidade da graça o conselho no coração do homem. Por pouca agua que tenha hum rio, todos o respeitão em quanto lhe não vem o fundo, se o deixa aparecer, alem da demonstração desprezível, todos se atrevem turbar-lhe as suas aguas, e pizar-lhe as suas areas, por esta razão o grande princepe David se achou obrigado a pedir a Deos antes a guarda para a boca, que para as portas, dizendo: ponde Senhor guardas á minha boca, e portas de circumstancia aos meus beiços.

Fim da terceira parte

[fl. 13] Devertimento politico para recreyo da mocidade, em que se mostra quanto se devem amar as letras.

Não se contentão os grandes da fama mediocre, para fazer perduravel a sua memoria, e com suas ações se lanção, e trabalhão para que o tempo faça ás vezes de iternidade; e nunca se achão mais contentes, que quando considerão a sua fama postuma perpetuada entre os homens; porem feliz seria o tempo, se todos aquelles que aspirão a esta gloria, facilmente achassem o caminho della. Muitos procurarão encher a terra de suas estatuas mas nem por isso o conseguirão, por errarem os competentes meios. Alguns émulos do Monarca de Egito, tanto que derão ciumes ao Ceo com a altura de suas fabricas, se capacitarão que bastava a mesma empreza para o conseguir; porem como o meyo foi iligitimo, ficou sem efeito o projecto.

Era costume antigo entre os Espartanos fazer que os seus Reys sacrificassem as musas, primeiro que entrassem na batalha [fl. 14] e parecendo extravagante este uso lhe achou endemica discritissima razão; pois igual ao sucesso da empreza, querião que Deos lhe desse quem com magestoso acerto escrevesse o sucesso, porque se alcansar as vitorias he obra dos valerosos soldados, o por estas em magestosa prespectiva depende dos ingenhos dos varões ??????. Ou as ações as contem os historicos, ou as amplifiquem os oradores o haver topado Aquiles com hum Oméro foi a fortuna que mais lhe invejou Alexandre. Quem saberia os trabalhos de Hercules, se tão sublimes ingenhos se não ocupassem em celebra-los?

Quantos varões iguaes a Agamenon a Ulisses, e a Nestor viverão na Persia, na India, dos quaes inteiramente se perdeu a memoria por falta de escritores que o referissem, e por isso disse o poeta: que antes de Agamenon florecerão muitos heroes mas todos dignos de serem chorados porque carecendo de quem lhe celebrasse [fl. 15] as suas ações, forão oprimidos de hum largo esquecimento.

Daqui vem, que todos os que dezeção distinguir-se com suas ações, procurem achar homens, que lha saibão expor de maneira, que os conserve a fama sempre na memoria; e por isso Pompeo idolatrava o seu cronista Teofane; Publio Scipião a ????????? ????????? ; Decio Bruto a do antigo ????????? ; e ainda o mesmo Cayo Maximo desprezador de todas as letras, fes sempre estimação dos letrados, contudo não podia ter outro credito entre os vindoiros senão aquelle que estes lhe quizessem dar. E ainda que este seja o natural dezejo do homem deve comtudo procurar que as suas ações sejam tão dignas, que não fique sendo irrizoria a sua noticia; porque ainda que Nero se queira desvanecer com os louvores que [fl. 16] lhe deo Lucano na sua Farsalia o Mundo todo

se ria de semelhantes louvores, por saber as dezordenadas e crueis ações com que sempre procedeo dezordenado e tirano. Pello mesmo motivo, se rirão ainda os meninos do jumento de Esopo, que coberto com a pelle de leão, se queria venerar por tal; sem advertir que a sua vós e a sua ???????? o davão a conhecer; e para evitar este defeito deve o homem magnanimo cuidar, que antes a fama fique devedora ás suas ações de que estas o fiquem á mesma fama.

Fim da quarta parte.

Im [fl. 17] primase, e volte a conferir: Meza 19 de Junho de 1777.

Bispo de ???????? ????????

[fl. 18] Ant. Al. Ribr<sup>o</sup>

Suprimido»

**Arquivo Nacional da Torre do Tombo - Fundo da Real Mesa Censória: Caixa  
24 – Doc. 7**

## ANEXO VI

**Censura, de 22 de Julho de 1796, à obra *Educação Nacional, em que se dão as regras da Policia e Urbanidade Christam, proporcionadas aos uzos e costumes de Portugal, para servirem de instrucção aos Meninos applicados*, de João Rozado Villalobos e Vasconcellos**

«[fl.1] Senhora

O manuscrito, que tem por titulo: = Educação Nacional, em que se dão as regras da Policia e Urbanidade Christam, proporcionadas aos uzos e costumes de Portugal, para servirem de instrucção aos Meninos applicados = que compôz o Bacharel João Rozado Villalobos E Vasconcellos, Professor de Rethorica na Cidade de Evora; e pertende imprimir Francisco Rolland, e Vossa Magestade me mandou ver, e dar conta nesta Meza, he na substancia huma nova Arte, que o Autor achou, para conciliar o ceo com a terra, Deus com Baal, e os uzos corruptos do mundo com as sacrosanctas leys do Christianismo. Em todo elle mostra o Autor ser bastantemente versado na leitura dos Filosophos Modernos, uzando frequentemente das suas frases, e expressões, capazes de fomentarem as paixões da natureza corrupta. Daqui se segue approvar frequentemente por licitos os costumes que os milhores Theologos abominão, reprovão, ou ao menos julgão perigozos, ou incompativeis com os principios Theologicos, de que o Autor se mostra ignorante. Tudo vou mostrar dando huma exacta conta de todo o livro.

Logo no principio da Dedicatoria a El Rey Nosso Senhor diz: = A Educação da Mocidade he a única triaga para curar o veneno do peccado = Sendo porem advertido, talvez por algum Teologo, que esta proposição continha erro, se não fizesse menção da Divina graça, poz por sima estas palavras = Depois da graça =, com que emendou o erro daquella primeira proposição. Esquecido porem desta advertencia torna a repetir mais abaxo, ainda que por outros termos, a mesma proposição = O Contagio diz elle, do peccado he o inimigo mais cruel da Natureza Humana, mas ao mesmo tempo he tãobem a educação o unico escudo, em que reparamos os seus formidaveis golpes. O artigo mais importante da Policia he a boa educação dos mancebos, della depende toda a nossa Eterna, e humana felicidade =. Nenhum Naturalista fallou até agora com mais

generalidade nesta materia, sem se lembrar da Graça Divina que he a semente, e o principio da nossa Eterna felicidade.

O primeiro paragrafo do seu Proemio he na realidade hum Galimathias inintelligivel, ou para melhor dizer, cheio de [fl. 1v] contradicoes. Exaqui como elle principia: = Degredado o Homem da sua pureza original, e reduzido a hum estado tam miseravel como he o dos brutos mais insipientes; mas lembrado sempre da beleza da sua origem pelos sentimentos da Razão, que não ficou de todo extincta, elle trabalhou sempre desde o principio para recuperar a graça perdida, conduzindo-se por hum modo mais decente do que aquelle, que nos inspiram a nossa própria corrupção e miseria. Perdida a graça ficou a razão offuscada, e o mal passou as acções exteriores =

A Sagrada Escritura, sim comparava o homem depois do peccado aos animais insipientes; mas isto sabem todos he uma mera analogia. O Autor comtudo o representa reduzido ao mesmo Estado, e ao mesmo tempo o considera dotado da razão, ainda que offuscada. Que maior contradição? Por meyo desta razão, ainda que offuscada, diz o Autor, trabalhou o homem sempre desde o seu principio para recuperar a graça perdida. Que erro! A razão do homem por mais clara, e brilhante que seja, não tem luzes para se abrir a graça perdida. Essa he hum don sobrenatural que não podem attingir todas as forças naturaes. Pelo que se o homem trabalhou desde o principio para recuperar a graça perdida, so o podia fazer por meyo dos auxilios sobrenaturaes, que elevão o entendimento do homem para attingir a graça sobrenatural; e não pelos meros sentimentos de uma razão offuscada.

O Primeiro homem foi creado e logo elevado para a felicidade eterna, e sobrenatural, por meyo de muitos dons sobrenaturaes, como erão a justiça original, a graça sanctificante, as virtudes theologaes infuzas, a religião, e mais virtudes moraes. Pelo peccado perdeo a justiça original a graça sanctificante, e talvez o habito da Caridade: mas não as mais Virtudes Theologicas e Moraes, que cointegrão uma verdadeira religião sobrenatural, que nos ensina a amar a verdade, a pedir lhe perdão das nossas culpas, e os auxilios sobrenaturaes, que são precisos para recuperar a graça perdida. Mediante esta religião sobrenatural que o primeiro homem sempre conservou, e ensinou a seus filhos he que se trabalhou desde o principio para recuperar a graça perdida; e não so por meyo da razão natural, que não tinha [fl. 2] forças sufficientes para hum ministerio tam sublime.

O mesmo erro se dira no § 9 do mesmo Proemio, aonde diz: = A razão conhecendo sempre a miseria a que estava reduzida, e envergonhando-se do seu proprio abatimento,

como de hum estado precario, trabalhou sempre para mostrar a excellencia da sua origem pelo culto publico de Deus = a razão depois do peccado original deixada ás suas luzes escurecidas não he capaz senão do erro e da mentira, assim como a vontade deixada as suas forças não pode fazer obra boa conducente para a vida eterna qual he o culto publico de Deos. Esse culto publico de Deus he effeito dos auxilios da graça sobrenatural e não das escuras luzes da razão e consequentemente hum sinal publico, e sensível da verdadeira religião sobrenatural, que sempre houve no mundo desde a sua criação; e porque os gentios ou idolatres senão dirigirão pelas luzes della, mas sim somente pelas escuras luzes da razão, por isso o culto, que davão a Deus era hum culto falso e supersticioso.

Todo o erro do Autor consiste em não ter por Religião sobrenatural e revelada senão a que Christo revelou, ensinou no Evangelho, tendo por uma mera religião da razão natural toda a Religião dos Antigos. Porquanto depois de dizer no paragrafo seguinte, que os antediluvianos, que Noe, que Abrahão com toda a sua descendencia, que Moyses com todo o povo Hebreo, que os Fenicios, que os Gregos, e que os Romanos com todos os filosofos antigos trabalharão para mostrar a dignidade da sua natureza, e forejarão(?) com a razão, para purificar o bom senso, e abrir escola a virtude o não puderão conseguir; conclue dizendo que a verdadeira gloria, e honra da natureza, e a verdadeira epocha da Policia estava só e unicamente reservada para os felices tempos da religião revelada.

Do que se segue, que no conceito do Autor a religião dos Antigos Patriarcas, de Noe, de Abraham pay dos crentes, de Moyses, e dos Hebreos, assim como a dos Fenicios, dos Gregos e dos Romanos não foi escolla da verdadeira virtude, nem foi a mesma religião sobrenatural e revelada que Christo ensinou no Evangelho, depois de a ter Deus revelado a Adam, aos Antigos Patriarcas, a Moyses, e aos Profetas dellas(?) então que diremos das virtudes de tantos millares de santos de todas as Tribus que São João nos representa no Apocalypse. Que diremos ao texto de S. Paulo = Unus Deus una lex unum baptismo = id est = una Religio = Porem sobre este ponto tornarei a fallar com mais extensão no fim desta censura.

[fl. 2v] O corpo da obra divide o Autor em 24 lições. Na 1ª em que trata de Deus; na 2ª em que trata da Igreja Catholica, na 3ª em trata da conduta com que os Meninos se devem portar nos templos, dizcorre verdadeiramente como hum Mestre de Meninos. Nem eu acho que lhe censure senão algumas frases empuladas e alguns periodos

demasiado alheios da simplicidade dos meninos das escolas. Porém isto bem se pode perdoar a um Mestre de Rhetorica.

Na lição 4, em que trata do amor ao próximo diz no § 7 a folha 13 = Devendo nós amar o nosso próximo com a nós mesmos; devemos muito particularmente amar e fazer bem a quem nos faz mal. Esta doutrina não conhecerão os Hebreos: A eles lhes era permitido o ódio dos inimigos: Mas o Senhor nos revelou este segredo, iluminando com sua doutrina e exemplo a natureza corrompida = Que entre os Hebreos houvesse essa tradição humana de ser-lhes permitido o ódio dos inimigos, cuja tradição, <lhes reprovou Jesus Christo,> assim como outras muitas que entre eles havia, não há dúvida: Pois consta do Evangelho que esse ódio porém(?) fosse na realidade permitido como supõe, ou talvez afirma o autor, he erro, que elle não provará.

A Ley de Moyses no Decalogo lhes mandava expressissimamente amar ao seu próximo como a si mesmo cujo preceito he mesmo da ley natural, contra a qual não pode perscrever alguma tradição humana; sendo pois esse ódio proibido pela ley natural, nunca lhe podia ser permitido, senão por corrupção e por uma daquella ley. He igualmente falso dizer que os Hebreos não conhecerão essa doutrina. David a praticou com Saul, com Abraham Elias, e os Profetas fazião todo o bem que podião aquelles que os perseguião, Salomão, o Author do Ecclesiastico, Tobias e o Santo Job recomendão muito esse amor.

Na lição 5 em que trata da Civilidade em geral diz no § 2 a folha 15 = A Civilidade he a sciencia, que ensina a bem regular as nossas acções e os nossos discursos na vida civil e tratamento das gentes: Essa sciencia he a pratica de duas virtudes as mais importantes do Christianismo: Ella está fundada sobre a humildade e a caridade, e quem não tiver essas virtudes não pode ser homem verdadeiramente civil = Se esta sciencia he a pratica de duas virtudes as mais importantes do Christianismo, não se distingue da Theologia Moral, a quem pertencem as virtudes do Christianismo. Que couza he a Theologia Moral senão uma sciencia pratica que nos ensina a bem regular, ou a praticar todas as nossas acções, todos [fl. 3] os nossos discursos, todos os nossos juizos, e enfim toda a nossa vida, em qualquer estado, que ella se considera, ou soletaria, ou civilizada com o tratamento das gentes. E que couza he a vida civil, senão uma vida ordenada segundo mandão a ley natural, a ley Divina, as Leys Humanas, e os Costumes das Nações, que se derivarem da ley natural e que se conformarem com a caridade fraternal bem regulada pela prudencia ou sindirezis(?) que he a baze do Cathecismo e Theologia

Moral? Querer pois inventar outra arte distincta da Theologia Moral para regular as nossas acções na sociedade civil, he querer ostentar de inventor, e de Criador.

Na lição 6 em que trata dos vestidos, fallando das modas no § 6 a folha 23 diz: = As mulheres são a esse respeito summamente vaidozas, a dilicadeza do seu sexo, o pulimento do seu trato, a cultura dos seus costumes lhes permite mayor liberdade nas modas, pelos quaes tem uma vivissima paixão. Tudo isto faz, com que se vistão, se preguem, se touquem com muita dilicadeza, e alinhó, o qual lhes he mais permittido, pelo costume e tacito consentimento, e aplauzo de todos = Esse discurso proposto aos Meninos na sua educação he capaz de os persuadir de que o costume, o tacito consentimento e o aplauzo de todos lhes faz licito qualquer excesso no alinhó, e dilicadeza das modas: Para evitar nelles esta persuazão, devia o Autor declararlhés, ou que o costume, o tacito consentimento e o aplauzo de todos prescrevião contra a Religião; ou que aquelle excesso nas modas não era prohibido pela Religião. E como lhes poderia provar isto depois de lhes dizer que as mulheres nesta materia são summamente vaidosas, e tem uma paxam vivissima, o que he vaidade, e o que he objecto de uma paxam vivissima da natureza corrupta, sempre he viciozo, sempre he prohibido pela religião, cuja prohibiçãõ não pode prescrever o costume, o tacito consentimento nem o aplauzo desses uzos.

Desde a lição 7 ate a lição 12 em que trata do corpo e das suas principais funções com são, andar, olhar, fallar, e conversar, ainda que traz muitas couzas, que parecem [fl. 3v] impertinentes, comtudo nellas não encontrei couza digna de maior reparo. Porem na lição 13ª em que o Autor trata das disputas publicas principia o 1º § a folha 66 com esta fanfarronada = Que miseravel retrato nos offereceria a civilidade se nõs a quizessemos ver no meyo das disputas dos Peripateticos; estes homens maniachos, falladores, e possuidos de hum espirito de vertigem. Era na verdade barbaro, e iniquo similhante modo de buscar a verdade: Modo no qual os sofismas erão as razões da duvida e a vaidade e a inveja os dois meyo termos, que rejião a disputa = Ex aqui uma civilidade bem fundada na humildade e charidade christam? Ex aqui a civilidade com que este Mestre de Mininos na sua educação civil, e christam trata, não só aos mayores homens, mais doutos, e mais santos dos seculos passados, mas taobem a mayor parte dos Ministros desta Meza de Tribunal, que sendo educados com as disputas Peripateticas sem que nellas se veja o minimo sinal de inveja, e de vaidade, não podem deixar de ficar summamente injuriados com este elogio do Autor. Esta he uma rancida(?) pedantaria dos Filosofos e Criticos Modernos, que não sabendo disolver os argumentos

escholasticos propostos na forma Aristotelica a todos untão de sufismas. Será pois justo, que este Regio Tribunal vendo assim injuriados os seus Ministros em hum livro, lhe conceda a licença da luz publica?

Na lição 14 § 3 a folha 85 diz tratando das Mezas: = Em todos os tempos forão consagradas as Mezas como hum sinal de jubilo, e de agradecimento publico. E este proposito pertence o jantar, que Abrahão deo aos Anjos, a Paschoa dos Hebreos, as festas dos Persas, dos Egipcios, dos Gregos, e ultimamente as bachanaes dos Romanos. A frugalidade e a alegria era o espirito, que animava aquellas festas, assim como hoje a delicadeza, e a profusão he a que faz a parte mais brilhante das nossas mezas = Eu não reparo, em que o Autor misture a Paschoa dos Hebreos, que foi toda misterioza, com as festas dos Persas, dos Egypcios, e dos Romanos, que todas forão supersticiozas. Esta distinção saberão fazer os Meninos depois de bem versados no Catthecismo da Religião. Reparo sim, em que diga o Autor, que o espirito, que animava aquellas mezas era o da frugalidade. Se lermos os Autores que fallão nestas festas [fl. 4] nelles veremos a profuzão e o deboche, que nellas havia. O seu mesmo nome dirivado do Deus Bacho nos da a conhecer a intemperança, e a borracheira, que nellas dominava. Uma boa critica faria o Autor a delicadeza das nossas mezas se a sua antítese sosistisse no jantar de Abraham, e na simplicidade da Paschoa dos Hebreos: Porem extender esta frugalidade ás festas dos gentios, e particularmente as bachanaes dos Romanos he commeter hum erro crasissimo contra a verdade da Historia.

Na lição 15; em que trata dos jogos, e na lição 16; em que trata das cartas algumas couzas diz, que suposto não sejam dignas de maior nota, parece senão devem propôr aos meninos na sua Educação, porque podendo produzir nelles amor ao jogo, e aborrricimento as letras: como v.g. dizerlhes, que por não faltarem a civilidade não se devem levantar do jogo, ainda que percão, sem estar preenxido o tempo do divertimento, por ser isto sinal de uma alma mediocre, e ordinaria. Ou que as cartas dos homens de letras são ordinariamente cheias de hum pedantismo: Porque estes homens embebidos de muitas especies e animados daquella vaidade, que custuma inspirarlhes a literatura, carregão de tanto oiro as cartas, que por isso lhes falta o bom gosto, a lizura e a sinceridade, que characterizão o estilo epistolar. Não he elogio mais honrozo para a literatura, e para todos os homens de letras. Uma e outra couza se pode ver nos seus lugares a folha 102 e a folha 105 linha 2 § 3.

Na lição 17, em que trata dos Espectaculos diz no § 2 a folha 152 = A obscenidade da impudicicia, que reinava nos theatros dos pagãos, fez declamar contra elles os Santos

Padres; até fazerem Canones muito severos contra os clérigos, que assistiam a estes espectáculos = E podia dizer também contra os Actores aos quaes os Sagrados Canones proibem a sepultura Eclesiastica. Mas eu não sei que as obras theatraes dos pagãos tivessem mais obscenidade, e impudicia do que as Modernas: As obras Theatraes de Plauto, de Terencio, e dos outros Authores Pagãos que ainda nos restão são compostas da mesma materia, e tratão dos mesmos objectos, que as modernas. Amores, raptos, [fl. 4v] vinganças, ambições, intrigas, rebeliões, e outras paixões humanas pintadas ao vivo com todas as cores, e forças da arte e da eloquencia, com toda a suavidade da Muzica, e da Poesia, decoradas por homens e mulheres, que pelo ordinario perdem o pejo do mundo, e se acostumão a libertinagem, são os Actores, os objectos e a materia da luz, e outros espectáculos Antigos e Modernos: Se pois os Santos Padres declamão contra aquelles, como não declamarão contra estes? Havendo nelles mais as representações burlescas, que de sua natureza são mais próprias para excitar, e avivar as paixões? Eu não quero tratar aqui a questão, se he ou não he licito assistir as representações theatraes, particularmente aquellas, que são profanas, e em que são Actores pessoas de hum e de outro sexo sejão consultados sobre isto, não so os mesmos Santos Padres, mas tão bem os melhores Theologos, os Confessores, e os Homens Espirituaes: So digo, que este rasgo historico do Autor introduzido em hum livro, que hade servir de educação aos Meninos, e a mocidade, he capaz, não so de os livrar de todo o exculpulo mas ainda de os inclinar, e de os faciliatr, e de os acostumar a frequentar os theatros, e assitir aos espectáculos.

No § 8 da mesma lição diz: = O decoro do theatro, a delicadeza da Orchestra, a perfeição dos Actores, a mutação das senas, a moral da pesa dramatica, e a Policia dos Espectáculos, tudo isto faz esse divertimento summamente decente, e muito util. Todos os Monarchas da Europa tem honrado os theatros coma sua presença, e em todos os tempos, que se cultivarão os costumes, forão uma parte principal das dilicias dos povos = A primeira proposição he verdadeiramente escandalozza: Contra ella clamarão sempre os Santos Padres, e clamão ainda hoje os Theologos de uma moral sam e segura: Todas essas decorações, que o Autor diz fazem esse divertimento summamente decente, concorrem, dizem elles, para excitar nos espectáculos as paixões, que ali se representam, se pintão, se avivão. O mesmo autor diz mais abaxo: = que ser apaxonado pelos theatros não concorda com o character de homem sezudo, grave, e modesto; porque todas as paixões demasiadas são criminosas; e estas do theatro sempre trazem prejuizo aos costumes = Com isto concorda a 2ª proposição: Porque se o divertimento [fl. 5 ] do

theatro foi sempre uma parte principal das dilicias de todos os povos, isto prova, que elle foi sempre hum forte estimulo das paixões da natureza corrupta, e consequentemente uma occasião da corrupção dos costumes. O que fazem os Monarchas da Europa não sei; o que sei he, que os nossos Monarchas nunca admittirão no seu theatro Actores de hum e outro sexo, prova certa de que a menos com essa circumstancia <julgavão> indecente e nada u.... aos costumes. O mais que o Autor diz nesta lição, assim como o que diz na Lição 18; em que trata dos Bailes, he proprio para facilitar a Mocidade a frequentar esses divertimentos, sem o menor escrupulo da perda do tempo, da fazenda, e da consciencia.

Na lição 19 em que trata das conversações nas Cazas de Café, e nos Botequins diz no § 3 a folha 129 = Quando a fraqueza de alguns dos circumstantes cahir em reflexões pouco decorozas a respeito das couzas publicas, devo sempre tomar hum ar decisivo pela parte do publico, que sempre obra infinitamente com mais rectidão, e justiça, do que os particulares podem perceber = Todos os Theologos aconselhão neste cazo hum retiro, ou ao menos hum obsequiozo silencio: Mas tomar sempre hum ar decisivo a favor do publico, nenhum tal aconselhará assim geralmente; porque este ar decisivo poderá muitas vezes ser contra o ditame pratico da Consciencia, contra o qual nunca he licito obrar, ou fallar. O mentir não he outra couza mais do que contra mentem ire; e o mentir nunca he licito. Aconselhar pois hum Mestre aos Meninos na sua educação, que tomem sempre hum ar decisivo a favor do publico, he persuadilos, que he licito mentir, ou ir contra o que dicta o entendimento, quando de dizer a verdade se pode seguir algum incommodo, cujo erro bebido na educação pode ser muito prejudicial a Republica, facilitando os homens a mentir, e talvez a jurar falso em juizo, quando de dizer a verdade se lhe puder seguir algum incommodo.

No § 11 da mesma lição a folha 131 diz: = hum perorito infernal, com que os pedantes da Policia disgustão todos os circumstantes; huma verbozidade impertinente, com que estes falladores loucos afogão todo o seo Auditorio, deve ser sempre o nosso perpetuo odio, e aborrecimento. Eu vi num caffè uma Pessoa [fl. 5v] de Authoridade, e character fallar so 3 horas sem deixar fallar mais ninguém (?) = Confesso que não será facil decidir, quem era mais louco, e mais pedante na Politica, se esse fallador que arrebezado do seu entusiasmo não podia reflectir no tempo que perdia, se os ouvintes, que de sangue frio por espaço de 3 horas successivas o aturarão, sem o atalharem, nem se auzentarem, so por não faltarem a Politica? O que posso dizer he que esta especie proposta aos seus discipulos na sua Educação por hum Mestre, que era do numero

daquelles ouvintes, não pode deixar de os persuadir, que toda a perda de tempo nas Casas de Caffé, e Botequins he premitida, por se não faltar a Policia com hum fallador, por mais louco, e pedante que seja; e consequentemente; que a Policia, e a Civilidade deve prevalecer a Moral Christam, que nos prohiu toda a perda de tempo.

Na lição 20 trata o Auctor das Assembleas do Bello Sexo, cuja expressão he muito do seu gosto, pello frequente uso, que della faz em todo o discurso desta obra. Eu deixo aos prudentes a ideia, que ella, produzirá no cerebro da Mocidade Portugueza, pouco acostumada a uma expressão, que na sua origem parece liviana, e orgulhoza; e vou a transcrever o que elle diz logo no primeiro paragrafo desta lição a folha 132 = Se eu escrevesse, dizelle, se eu escrevesse nos tempos tenebrosos, em que se supunhão todos os homens, como os Satyros e Faunos da fabula, que asaltavão todas as mulheres, que vião; E eu não digo escrevesse, mas ainda pensasse em sonhos a policia, com que devemos tratar as Senhoras de qualidade, que a obrigação do meu nascimento ou cargo me impõe a buscar; Ainda que não passasse o meu systema da ideal, e Platonico, eu seria reputado por hum homem, que queria estragar a santidade dos costumes = .

Quem ouviu jamais galimathias menos intelligivel, hyperbole mais ridicula, e contradição mais manifesta. Eu dezejava saber, que tempos tenebrosos fórão estes, em que se supunhão os homens como os satyros, que asaltavão todas as mulheres que vião? Que tempos tenebrosos forão estes, em que quem pensasse escrever sobre a educação civil seria reputado como hum homem, que queria estragar a santidade dos costumes; serião os tempos dos nossos Avós? E que bello elogio para elles? E que maior contradição para o Autor o considerarlos tam selvages, e brutaes, como os satyros, e ao mesmo tempo com santidade de costumes. Esta santidade de costumes parece pertende o Autor estragar, propondo [fl. 6] aos seus discipulos uma moral relaxada contra a qual tanto se tem clamado no prezente seculo.

Com effeito esta sua pertença claramente se collige do paragrafo 4 desta mesma lição a folha 133 aonde diz: = Tam longe está de nos prejudicarem as Assembleas do Bello Sexo, que antes ellas são as que adoção os costumes, pulam os homens, adiantão as artes, e as sciencias e interessão summamente a Religião e o Estado = Que estes ajuntamentos, ou assembleas de Pessoas de hum, e outro sexo ornadas com toda a superfluidade do luxo, e vaidade das modas, segundo o uzo do tempo, e costume da Patria, preparadas para a conversação, para o jogo, para o baille, e para todo o divertimento, que move, que atrahe, e que encanta o coração humano, e que excita as suas paixões, os estimulos da concupiscencia, e os adornos do appetite sensual seião

couzas indifferente á Religião, disserão alguns probabilistas mais relaxados destes seculos anteriores: Que porem sejam interessantes a Religião, e ao Estado, so o podem affirmar os Filósofos Modernos, os Espiritos fortes, e os Libertinos do presente seculo para concordarem a liberdade das paixões humanas com a santidade da Religião Natural, que elles defendem. Mas quanto estas assembleas sejam perigosas, por não dizer oppostas, e repugnantes a Religião revelada, se pode collegir da Escritura Sagrada dos Santos Padres, e dos Theologos de uma Moral sam, e segura.

Ex aqui o que a Sagrada Escritura no[s] diz de semelhantes conversações, e assembleas = A verte faciem tuam a muliere compta, et ne circumspectas spaciem alienam. Propter speciem mulieris multi perierunt. Et ex hoc concupiscentia quasi ignis exardescit ... Speciem mulieris alieno multi admirati reprobi facti sunt: Colloquium enim illius quasi ignis exardescit ... In medio mulierum noli commotari; devertimentis enim procedet tinca, et a muliere iniquitas uiri ... Ecce occurrit mulier ornatu meretricis garrula et vaga preparata ad decipiendas animas ... Qui videt mulierem ad concupiscendum eam jam eam mochatu est in cordesuo = Se eu quizesse transcrever aqui o que sobre este assumpto dizem S. Clemente Alexandrino, Tertuliano, S. Cypriano, S. Basilio, S. Gregorio Nanz/, S. Ambrosio, S. João Chrisostomo, S. Hyeronimo, St.º. Agostinho, S. Gregorio Magno faria huma censura infinita.

[fl. 6v] Não deixarei porem de tocar aqui aquella bella pintura que destas assembleas faz S. Hyeronimo a huma senhora de grande qualidade da cidade de Roma: = Dabit tibi / diz elle / dabit tibi mamum barbarulus(?) quilibet, sutentabit lassam, et pressis digitis, aut tentabit. Erit tibi inter uiros, matronas que convivium, spectabas aliena oscula, prosgustatos libos, et non absque scandalo tuo in aliis sericas vestes auratas que miraberis. Personabit interim aliquis cantor ad mensam. Hoc dulci modulamine permulcente aures juvenes te adorientur, loquentur nutibus, et quiquid metuunt dicere, significabunt affectibus. Inter has tantas illecebras(?)voluptantum etiam ferreas mentes libido domat, quae(?) majorem in virginibus patitur famam dum dulcius pretant, quod nesciunt. Dificile inter epulas(?) servatur pudicitiam, legimus aliquem uix harentem(?) ossibus illicitis arsisse(?) a moribus, e tante carmine vita, quam perte(?). quid tu facias puella sani corporis, deliceta, pinguis, ruberis, ostuans juxta adolescentulos quo et si rogata non feceris, tamen cordis dabis testimonium, et rogeris. Libidinosa mens ardentius honesta honesta prossequitur, et quod non licet dulcius reputatur. Hinc familiaria colloquia succedunt, in quibus perdidistis vestra vocabula, et mutuo ex vobis

cognomina suscepistis. Tu illius diceris et ille tuus: obsequia, famulatus, servitia quis valler refferre(?)

Esse he segundo a Escripura, e os Santos Padres o grande interesse, que das Assembleas do Bello Sexo rezulta a religião? E não he menor, o que dellas rezulta a o estado. As familias nellas se aruinão com o luxo, com as modas, com o jogo, com os brindes, e com os mais gastos que são precizos fazerem-se para ali apparecerem brilhantes, e bem exercitadas nas danças, nos balles, na muzica, e nos instrumentos: E da ruina das familias naturalmente se segue a decadencia do Estado, cuja força e subsistencia depende muito da subsistencia e riqueza dos particulares, especialmente das Pessoas de qualidade, que a sua custa servem ao Estado em tempo de mayor necessidade.

Para provar aquella sua proposição de que as Assembleas do Bello Sexo são muito interessanyes a Religião e ao Estado diz o Autor a folha 133 = Que não se lembrava dos factos hystoricos, como v. g. das infinitas conversões, em que so [fl. 7] tiverão parte as mulheres, dos infinitos feitos gloriozos, e interessantes, em que so entrou o seu conselho e esforço, como o feito de Judit, de Esther, das Rainhas D. Luiza, e de outros muitos, que nos administra a Historia Sagrada, e profana = Não ha duvida, que em todos os seculos tem havido mulheres virtuozas, esforçadas, heroicas, e que tem obrado feitos gloriozos, e interessantes a Religião, ou ao Estado. Mas perguntava eu ao Autor se esses feitos gloriosos, e interessantes, forão rezulta das Assembleas do Bello Sexo, das que elle aqui trata: Porque se o não forão nada provão. Com effeito a insufficiencia destas provas conhece elle: porque depois das allegar em momentos allega outras em particular, a que da o titulo de Reflexões Christans, que alem de nada provarem, proposta a Mocidade na sua educação são capazes de produzir nella uma vivissima paixão pelo Bello Sexo.

Ex aqui a primeira = Sendo certo / diz elle / que a natureza nos inspira uma paixão fortissima para amar os nossos semelhantes, ella aviva mais esta mesma paixão pelo Bello Sexo, como carne da nossa carne, e osso dos nossos ossos. Se nós nos governassemos só pelas paixões inspiradas pela natureza, como os outros animaes, sem nos sugeitarmos ao imperio da Razão, fariamos o mesmo que elles, que não distinguem as femeas da sua especie para obedecerem a inspirações da natureza. Mas essa mesma natureza, que em nós, como nos outros animaes, nos dicta que devemos continuar a nossa especie, nos inspira ao mesmo tempo as regras da continencia, da honestidade, e da decencia. Degradar o homem deste conhecimentos primitivos, ou antes desta voz da

natureza, consideralo pela parte do animal destituido de Razão, e da sua mesma essencia, he formar monstros e chimeras e criar outros homens diferentes do que somos, arogando a si a criminoza mania de creador de novos homens, e de novos seres = .

Confesso que, ou não entendo o que o Autor quer dizer neste Galimathias confuzo, ou que elle he hum verdadeiro Pelagiano, ou hum mero Naturalista. Nenhum Pelagiano Antigo, nenhum Filosofo, ou Naturalista Moderno faria hum arazoado tam patetico a favor da naturaza humana, das sua forças, e das suas paixões. [fl. 7v] Os Pelagianos lendo na Sagrada Escritura que o primeiro homem fora creado recto, e elevado para a Bem aventurança sobrenatural, por meyo de tantos dons naturaes, quantos teve Adam e considerando, que o seu peccado não podia fazer outro mal a seus filhos, mais do que aquelle, que pode cauzar o máo exemplo de hum Pay, julgavão que a natureza humana assistida das Luzes da Razão, e dos conhecimentos primitivos conserva em seus filhos todas as forças, com que fora creada no Pay, para fazer todo o bem conducente para a vida eterna. Porem nenhum delles disse, que nella havia uma paixão fortissima para fazer este bem; pois não podião negar a repugnancia, que em si mesmos experimentavão, para fazer qualquer bem conducente para a Vida Eterna.

O Autor excede aos mesmos Pelagianos porque admitindo na natureza humana huma paixão fortissima para amar os nossos semelhantes, e ainda mais viva para amar o Bello Sexo com a carne da nossa carne, e como osso dos nossos ossos, admite a natureza humana assistida das Luzes da Razão, e dos conhecimentos primitivos uma paixão fortissima, e vivissima para amar o nosso proximo, cujo bem conduz para a vida eterna suposta a elevação da natureza. Em fim esse pensamento bebeo o Autor nos cha...os(?) dos Filosofos Modernos por onde talvez lé: Porque como estes não admitem Religião revelada, nem elevação da Natureza para a Bemaventurança Sobrenatural considerão todas as paixões da natureza corrupta como humas propriedades, ou perfeições da mesma natureza, que a conduzem para a felicidade temporal em que colocão toda a Bemaventurança do homem; e como a paixão pelo Bello Sexo, he a que mais arrebatava ao mesmo homem, estes julgão como mayor perfeição, dandolhe o titulo de amor dos nossos semelhantes, da nossa carne, e dos nossos ossos; sendo certo que pelo titulo da similhaça mayor e mais viva devia ser a paixão dos homens pelos homens, do que pelo Bello sexo; segundo o axioma = propter quod unum quod que tale et illud magis.

He verdade que o Autor em toda essa lição não se esquece de recomendar aos seus discipulos a piedade, a honestidade, e a christandade com que se devem portar nestas Assembleas do Bello Sexo, advirtindo-os no § 12 a folha 138 = Que [fl. 8] tudo o que

nella tem dito a favor das Assembleas do Bello Sexo só se entende daquellas assembleas honestissimas em que so entrão Senhoras de qualidade, e em que so reina a modestia, a decencia e a virtude = Mas que virtude poderá reinar nestas assembleas honestissimas, em que só entrão Senhoras de qualidade? O Autor declara no § 18 da mesma lição a folha 155 aonde diz: = Ordinariamente as conversações destas assembleas cahem sobre couzas pequenas: em geral os prazeres, os jogos, as operas, as romarias, as quintas, as modas são o argumento destas assembleas. Os homens de espirito que estão acostumados a tratar de outros objectos, lhes custa descer a estas cousas. Mas nesta mesma condescendencia he que consiste a civilidade para contemporizar com a fraqueza das ideias, e da instrução do Bello Sexo = .

Ex aqui a virtude, que reina nestas assembleas honestissimas do Bello Sexo, uma forçada, e violenta(?) condescendencia em todas as suas bagatellas, e nesta condescendencia consiste a civilidade, ou a vida civil, de que o autor trata em toda esta obra, e que tanto exagera aos seus discipulos para lhes provar que estas assembleas são muito interessantes á Religião, e ao Estado. Mas de quantos crimes contra a Religião, e contra o Estado não he sempre acompanhada esta virtude civil, que reina nessas assembleas honestissimas. A ociosidade e perda de tempo gasto nessas bagatelas, as palavras, e conversações superfluas, as vizitas incautas ou curiozas, a prezunção no dizer, a complacencia no ouvir, a leviandade no ver, a vaidade no ser vista, o perigo proximo de pensamentos incontinentes, de juizos temerarios, de murmurações do proximo são outros tantos crimes moraes, e civis inseparaveis destas assembleas honestissimas, dos quaes se hade dar uma estreitissima conta no tribunal divino. Propõe pois este mestre aos seus discipulos a virtude civil, que reina nestas assembleas honestissimas, sem os precaver dos peccados, e dos perigos de peccar, que sempre nellas ha por mais honestas, que se considerem, he metelos nos perigos, he facillitalos para o peccado, he induzilos para o erro.

Tudo o mais que o Autor diz nesta lição, na lição 21<sup>a</sup>, em que trata das Romarias, e Festas do Campo, na lição 22<sup>a</sup>, em que trata dos Noivados, Baptizados, e Banquetes, [fl. 8v] e na lição 23<sup>a</sup>; em que trata dos divertimentos do Carnaval vem revestidos do mesmo estilo, do mesmo entusiasmo e da mesma mania por essa virtude civil sem jamas se fazer cargo se ella he conforme com a virtude moral, isto he, com o que nos manda a Ley de Deus.

Na lição 24 faz o Autor humas reflexões sobre as quatro Virtudes Cardiaes, que diz: = São o alicerce da Policia e Urbanidade Christam, e que o verdadeiro, cidadão so nellas

pode fundar o seu character = Eu não sei se elle nisto contradiz o que tinha escrito na lição 5 § 2 a folha 15 aonde depois de diffinir a virtude da Civilidade acrescenta: = Esta sciencia he a pratica de duas virtudes as mais importantes: ella está fundada sobre a humildade e a charidade, e quem não tiver estas duas virtudes não poderá ser homem verdadeiramente civil = O que sei he, que se o que o Autor aconselha aos seus meninos sobre a prudencia e sobre as mais Virtudes Cardiaes, para não faltarem a Civilidade, lhes aconselhasse algum Theologo, para não faltarem a Christandade, o Autor seria o primeiro que o trataria de Rigorista, de Fanatico, de Estoico, de Cinico, de Mezan trope, termos muito uzados por elle nesta obra, a qual finaliza com hum discurso sobre as Sciencias, e Artes, que os Meninos devem aprender para serem bons Cidadãos e juntamente bons Christãos, e sendo ellas tantas, que he moralmente impossivel, que sejam maes os Meninos, quaes aprendão todas segue se, que segundo o Modelo do Autor não sera facil haver nestes Reinos muitos homens que sejam bons Cidadãos, e juntamente bons Christãos.

Eu por não fazer esta censura mais fastidioza não me deterei sobre o que elle diz da necessidade de cada uma destas Sciencias, ou Artes para constituírem hum perfeito Cidadão, e juntamente hum perfeito Christam: O que não posso passar em silencio he o inthusiasmo com que elle falla da necessidade da Escola ou Sciencia Moral. Exaqui as suas expressões: = He vergonha para o nosso seculo tam fecundo em espiritos brilhantes, que fazendo os pagãos tanto cazo desta Sciencia, que ella veyo a ser a dili<xi>a(?) dos Estoicos, não faça ainda entre nos mais avultados progressos. A Ethica não he mais do que a Eschola da Virtude ella nos ensina o modo com que devemos regular as nossas acções [fl. 9 ] para sermos virtuosos, e consequentemente felices: Elle dezia ser a Sciencia universal de todos os homens; pois que se funda no Direito Natural, e ajuda tanto o esclarecimento da Religião Revelada. O Menino que quizer fazer algum dia figura brilhante no mundo a deve necessariamente estudar =.

Ex aqui o fim porque os Meninos devem estudar a Ethica, ou Sciencia moral, segundo este grande Mestre; para fazerem uma figura brilhante no mundo. Esta he a grande Escola da Virtude para que este Mestre convida aos seus discipulos. Jesus Christo manda aos seus que desprezem o mundo, e todas as suas grandezas, se querem ser seus discipulos. Este novo Mestre aconselha aos seus, que emendem a Policia se querem ser espiritos brilhantes, e se querem fazer figura brilhante no Mundo. Que bella concordia esta doutrina deste Mestre, e a doutrina de Jesus Christo? Mas não he isso em que eu reparo: pois vejo que o Autor arrebatado do seu entusiasmo não faz reflexão

nas propositões que profere(?). ate que(?) reparo he na grande necessidade da Ethica, que elle considera nos seus discipulos, para serem bons Cidadãos, e bons Christãos, depois de os considerar bem instruidos no Cathecismo da Igreja.

Que os Filozofos Antigos, ou os Filozofos Modernos fizessem, ou fação ainda hoje as suas delicias do estudo da Ethica muito embora: Porque não conhecendo ou negando a Religião Revelada não lhe restão outras luzes para regularem as suas acções na ordem moral, e para aplanarem as dificuldades que se lhes logo offerecem na intelligencia da luz primitiva, ou natural, que Deus imprime no coração do homem em a sua creação, senão as escuras luzes da Razão envolvidas debaxo das trevas, que sobre ellas espalhou o peccado original, cujas luzes escurecidas são a <única> guia da Ethica de huns e outtros Filozofos. Porem os Catholicos depois de bem instruidos no Cathecismo da Igreja, depois de illustrados com as claras luzes da Religião Revelada, que necessidade podem ter de recorrerem a uma razão(?) obscurecida? Porventura a Religião Revelada exarada no Cathecismo da Igreja, e na Sagrada Escritura não explica mais claramente e com mais certeza todas as dificuldades desta ley primitiva, que he o fundo do Direito Natural.

Que explica Moyzes no seu Decalogo, e mais Livros do Pentateuco? Que explicação os Profetas nos seus Livros, os Evangelistas nos Evangelhos, os Apostolos nas suas Epistolas, os Santos Padres nas suas Obras, os Pastores nos seus Cathecismos e os Theologos na sua Theologia Moral, senão esta ley primitiva [fl. 9v] que depois de existir encerrada no seyo de Deus por uma eternidade por cuja cauza se diz eterna foi impressa no coração do homem em a sua creação, por cuja cauza se chama natural. Esta Ley Primitiva, Eterna e Natural, que logo, que foi impressa no coração do homem o obrigou a uma Religião, que segundo as diversas circumstancias se chama Eterna, Natural, e Revelada. Eterna porque se os homens existissem ad eterno, a ella serião obrigados desde o primeiro ponto da eternidade; Natural porque mesmo com o homem ficando logo obrigado desde a creação essa religião; Revelada, porque sendo revelada ao primeiro homem e depois reforçada pella corrupção dos homens, Deus a torna a revelar a Moyzes aos Profetas e não sendo ainda bastante mandou seu filho ao mundo para a ensinar, e pregar a todos os homens, por si, por seus discipulos, e pelos pastores da sua igreja, que espalhou por todo o mundo.

De sorte que enquanto os homens se lembrarão desta ley impressa no seu coração e da Religião a que ella os obrigava, a forão observando e seguindo, segundo as luzes e forças sobrenaturaes, com que Deus os ajudava. E nesta Ley e Religião viverão, e se

declaravão Adam, Abel, Noe, e todos os justos daquelle tempo; não precisamente pelos seus mercimentos resultantes da observancia daquelle ley, e Religião, mas sim pelos mercimentos de Jezus Christo venturo, applicados por anticipação mediante a graça que o mesmo Christo lhes havia (?), e que Deus lhes ministrou para observarem aquella ley impressa no seu coração, e executarem aquella Religião, a que elle os obrigou, e que o mesmo Deus havia seu tempo (?) pregar, estabelecer, ou para melhor dizer em eles(?), segundo a sua mesma expressão = non veni solvere, sed adimplere(?)= corrompendo se foram cada vez mais os homens na ordem moral, esquecendose daquelle ley primitiva impressa no seu coração, e da religião a que ella os obrigava, foi Deus servido pela sua infinita misericórdia a tornar a lembra la, primeiramente ao povo hebreo por Abbrahã, Moyzes, e mais Profetas, depois por seu filho unigenito, que por si, pelos seus Apostolos, e discipulos, pelos Pastores da Sancta Igreja, pelos Santos Padres e Theologos a tem revelado, ensinado e pregado por todo o mundo. Do que se segue que esta religião, a que hoje chamamos revelada he a Religião verdadeira de todos os seculos, e(?) nos serem salvado a todos os suptos(?) de hum, e outro testamento, maes ou menos explicada segundo a capacidade dos homens, e incompreensivos juizos de Deus mas sem profundidade naquella ley primitiva que Deus imprimio no Coração do Homem, e que faz o fundo de todo o Direito Natural. Eu dírea natural pois <so> se deve estudar nas fontes da Religião Revelada, e não charcos corruptos de Pufendorf, Heincio, Bialfer, e Brothemaquizo, nem na Ethica dos Estoicos.

[fl. 10] Pelo que respeita ao estilo do Autor eu não vi mais forçado, fastidioso e improprio de hum Mestre de Eloquencia, e da Civilidade Christam. Ninguém trata com mais desprezo, e petulancia a tudo o que disserão, pensarão, ou costumarão os Antigos. Tudo nelle são elogios da civilidade, e dos costumes do prezente seculo; particularmente daquelles, que respeitão ao tratamento do Bello Sexo, em quem o autor parece idolatrar. Em tudo falla como Mestre que diffine, e que tem sempre a razão a seu favor. Tudo o que encontra contrario a seu pendor he pedantismo, charlatanaria, barbaridade, e couza indigna de hum seculo tam illuminado. Pelo que fazendo o meu juizo sobre esta obra intitulada = Educação Nacional Civil e Christam = sou de parecer que seja inteiramente suprimida, e os eu Autor examinado sobre os livros porque lé, e privado ou suspenso da educação da Mocidade, achandose uzar de livros prohibidos por esta Real Meza.

Ouvidos alguns deputados, que tem pleno conhecimento da religião do Autor rezolveo a Meza, que se suprimisse a obra, mas não se procedesse ao mais que julgou o Censor. Meza 25 de Setembro de 1777.

Frei Mathias da Conceição

Frei ? de Santa Clara ? ...

Frei Francisco Xavier de Santa Anna(?) e Fonseca»

**Arquivo Nacional da Torre do Tombo - Fundo da Real Mesa Censória: Caixa  
10: Censura n.º 85 de 1777**

## ANEXO VII

### **Plano de huma Educação Phizica, Moral e Didatica para poder executarse na Corte de Lisboa**

«[fl. 1] PLANO de huma Educação Phizica, Moral e Didatica para poder executarse na Corte de Lisboa.

SENDO A EDUCAÇÃO depois da GRAÇA, a única triaga contra o veneno do pecado original, fica claro, que todos os homêns que são obrigados pella Natureza, ou por outro qualquer titulo a conducta, e governo dos Meninos, devem buscar com todas as veras para os seus parentes pupilos, ou filhos, a melhor Educação imaginavel. Está hoje assentado pelos melhores Auctores, e por todas as Nações cultas da Europa, que os Meninos se devem criar fora dos olhos de Seus Pays; para evitar que ou descuido, e inercia dos Pais, ou a Sua pouca aptidão, e talento, e ás vezes o mão exemplo; ou a demaziada ternura, e condescendencia da May, não atraze os progressos da Sua Educação em todas as Suas partes.

AS NASCÕES MODERNAS DA EUROPA, e ainda as do seculo de 15º depois da Restauração das Letras, imitavão o antigo, e louvavel costume dos Gregos aprendendo as Sciencias no Egipto, o dos Romanos aprendendo em Athenas; e depois em Osca (hoje Uesca em Castella) primeira Universidade da Espanha, fondada por Sertorio. Os Inglezes não só se educação nos Colegios; mas paixão para França, Roma; Holanda, e Alemanha: assim como todas estas Nasções paixão humas para as outras conforme o Seu Caprixo, e comodidades dos Individuos; criando-se sempre fora das vistas de Seus Pays, e parentes; debacho do Cuidado de Seu Pedagogo. Os nossos [fl. 1v] Portuguezes fizeram sempre o mesmo; passando muitos a França, Bolonha, e por toda a Italia, e depois a Salamanca; e por onde vierão a celebrar com a Sua memoria, a honra da Sua Nação.

NESTA CORTE DE LISBOA SE PRATICA HOJE O mesmo tão louvavelmente a respeito dos Colegios: pois vemos em os nossos dias fundado o Real Colegio dos Nobres, e de Mafra; e onde são educados, e instruidos maravilhosamente: os da primeira, e Segunda Nobreza. Vemos tambem, que não bastando para huma Corte tão Nobre, e populoza os ditos dous Colegios; se educação, e instruem tambem muitos Meninos bem nascidos em o Seminario dos Reverendissimos Padres da Congregação da Missão de S. Vicente de Paulo; alem dos outros Colegios; e particularmente na Caza de Monsieur Beling, e algumas mais para por este meyo se criarem, educarem, e instruirem os Meninos, que depois devem figurar no mundo para honra da Igreja, e do Estado. Donde se pode facilmente concluir, que esta pratica tambem estabelecida, não só se acha fundada na razão, mas tambem na experiencia, que confirma sempre a necessidade da Educação longe das tenras vistas dos Pays.

PARA CONSEGUIR OS DITOS GLORIOZOS FINS HE QUE SE propoem este Plano. O Seu Autor não tem a temeridade de pensar que elle he melhor que os Estatutos, ou praticas dos Colegios, e Cazas que referio: elle o propoem Simplesmente porque lhe parece bom, e com o unico fim, não de impôr a pessoa alguma, mas só para mostrar aos Pais de familias quaes são as suas intenções, e utilidade que poderão tirar seus filhos delle, se quizerem servir dos bons officios, que se lhe offerecerem; attendendo tambem a necessidade de huma boa Educação como as de que fiz menção, e à grandeza, e população desta corte.

[fl. 2] O AUTOR DESTA PLANO HE O QUE DEZEJA SER O INSPECTOR, E Director d'elle, quando assim se lhe conceder a licença necessaria, e o Beneplacito, e Real aprovação de Sua Majestade. Elle se acha na idade de 42 annos; he cazado, e tem familia; he hum homem applicado, instruido, e exercitado no ensino da mocidade: tem hum genio, e inclinação natural para o ensino dos Meninos; e que de tudo o referido tem dado provas publicas, e constantes tanto em 24 Livros que tem composto, e traduzido de Latim, Francez, e Italiano, como no ensino, e applicação, que tem tido pelo espasso de muitos annos em ensinar a Mocidade por Autoridade Regia.

EM PRIMEIRO LUGAR, SERÁ DESTINADA HUMA grande Caza, fora do maior concurso da Corte, com vista de mar, e quintal; e que possa acomodar quarenta Meninos com todas as comodidades, e decencia necessaria. Ella será buscada em sitio ameno, e

onde a salubridade do ar seja melhor para a saude dos mesmos. Estes se devidirão em duas Turmas: huma que tenha os Meninos desde 5 annos até 10, e outra desde 10 até 15 tudo com pouca differença. São determinadas estas idades, para mostrar onde deve principiar a Educação: sendo summamente importunos os Meninos antes de 5 annos; e difficultoza a Educação depois de 15 não tendo antes principiado já. O Emilio = de Rosseau he digno de reprehensão neste descuido.

CADA MENINO LEVARÁ TODA A ROUPA precisa do seu corpo, e cama para o Seu uso: Levarão todos os moveis precizos para o Seu quarto, e todos os livros para as Suas Instrucçoens. Em o tempo da molestia serão curados, e tratados á custa da Caza, se quizerem; Sem elles fazerem a mais pequena despeza de Medico, Botica, e Cirurgião, ou no Seu tratamento. Toda a [fl. 2v] mais despeza de comer, e beber, limpeza de Caza, e roupa, gasto de Criados, e Criadas, Pedagogos, e Mestres, será por conta do Director da Caza, ficando o mesmo responsavel a todas as faltas que houver.

SERÁ preciso advertir que os Meninos desde a idade de 5 annos até 10 pouco mais ou menos serão servidos por Criadas habeis neste exercicio; tanto para os vestir, lavar, e pentear, como para cuidarem na Sua Limpeza, e aseyo; e para por este modo estranharem menos os meninos as Suas Cazas, e Serem mais bem servidos, e alinhados: por ter mostrado a experiencia, que as mulheres tem para tudo o referido, hum grande prestimo; e de que se não podem dizpensar aquellas idades. A respeito dos Meninos maiores terão mais o mesmo cuidado nas Suas Coizas da roupa, e vestidos do que nas Suas pessoas: as ques pertencerão mais aos Pedagogos, e Criados: principiando a deixar, como dizem, de Ser molherengos.

DEPOIS DE TUDO O REFERIDO se praticarão as tres Educações do modo que vou a expor todas unidas, ainda que por agora se dão as Suas ideias Separadamente.

### EDUCAÇÃO PHIZICA

ESTA EDUCACÃO he a mais importante de todas: ella he destinada a formar, e fortalecer os corpos, e sem a qual ficarão os Meninos sempre invalidos, e fracos; e por isso incapazes de tudo. Aqui não me lembrarei das impertinentes regras do novo curso,

nem das delicadezas importunas da Gymnastica dos Gregos, e do Romanos mas tambem não me esquecerei de tudo o que dizem a este respeito a Educação completa, a Phizica, e todos os tratados sobre esta [fl. 3] importante materia; assim como dos uzos, e costumes das Nasções Polidas, para applicar o que for adoptavel no nosso Paiz, e preciso para a Educação perfeita.

AINDA QUE OS MENINOS DEVEM TER SEUS quartos para retiro, e para o Estudo, os da primeira turma devem dormir todos em huma Caza; ainda que em camaratas separadas em forma de dormitorio. Deste modo serão sempre vigiados de noite para serem servidos, e cobertos, e reparados de todos os desconcertos a que está exposta a Sua idade, e fraqueza: e assim são tambem aliviados do susto, e medo tam proprios dos Seus annos, e indemnizados de todos os prejuizos da parte do intendimento, e do Coração. Os da Segunda turma pelo contrario, dormirão em Seus quartos separados, retirados das criadas, e a Seu respeito se terão as maiores, e mais vivas cautelas.

EM O INVERNO se levantarão ás 6 oras: almoçarão às 7; e brincarão desde as dés até ás 11. A esta ora jantarão, e brincarão até á huma da tarde. Ás 5 se tornarão a divertir, e brincar até a noite: ás 8 seião, e brincão até ás 10; hora em que se recolhem. O almoço constará humas vezes de Châ com foliar, outras de Café, ou Chicolate com tostas; outras de pam, e frutas, ou queijo, ou de couzas de lume tudo á vontade dos Meninos, para estranharem o menos que for possível as delicias das Cazas paternas. Tudo o referido será á vista do Seu Director, e servido por Criados com toda a promptidam, aseyo, e fartura para contentar sempre os Meninos.

A ESTA hora já estarão vestidos e lavados, e penteados pelas Criadas, e Criados com toda a limpeza, e decencia que he tão propria sempre e necessaria em os primeiros annos tanto para a saude como para a Civilidade. Nas horas do Seu divertimento serão sempre [fl. 3v] asestidos e vigiados por hum Criado para regularem os Seus brincos, evitar teimas, profias, disputas, ou dezordens, que alterando o espirito, podem prejudicar a Saude do Corpo. As occupações destes divertimentos serão todas aquellas que são proprias dos seus annos: dos quaes huns são destinados para fortalecer o Corpo; e outros por meyo da destreza, e raciocinio, para polir o intendimento, e o espirito.

AO JANTAR comerão em Meza redonda, e todos juntos. O Seu jantar constará de Sopas; tanto á portugueza, como de sardinha, e macarão, sempre variaveis; de vaca, e presunto, e arroz, e sempre de hum prato do meyo; celada, queijo, frutas, e sempre manteiga de prato. Em dias de peixe haverá sempre quatro pratos; que serão sopas, legumes, ou ervas, peixe fresco, ou seco, e arroz, e as mesmas sobremezas conforme as estacções: de sorte que os Meninos ficarão sempre satisfeitos, e verão sobejar muito para terem ideias de fartura, e grandeza: o que será ainda indispensavel para o sustento dos domesticos da Caza. Em todos os dias notaveis do anno, se fará conhecer a Sua destinação com mais hum prato.

AS MERENDAS que sempre haverá constarão do mesmo que o Almoço, proporcionado sempre o referido ao gosto, e dezejo de cada Menino para os trazer contentes, e satisfeitos: mas tratando-os ao mesmo tempo de sorte que os não faça apetitozos, e golozos. Será sempre satisfeito o seu gosto em quanto não lizonjear o caprixo, e as extravagancias dos seu dezejos.

AS SEIAS constarão sempre de dous pratos além das sobremezas. Ordinariamente serão de peixe, e hum prato de ervas [fl. 4 ] alem da Selada que sempre houvera; estes se mudarão ás vezes em pratos de massas à Italiana, ou outras diferenças semelhantes: mas tudo sempre com grandeza e aseio. Em todas as Quintas, dias Santos, e Domingos haverá a noite hum prato de Carne guizada, alem do referido. Tudo isto será feito por Cozinheiro habil, bem servido, e as ditas horas sem discrepancia, ou falencia alguma. Em qualquer dos dias que os Meninos forem vezitados por Seus pais, ou Parentez, e amigos, terão o gosto se os convidarem a jantar, e de comerem com elles, e o que servirá de hum grande prazer, e honra para o Director da Caza.

EM TODOS OS DOMINGOS, DIAS SANTOS, e Quintas feiras, que serão friados, sairão os Meninos a passeio pelo campo, e cidade, e às Suas vizitas: os que sairem a pé irão sempre asestidos de hum Criado que cuide nos Meninos levando-os, e trazendo-os com muita modestia, e gravidade; e explicando-lhe aquillo, que perguntarem, servindo tambem estas respostas do seu Aio, de huma parte da Sua educação moral, e didatica. Os que sairem em seje, irão tambem com o seu Pedagogo, ou Criado de Seus Pays para servirem, e goardarem.

OS DOUS objectos da Educação Phizica he conservar e augmentar a Saude do Corpo; e por consequencia, as forças do Espirito, e as virtudes do Coração. A estes dous objectos, e ás Suas necessarias consequencias, se derigirão todos os cuidados do Director, que fará executar pelos Seus domesticos, inventando para elles os exercicios, e divertimentos proprios para estes dous importantes fins. A tudo isto se reduzirão a gymnastica domestica dos Meninos; de sorte que se possam conseguir os fins dezejados; e de cuja falta [fl. 4v] procedem todos os males da vida, e não sey se nas Educações domesticas dos filhos da Corte há huma grande falta a este respeito; criando-se por isso corpos fracos, e debeis, e incapazes dos trabalhos da Guerra, e das viagens, e trabalhos precizos, e peniveis para o Serviço do Estado.

### EDUCAÇÃO MORAL

CHAMA-SE EDUCAÇÃO MORAL áquella que cuida nas instrucções da Religião, e na das virtudes Christãs, moraes, e civis, e que depois, as sabe plantar, e arregar no Coração da Mocidade, para produzirem os frutos convenientes no curso da vida. O homem he hum ente moral, pensante, inteligente e immortal; que não foi criado só para si, mas para dar gloria a Deos, que o criou, e ser util ao seu Rey, á sua patria, e aos seus semelhantes. Daqui nascem as obrigações para com Deus, e a necessidade da Relligião, as suas instrucções, a venia dos Misterios, e dos Dogmas, a necessidade dos Sacramentos, e o seu uso; o conhecimento da sua Moral, e a pratica das suas virtudes tanto a respeito de Deus, como do proximo, e em cujas obrigações está encerrada toda a Ley, e os Profetas.

Do que fica dito, se segue naturalmente que pertencem à Educação Moral, tambem as obrigações que se devem ao Rey, á Patria e aos outros homens conforme os seus caretéres, autoridade, dependencia, ou idades, sexos, merecimento, ou talentos. Nella se explicará tudo o referido: e para o que se dará as verdadeiras Instrucções, a respeito da Relligião pelo Catecismo, e Educação Moral, que para isso se fez já de preposito. As ideias do Amor do Principe, da Patria, e dos outros homens se darão pelo Compendio das Relações [fl. 5 ] Academicas de Heineicio comentando as obrigações do Homem, e do Cidadão de Grottio, e Puffendorffio, para o que se traduzio todo em Portuguez, e se acha nas licenças, assim como a Educação Moral.

SERVIRÁ TAMBEM A ETICA DE Heinecio, que se está traduzindo, para aplicar a moralidade das Acções: terá o mesmo uso os Officios de Cicero que se achão traduzidos em Portuguez: e depois se christianzarão as suas ideias com a leitura da Obrigações de S. Ambrosio, que tambem estão em Portuguez: cujos livros forão traduzidos para o mesmo fim. Se for necessario fazer uso de mais livros se fará conforme a necessidade, e a experiencia, o for mostrando; porem este uso será sempre de todos aquelles livros que forem o mais orthodoxos, e sem a mais pequena suspeita de liberdade.

LOGO que os meninos estejam lavados, vestidos, e penteados, que será pellas seis oras, passão logo a ouvir Missa, que haverá todos os dias em Oratorio privado. Esta será ouvida pelo Manual da Missa, tendo-se explicado primeiramente aos Meninos todas as cerimoniaes deste Augusto Sacreficio. Acabada a Missa terão hum quarto de hora de oração, que se fará tambem todos os dias pelo Capelão da Caza. Desde as 7 até ás 9 estarão ocupados em o estudo do Catecismo, tanto aprendendo de côr, as perguntas, e respostas, que dirão em Dialogos huns com os outros; como respondendo ao Mestre; o qual explicará as verdades de viva voz para se perceberem melhor; e perguntará depois aos Meninos [fl. 5v] não só pellas palavras do Catecismo; mas com as explicações para ver se o perceberão.

DE tarde desde a huma hora até as cinco se applicarão os Meninos a saber, e estudar as obrigações do homem, e do cidadão, e do homem Christão, e philosopho. Para isto servirão os livros já apontados: fazendo-se Rezumos pequenos de tudo o referido para os Meninos da primeira turma: tudo destinado aos objectos da Educação Moral já contemplados, e com os mesmos fins referidos.

DEPOIS DE instruidos os Meninos no Catecismo, e ainda no tempo das suas Instrucções, e depois de conhecerem a moralidade de todas as acções da vida Christã, e Civil; não se perderá ocazião alguma em que se lhe não inspirem as virtudes Christãs, moraes, e Civis; tanto nas ocaziões do seu ensino, como nas practicas, paseios, e em todas as suas acções. Este methodo he facil, e poderosissimo, tanto por que he natural, como por achar a alma disposta para estas maximas: e este he o mesmo que inculca o Arcebispo de Cambray na Educação dos Meninos que se traduzio, e aprovou para a sua Educação.

LOGO que anoitecer terão todos os Meninos em todos os dias, meya ora de Oração mental, e hum quarto de exame de consciencia, no Oratorio privado; e a qual se fará pelo Capelão da Caza. Este exame de Consciencia será necessario, não só para se arependerem todos os dias diante de Deus [fl. 6] das faltas que tiverem cometido; mas tambem, para que com facilidade se poderem confessar todos os mezes. E na verdade se confessarão todos os mezes indispensavelmente: porem não serão obrigados a Sagrada comunhão todos, par evitar alguns Sacrilegios; e estando em costume não comungarem sempre todos, so se chegarão á Sagrada Meza aquelles, que os confessores mandarem.

AS DUAS HORAS que restão até á seia, se applicarão tambem aos Estudos da Moral, ora numas, ora noutras coizas; conforme sempre a maior, ou menor applicação dos Meninos, e a maior ou menor necessidade, que tiverem das mesmas instrucções. Para a noite servirão admiravelmente o Thesouro das Meninas, e o Armazem dos Adultos, que se traduzirá para os mesmos fins, e tudo o que he de La Prince de Boomot. Todos os Domesticos de ambos os sexos; e principalissimamente Aynos, e Pedagogos, serão pessoas virtuozas, de bom concelho, e exemplo. Estes são sempre a ruina da mocidade, quando são de pecimos costumes: elles destroem mais com os seus exemplos, do que podem instruir os Mestres com os seus concelhos.

AINDA que o Director hã de trabalhar mais que todos, tanto nas direcções, e governo economico e politico, com o exercicio de muitas Instrucções; com tudo, sempre será ajudado de muitos Mestres tanto nesta Educação, como na Didatica. Estes Mestres trabalharão sempre debaixo dos olhos do dito Director; e serão taes, que este os possa encarregar seguramente da importancia de hum [fl. 6v] tal negocio tam cerio, e de tanta consequencia: de sorte que os Pays de Familias possam seguramente descansar na sua conducta, vigilancia, e cuidado.

## EDUCAÇÃO DIDÁTICA

CHAMA-SE EDUCAÇÃO DIDACTICA aquella que cuida nas Instrucções do Entendimento Relativos ás Artes, e Sciencias uteis. A estas hé que ordinariamente se

destinação os Colegios, em qual tem tanto cuidado os Professores. Esta terá também huma parte brilhante neste Plano do modo, que se vai a propor.

DESDE AS 7 TÉ AS 10 serão os meninos ocupados em Ler, escrever, e contar, ensinando-se-lhes ao mesmo tempo o character da letra manual e typographica e a ler clara, e distinctamente: para isto se lhe darão as ideias da Ortographia estrangeira(?), e proporcionadas aos seus annos, e capacidade. De manhã haverá també huma hora de Grammatica da Lingoa Portugueza, para evitar todos os erros, que se costumão commetter nesta lingoa, que hade ser sempre a lingoagem corrente de todos os negocios da vida, e o principio e fundamento das mais lingoas vivas, e mortas. Na outra da manhã, serão applicados os Meninos, huns à Lingoa Latina, outros á Franceza, Ingleza, e Italiana, aprendendo duas coizas importantes, huma a falar correntemente as ultimas 3 lingoas; outra, a traduzir perfeitamente em bom Portuguez qualquer livro escrito em as ditas Lingoas dando-se-lhe para isto as regras da boa tradução.

[fl. 7] DE TARDE SERÃO OS MENINOS applicados aos principios da Chronologia; e Geographia pelos Compendios do Chronologo e Geographo manual que se traduzirão em Portuguez para os Meninos mais atrazados, e mais pequenos. Os que quizerem applicar-se a maiores estudos, serão instruidos também na Retorica Poetica, Logica, Metaphizica, Etica, e Geometria. Tudo o referido será exercitado por Mestres competentes, e proprios para as ditas faculdades; e sempre de baxo dos olhos, e inspecção do Director.

NA MESMA tarde, e a noite se explicarão os Ellementos da Historia em geral: depois os da Historia Sagrada e assim mesmo da Historia Grega, e Romana. Porem no que haverá hum particular cuidado será na Historia do Pais; tirando della as importantes reflexões que forem mais proprias para a vida, e destino dos Meninos. Para isto servirá utilmente o compendio da vida dos Reys de Portugal, para o uzo das Escollas das Necessidades assim como os Mapas de Portugal do Reverendo Padre João Baptista de Castro; reduzindo a mais breve compendio o que trata a este respeito.

PARA dar huma ideia universal ainda de outros conhecimentos utilissimos; e por ser esta idade a mais prompta para estas Instrucções; se lhe dará huma Instrucção ainda que superficial das mais Sciencias, e Artes: servindo para isto a Educação de Langlet; o

Methodo dos Estudos de Monsenhor Rolin, os Principios da Literatura de Bateux, a Escolla da [fl. 7v] da Literatura, e a Analise das Sciencias, ou a Erudição completa de Bielfeld: por ser hum natural defeito na Educação Didactica não ter huma ideia do Espirito e utilidade daquellas Sciencias, e Artes, que fazem as delicias da Literatura, a honrados homens de Letras, e o Ornamento de todos os Estados. Porem se evitará sempre, que estas Instrucções não degenerem em charlatanaria, e huma louca prezunção e vaidade.

AS ARTES LIBERAES tem hum distincto lugar tambem na Educação Didactica e Civil. Pelo que os Meninos aprenderão tambem a dançar, o a tocar algum instrumento util; e tambem a solfa os que tiverem para isso particular propenção. Como a Arte do Dezenho he para toda a classe de pessoas hum muito louvavel, honestissimo, e muito divertido intertimento, serão tambem os Meninos applicados aos primeiros elementos do Dezenho mais para pasatempo, e divertimento, do que por applicação, e estudo.

A POLICIA, E URBANIDADE que he o colorido da vida cevil dará o ultimo polimento, e perfeição á Educação Didactica. Esta Policia, e Urbanidade (em que se encerra o tratamento com todos os homens, e negocios da vida, assim como o comportamento de cada hum em todas as ocações de aparecer em publico) será sempre ensinada em todo o tempo, e em todas as horas; tanto pella theorica, como pella practica de todos aquelles que forem encarregados da Conducta dos Meninos. Para isto [fl. 8] se acha já aprovado pella Real Meza Censória hum livro que tem por titulo = O Perfeito Pedagogo, que dá as Regras da Policia, e Urbanidade Christã conforme os uzos, e costumes de Portugal = e que está para se imprimir.

PARA ESTE PLANO ter a sua devida execução, será preciso, que cada Menino dé em cada mez doze mil reis, e nada mais. Este premio será destinado para o aluguer da grande Caza que servirá de Colegio; para a despeza do comer, e beber, para o aseyo, e limpeza dos Meninos; sustento dos Criados, e Criadas, e para os ordenados dos Mestres, e Professores, que hão de ser encarregados do ensino dos Meninos; conforme o que fica substanciado neste Plano. Elle he extenso; mas não pode ser completo sem contemplar os objectos já ponderados.

PARA DAR HUMA ideia perfeita da Educação da Mocidade, foi preciso devedila em 3 partes conforme a destribuição de todos os Methodistas: este foi só o fim, e nunca para ser encinada separadamente. Antes pelo contrario todas estas partes da Educação serão sempre unidas, e praticadas em todos os Alumnos, e no mesmo dia; com a única diferença que se proporcionara sempre a Instrucção Didactica á proporção da idade, e dos conhecimentos que vão adquirindo; sendo sempre conformes na phizica, e quazi semelhantes na moral; excepto nos conhecimentos maiores, mais sublimes da mesma moral, que he ensinada dos dez annos por diante.

[fl. 8v] A EXTENÇÃO de ideias que se achão derramadas neste Plano, a publicidade do mesmo, o lugar em que deve ser executado, e as utilidades, ou prejuizos, que delle podem resultar, não só está pedindo huma Autenticidade, aprovação publica, mas hum Fiscal poderoso, vigilante, sabio, e activo. Nenhum poderá ser nunca tão authorizado, e que tenha os referidos attributos como he a Real Meza Censoria. O Director sugeitará a este respeitavel Tribunal toda a conducta da referida Educação para que este vigilantissimo Tribunal tenha huma Inspeccão Suprema, e absoluta sobre a dita Educação; e que mande vigiar sobre a execução da mesma, punindo todas as faltas, se achar que se commettem algumas.

ALEM DA CONTA GERAL que dará o dito Director todos ao annos dos Estudos, e applicações dos Mancebos por hum exame publico que fará cada hum dos Alumnos; a dará tambem prescripto à da Real Meza; para ser advertido, ou louvado nas couzas pertencentes aos Estudos daquelles que lhe estão emcarregados: alem de poder sempre a dita Real Meza mandar vezitar o dito Colegio para ver se são cumpridas as referidas obrigações contempladas neste Plano; e para segurança da boa fé em que os Pays de familias entregarem os seus filhos ao cuidado do Director.

SE A PROVIDENCIA permitir, que as boas, e sinceras intenções do Autor deste Plano achem aprovação dos Pays [fl. 9] de Familias; Se estes se persuadirem das utilidades desta Educação do modo que fica ponderado, assim como das outras Cazas em que mandão educar seus filhos; se elles se quizerem aproveitar dos seus bons officios, e dos seus desejos; e se finalmente achar o dito Actor os Alumnos competentes para principiar a executar o dito Plano; não terá duvida principalo, e pedir pella Real

Meza Censoria, o Real Beneplacito e Aprovação Regia dos Nossos Augustissimos Soberanos tam beneficos em favor da Educação geral da Mocidade Portugueza.

Supremir: Meza 4 de Fevereiro de 1782.

Maced°      Lavra//      Rocha»

**Arquivo Nacional da Torre do Tombo - Fundo da Real Mesa Censória: Doc. n.º  
4222**

## ANEXO VIII

### **Eschola popular das primeiras letras dividida em quatro partes. Parte Segunda: Catechismos de doutrina e civilidade christam para instrução e para exercicio da leitura**

«[fl. 1] Catecísimo de civilidáde cristam para se ensinár practicamente aos meninos das escolas.

Civilidade Christã hé sabêr no trato com o mundo regular os seos movimentos, palavras, e acçoens segundo o espirito da Modestia, Humildade e Caridade christã, e uzos da sociedade. A Modestia he comsigo, a Humildade com os Superiores, e a Caridade com os iguaes.

#### Artigo I

#### MODÉSTIA CONSIGO

Esta consiste no bom porte e compostura exteriôr do côrpo, e de tudo o quê lhe pertence fundada nesta máxima geral: Que a compostura do côrpo he indício da compostura da álma, e a desenvoltura daquêlla sinál da desenvoltúra desta. Esta compostura requêr-se em todo o côrpo e seos vestidos; mas especialmente nos movimentos da Cabeça, Braços, e Pérnas.

Regra I para o Côrpo todo. Este de qualquer módo [fl. 2] que esteja ou em pé ou assentádo, ou de joêlhos, ou andando, déve sempre andar limpo e discreto com gavidade e sem affectação, e nunca inclinado, nem curvo.

Hé pôes immodestia e incivilidade andár sujo diante de gente, principalmente nas partes do côrpo descobertas, como a cara e mãos, torcêr-se, balanceár-se para huma e outra parte, estar-se abaixando e levantando; espreguiçár-se, fazêr trejêitos; inteiriçar-se; dar as costas ou o lado a quem lhe falla, e fazer outros movimentos descompostos.

Regra II para os Vestidos. Êstes, ainda que pobres, devem sêr decentes e próprios á qualidade e idade de quem os trás; devem andár abotoádos, e unidos ao côrpo de sorte que êste se não vêja, e sempre limpos e asseádos.

Trazêr pôes vestidos desproporcionados ao tálho do corpo, ou impróprios da idade e estado de cada hum hé ridicularia; trazêlos desabotoádos, sôltos, ou caídos hé desalinho e bandalhice; trazêlos rôtos, cujos com nódoas, a camisa e lenço principalmente he porcaria.

Regra III para a Cabeça. A cabeça ande sempre limpa e penteada. Os sêos movimentos, e de todas as súas pártes sêjão sempre gráves, decentes, airosas com garbo, mas sem affectação.

Por tanto trazêr o cabello desgrenhádo, e a cara suja hé rusticidade. A cabêça sempre inflexível mostra sobêrba; cabisbaixa cobardia, metida entre os hombros, preguiça; inclinada para diante ou torta para huma parte hypocrisia; sempre abanando, levêza; encostada á mão (?).

He tambem imodéstia e descotezia estár com os [fl. 3] olhos pasmádos, ou pastanejando; olhar com êlles de travês; têlos fitos no rosto de pessôas de auctoridade e respêito ou de differente séxo; estar apalpando o nariz e limpálo ou com os dêdos, ou á manga do vestido, ou sorvendo para sima; fazêr muito estrondo quando se assôa, olhar o que sae no lenço: e quando se espirra, tosse ou bocêja; fazelo com muita fôrça e não pôr diante da bôcca ou o chapéo ou o lenço ou a mão; escarrár com muita fôrça ou para diante ou longe ou defronte de álguem ou pelo contrario engolir o escárro, ou guardálo na bôca. Quando se fála estar-se escutando, torcendo, fazendo trejêitos, lançando a lingua fora ou borrifando com o cuspo as palávras e o rôsto das pessôas com quem se trata. Quando se ri; fazêlo fora de tempo ou com a bôca muito aberta e de gargalhadas. Quando se come; fazêr sacco na bôca mastigando só para huma páрте, fazêr estrondo ao mastigar; comêr com pressa e sofreguidão; escaldar-se, assoprar as iguarias; chupar os ossos ou quebrálos com os dentes; beber com a bôca chêia ou çuja etc.

Regra IV. Para os Bráços. Os braços e as maons nam devem fazêr outros movimentos senão os necessários e êstes fêitos com modestia e decencia segundo as circumstancias do tempo, lugar e pessôas com que se está.

Quando se anda; leva-se a esquêrda mettida no pêito e a dirêita pegando na bengála, chapêo, pasta, ou cousa semelhante. Quando se está [fl. 4] assentado a ouvir; ou se tem na mêsmá postúra, ou os braços encrusádos. Quando se fála com

alguem; a esquerda consérva-se ao pêito, e a direita sérve para accionár. Quando se lê; pégase com esquêrda no papél ou livro por baixo, os três dêdos do mêio por detrás e o polegár e mínimo por diante a segurár as folhas e a dirêita ou mettida no pêito ou livre para apontar ou accionar.

Assim hé incivilidáde e má criação, quando se anda, levar os braços pendurádos, balanceando com êlles como os arrieiros ou póstos atrás das cóstas. Quando se está assentado ou em pé; estár brincando com as maons, esfregando-as, dando estálos com os dêdos, levando-as á cabeça, á cára, ou ao côrpo, cossando-se, catando-se, brincando com qualquér cousa súa, e muito mais com o que pertence aos outros, principalmente se são superiôres. Quando se fala; estar esbracejando levando as maons até á cara de outro; apontár com o dêdo para as pessôas, que estão presentes; pegar em cártas e papéis alheios; estár bolindo na mêsa em que alguêem escreve ou lê; trazer as únhas compridas, chêias de immundicia; cortálas diante de pessôas de ceremónia; roêlas com os dentes etc.

Regra V para as Péernas e Pés. Quando se anda; devem-se movêr naturálmente sem rusticidáde, nem affectação: e quando se está em pé, ou assentádo; dévem estar quiétos, e em huma postura iguál e decente. [fl. 5] Contra ésta régra pecão os que quando andão, vão arrastando os pés enterrando demaziádamente as péernas, trocando os pés, andando nos bicos dos pés, ou aos sálto, olhando para elles, puxando as mêias, concertando ao çapatos, caminhando com muita préssa ou demasiado devagár. Quando se está em pé; estar curvando as péernas, mudando de postúra continuamente carregando mais sôbre hum pé do que sobre outro, batendo o chão fazendo compásso, dando aos calcanháres etc. Quando se está assentado, alargár muito as péernas, extendêlas longe da cadêira ou mettêlas debaixo délla, encruzálas, pôr huma sôbre a outra, estar batendo com os pés como quem toca tambôr ou balanceando-os, e sacodindo-os.

## Artigo II.

### HUMILDADE COM OS SUPERIÔRES

Consiste ésta nos sináes exteriôres da sugêição interiôr, reverencia e amôr respeitôso, que como inferiôres devemos têr a tôdos os nóssos Superiôres, ou naturaes, como primêiro que tudo a Deos, e Senhor Supremo de todas as cousas, Pay, Pessoas mais Velhas: ou Políticos como ao Rey, Magistrádos, e Mestres: ou

Eclesiásticos como aos Bispos, Párochos, Sacerdótes etc: tudo fundado no primêiro e quarto mandamento da Ley de Dêos. A hum só Dêos adorarás, e a elle só servirás, e Honrarás a teo Pay [fl. 6], e a tua Mãi, debaixo do qual nome se entendem tambem todos os Superiôres Legítimos a que pelo nosso estádo estamos subordinádos.

Regra I para o Culto Divíno. O Meníno, para entrár na Igrêja déve hir lavádo e vestído decentemente segundo as súas pösses e estado, mostrando nisto e com tudo o mais o respêito que têe ao Lugar Sancto, e á Magestáde do Senhôr, que nelle habita. Entrando na Igrêja tomo ágoa benta, e se fôr com pessôa Superiôr, ou ainda igoál a quem dêva obsequiar, adiante-se a ésta para lha deitár. Depôes encamínhesse com muita modéstia ao altar do Sanctissimo Sacramento, e pondo-se de joêlhos, fazendo huma profunda reverencia, e benzendose, faça oração, adorando o Senhôr por algum espaço, e depôes levante-se, e fique esperando em pé pula Missa, Sermão etc; e conservandose assim em silencio, e com a modéstia, devoção e respêito, que he devído ao Lugar Sancto.

Será pôes grande irreverencia, e incivilidade estár olhando para quem entre, sae, ou está na Igrêja; conversár, rir, estar embuçádo; encostarse; escarrár, arrotar, e assoar-se com estrondo; comêr, brincár, dormir, acotovelar os vesinhos; estar compondo o cabêllo ou outra qualquér couza; têr hum joêlho levantado e outro no chão; lêr cartas e livros profanos etc; Em huma palavra: tudo o quê dá descompostura comsigo, e descortesia com os outros [fl. 7], como o não será tambem diante de Deos? Os mêsmos cumprimentos de urbanidade são impróprios nêste lugár. Apenas se permite algúma inclinação de cabêça ou cortesia para as pessôas de nósso respêito e amisáde. Nas mêsmas acçoens de piedáde não déve havêr singularidáde. Rezár alto, estár dando suspiros, têr a cabêça tórta, ou tomár outras postúras extravagantes são sinaes ou de hypocrisia, ou de devoção mal entendida.

Regra II de Civilidade para com os Superiôres. Esta péde que os meninos quando entrão ou saem de casa ou da Eschóla bêijem a mão a sêos Pays e Avós, Tios, ou Mestres, e o fação tambem quando em alguma parte os encontrão ou a sêos Párochos e Padrinhos, acompanhando éstas cortesias com os breves cumprimentos quê a occasião pedir; se hé pela manhã dizendo: Muito bons dias, meo pai; se depôes de jantar: Muito boas tardes; se á noute: Muito boas noutes; se se despêdem: Sou criádo de Vossa. Mercê.; ou Quer quê eu faça algúma couza? ou Dê-me as súas órdens etc

Estes cumprimentos se podem também practicar com os Iguaes nas cortesias ordinarias.

Regra III Quando andár nunca pãsse pelo mêio nem por diante de algúma pessoa de ceremónia e nam podendo deixar de passar péça lizeça dizendo: Vossa Mercê dá licença que êu passe ou [fl. 8] com licença. Ao encontrár-se com pessoas de respêito, pare, para ellas passárem primeiro e a tôdas, ao passiar dê o melhor lugar; e se forem Superiôres não só faça acção de as acompanhár mas acompanhe-as com efeito até quê ellas o mandem embóra, e de qualquér sôrte quê acompanhe os sêos Superiôres, nunca vá hombreando com êlles mas sempre hum pouco atrás, não passe por alguma pórtá primêiro, que êlles excépto na propria casa quando os tiver de acompanhár á despedida.

Regra IV. Quando estiver assentado levante-se logo que chégár, ou passar algúma pessoa de respêito, e o mesmo fará quando ella se retirar: mas diante de Superiôres nunca se assente nem se cúbra sem êlles o não mandarem nem ainda diante de iguães sem que elles o fáção primêiro, ou se ausentem. Quando aceitar ou entregár algúma cousa a semelhantes pessoas, sêja sempre em a mão dirêita fazendo acção de beijar; e a qualquér obséquo ou de palavra ou de óbra, que déllas recebêr, diga sempre e com cortesia, quê fiser: Obrigado.

Regra V. Quanto a éstas Cortesias e Cumprimentos de cerimónia o modo de os fazer hé desta maneira. Com o côrpo e a cabeça dirêita, péga-se na ponta do chapéo com a mão dirêita e virando para nós o interiôr dêlle leva-se diante do pêito em acção de offerecêllo e depões se abate e desce até o joêlho de lado dirêito [fl. 9] fazendo ao mêsmo tempo huma inclinação para diante mais ou menos profúnda segúndo a qualidade da pessoa. Quando a Cortesia não hé ceremónia, fáz-se mais ligêira não descendo o chapéo tanto abaixo, e inclinando a cabeça tam fortemente. Aos Superiôres nunca se lhes pergunta como passãõ, só se estão doentes e só se diz simplesmente: Estimo quê Vossa Mercê tenha passádo bem. Diante délles nunca se fálla, só se nos perguntãõ algúma couza e havendo de responder tam somente: Sim, ou Não, nam se dis isto simplesmente, mas, Sim, Mêo Senhôr; Nam, Mêo Senhôr. Se lhe caír da mam algúma cousa devêmos apanhá-la logo, e entregár-lha, beijando-a se espirrár, nam diremos: Dómini técum, como aos nosos iguães, mas faremos somete a nossa reverencia etc.

### Artigo III

#### CARIDADE COM OS IGUÁES

Esta terceira parte da Civiliade Christã consiste em dár aos nössos iguáes e semelhantes tôdas as demostraçoens exteriores de quê os amamos sincéramente, estimámos, e honámos segúndo êste mandamento da Ley de Dêos, que nos ordena Amemos ao nösso próximo, como a nós mesmos, e ésta regra do Evangelho; Que obremos com os outros aquillo mêsmo que nós queremos êlles óbrem comnôsco. Estas demostraçoens [fl. 10] da Civilidade Christã tem lugar principalmente nos Passêios, nas Mêsas, e nos Ajuntamentos e Conversaçoens, quatro cousas, quê farão a matéria das quatro Régras Seguintes.

Regra I. para os Pasêos. No primeiro encontro, os que vêe fazem primêiro cortesia e cumprimento aos que estão. Se se trata de passear quem convida deve ficár á esquêrda e deixár aos outros o lugar do mêio, ou da dirêita quê são os mâis honrádos. A régra gerál no passêio de dös ou três hé voltár sempre o rôsto, e nunca de cóstas. Quem vai no mêio déve fazêr isto alternádamente. Se são mais de três; ou se dividem no mêio ao voltár para ficárem todos de rôsto; ou se há lugar bastante, voltão em ála ficando em tôdos os casos o primêiro da mão dirêita o ultimo da esquêrda na volta do passêio. Quem chêga de nôvo, e quér entrár nêlle; faz cortesia aos quê já passêo, os quaes lhe dévem offerecêr no mêio o lugar dá mão dirêita: mas êlle agradecendo-o, procurará o último da mam esquêrda. Passeando com Superiôr, nunca déve hombrear com êlle, mas hir mais pé atrás a tomar sempre a esquêrda. Caíndo qualquér cousa ao companhêiro, hé cortesia o levantála. Se algum dos quê passêo fica atrás por precisão, hé da cortesia parárem os companheiros até quê tórne. Ao chegár qualquér pessoa de respeito devemos tirár o chapéo, cortejála, e ficar parádo de pé até quê se ausente.

Nunca deixarémós de tirar o chapéo a quem nos [fl. 11] tira o sêo, e o tirarémós primêiro a tôdos os Superiôres e pessoas de respêito. Entre os iguáes hé régra gerál, que déve tirár o sêo chapéo primeiro quem vem atras ao quê vai diante, passando por êlle; quem anda ao quê está parádo, quem vem a cavállo ao quê está de pé; quem vem de mão dirêita ao que vem da esquêrda; quem vem de cima ao que vem de baixo; quem trás o chapéo na cabéça ao que o tras debaxo do braço; quem está em cousa sua ao que passa de frente. Hum menino comtúdo não perderá nada por sêr

mais cortês, tirando primeiro a todos o sêo chapêo, sem esperár êstes pontos de honra.

Regra II para as Visitas. Huma Visita ou se fás ou se toma. Quando se fás, primêiramente bâte-se brandamente á porta ou nas palmas até quê apparêça quem léve o recado. Conduzido á sala das visitas, cumprimenta a pessôa a quem procúra, e se assenta da parte da parêde, não sendo a dita pessôa Senhora ou Grande do Reyno, porquê sendo-o, éstas se assentão da parte da parêde e êlle de fóra esperando que o mandem. Acabadá a Visita, que déve sêr breve, levanta-se fasendo hum breve cumprimento, v.g. Veja Vossa Mercê se quér quê eu faça algúma cousa, e acompanhado do senhor da casa até o patamar da escada, lhe fás ahí huã cortesia, e outra no fim délla, e retíra-se.

Quando se tóma; manda-se entrár para a sala a pessôa quê nos prócúra e em hábito decente a vamos cumprimentár, dando lhe o lugár da parêde e acompanhando-a no fim até o patim da escáda, correspondémos dahi ás cortesias, que nos faça, e recolhemo-nos.

[fl. 12] Regra III. para a Mêza. Principiando (e acabando tambem) por dár graças a Dêos pêlos sêos dons; se assentará a Menino á Mêza onde o mandárem. Depôes de assentado, não descúbra o prato antes de vêr fazêr isto aos principáes da mêsa. Então, pondo o guardanápo de sorte que huma ponta fique sôbre a mêsa e outra na altura do pêito para lhe resguardár os vestidos, a faca e colhér ao lado dirêito e o garfo e pão ao esquêrdo; esperará quê, ou o senhôr da casa ou qualquér outro lhe façá o prato, que sendolhe pedido, entregará e aceitará inclinando a cabêça fazendo acção de o bêijár. Isto fêito, pegándo com a mão derêita ou na faca ou na colhér, segundo as iguarias, e com o garfo na esquêrda, e não pondo sôbre a mêsa mais que as maons até o punho; se disporá a comêr, guardando as regras da Modéstia que atrás se desirão, e advertindo o seguinte.

Que hé descortesía encostár-se, debruçár-se, e pôr os cotovêlos sôbre a Mêsa; desdobrár o guardanapo antes do dono da casa; alimpár com êlle o prato ou o nariz, ou o rôsto; tirar do prato commúm o cômer que fica para a parte dos outros ou a melhór; ou desmasiádo; tirar o cômer com a colhér ou gárfo çujo; lambêr êstes, ou alimpálos ao pão ou á toálha ou guardanápo devendo deixálos no prato çujo para o servente tirár tudo junto, e trazêr outro serviço limpo; estár batendo, ou brincando

com êlles no prato; abocanhar ou escodar o pão; comêr com pressa e sofreguidão; fallar no que se come com deleite ou desdem, passar o prato, ou qualquér cousa [fl. 13] sôbre a mêsa por diante de alguém dos convidádos devendo entregár isto ao servente pêlo lado esquêrdo, ou por onde está alguém mais inferiôr; fazer emfim qualquér descompostúra das quê se dissêrão assima ao Artigo I.

Regra IV. para os Ajuntamentos e Conversaçoens. Nos ajuntamentos, em que os Meninos estão debaixo de hum Superiôr, como sam as escholas publicas, deve o Meníno seguír tudo o que se disse no artigo antecedente da Humildade para com os Superiôres. À hora dáda, sáia de súa casa e dirigindo-se com muita modéstia á Eschola, ao entrár nélla, vá logo cortejar a sêos condiscípulos, vá para o sêo lugár e ahi espére em pé, até quê sêo Mestre o mande assentar; e nesta figúra se consêrve quiêto, e em silencio observando as régras assima dádas sôbre a Modéstia. Tôdas as vêzes que sêo Mestre se levantár, ou fallar com êlle; deve levantár-se. Para sair da Eschóla, deve pedir licença a sêo Méstre e ao sair e entrar fazêr lhe húma cortesia. Quando sêo Mestre espirrár; todos os Discípulos se devem levantár, inclinando a cabeça. Se alguém dos condiscípulos espirrar, os vesinhos fáçao lhe huma inclinação de cabeça, e mais nada para não causar perturbação na Eschola. Quando sêo Méstre o reprehendêr ou castigar; déve recebêr tudo isto com muita humildáde, e ainda agradecimento, beijando-lhe a mão; e se o offender, pondose de joêlhos, pedindolhe perdão e protestando a emenda. Quando saírem da Eschóla; tomada a benção a sêo Mestre, dévem saír hum a hum, ou dôis a dôis pêla [fl. 14] mêsma órdem dos assentos sem bulha nem gritaria.

Nos ajuntamentos, e conversacóens com os iguáes nam faça acção, nem diga palávra algúma, que seja ou tôrpe, ou çuja ou indecente, ou que pôssa escandalisár os sêos companheiros, ou outra qualquér, de quê êlle mêsmo se offendería se lha fisessem ou dissêssem; antes déve presár-se e honrar-se de sêr o primêiro em honrár e estimar os outros tanto de obra como de palávra.

Por ésta rasão hé impolitica, quando se está conversando, responder antes do outro acabár a pergunta; emendár quem fálla; estár olhando para outra parte quando outrem fálla; fallar de si com louvôr ou dos outros com desprêso, dasabono, ou maledicência.

Quando se brinca ou jóga, nam guardár as lêis do jôgo; desconfiár de quâquer cousa, irritár-se, disêr palavras picantes, arremedár, e fâser zombaria, principálmente

dos defeitos naturaes e involuntários; enfim fasêr qualquêr travessúra quê móstra máo génio, má criação, ou má inclinação.

Finalmente dúas regras geráes se pódem dár para hum Meníno se portar com politica. A primêira he: Reparár bem no módo, com que se pórtão as pessôas cortezans e bem criádas, e fâzer o mêsmo em casos semelhantes.

A Segunda he: Que hé melhór nos casos duvidôsos passar por impolitico, ommitindo huã civilidade; do que por tôlo, fazendo mal a propósito.

Fim da II Parte.

[fl. 15] O Cathecismo supra-scrito já em outro tempo foi por Nós mandado imprimir, e publicar para uso da Nossa Diocese por Nos parecer, que continha huma Doutrina pura, e sãa: e com o acrescentamento, que se lhe faz do outro Cathecismo civil ficará ainda sendo mais util. Residencia Episcopal de Santa Marta, 7 de Dezembro de 1795.

[Assinatura ilegível]

Imprimase, e torne para se conferir. Lisboa 2 de Mayo de 1796.

L M N (?) (?)»

**Torre do Tombo - Fundo da Real Mesa Censória: Caixa nº. 234 - Doc. nº. 507**

## ANEXO IX

### **Censura feita por João Guilherme Christovão Muller, em 22 de Julho de 1796, à obra *Escola de politica, ou tractado pratico da civilidade portugueza*, de D. João de Nossa Senhora da Porta Siqueira**

«[fl.1] Senhora,

Mandou-me Vossa Magestade ver o livro, e o Manuscripto anexo ao mesmo em forma de Supplemento, dos quaes trata a Petição retro, fiz a possivel diligencia a fim de executar as Ordens de Vossa Magestade como o exige o meu dever, mas a pezar de todo o trabalho, que por tanto tive, não consegui o meu intento do modo que eu o desejava para minha própria satisfação, não me sendo possivel de acabar a avaliação critica da sobredita obra com aquella perfeição que me empenhava de lhe procurar. Do que eu tenho a honra de referir, com o devido respeito, Vossa Magestade mesma se dignará de julgar do exito da minha applicação.

Em toda a Parte, já impressa, da dita obra, que se appresenta para a licença de reimprimir-se, não encontrei difficuldade alguma, porque ella não contem mais do que huma instrucção, a que o Publico já mostrou o seu applauso gastando varias edições, que sahirão á luz com Privilegio de Vossa Magestade, e cuja innociva qualidade a experiencia poz fora de toda a duvida.

[fl. 1v] No Supplemento Manuscripto porem topei com: «Determinações das prerogativas e Distincções de todas as classes de Fidalgia em Portugal» [Fol. 9-20] e depois [Fol. 21-30] com Noticias da qualidade, autoridade, jurisdição, e de outros predicamentos distinctivos de todas as classes de Magistrados deste Reino e seus Dominios», o que me causou alguma perplexidade, e embaraço, visto que todos os recursos que procurei, ainda não me fornecião conhecimentos sufficientes para bem averiguar Todos os pontos de quanto o Autor pertende ensinar nestes Capítulos.

Seria pedantismo imperdoavel de transcrever neste lugar os Titulos de todos os livros que consultei. Basta dizer que desde as Obras maiores, como são, as Ordenações do Reino, as Nobiliarchias, as Descripções e as Historias Genealogicas do Reino, Regimentos do Mordomo-Mor e Leis particulares, até as periodicas e menores como são Jornaes e Almanagues não deixei nada a que não recorresse para fazer justiça ao [fl. 2] Autor, acerca das noticias que elle dá da Etiqueta de Corte, dos quaes logo a primeira vista, suspeitei que serão pouco completas; e menos ainda exactas e por consequencia taobem não verdadeiramente instructivas para a Mocidade Portuguesa. Todavia não fiquei mais esclarecido e certo sobre alguns artigos, mas a respeito de outros se confirmou o meu primeiro conceito. Em tudo quanto se refere ao Cerimonial da Corte [fol. 9-12] não se removerem as minhas duvidas, e do resto aggasto-me de affirmar o que a maior parte destas pretendidas instrucções são indignas de apparecer no Publico sem total correcção.

Para pois não infadar a indulgencia de Vossa Magestade com longas miudezas provarei isto somente por alguns esemplos – Fol. 9 se diz: “a primeira Pessoa do estado he o Rei, depois o Principe que he o Sucessor da Coroa, e Infantes que são os outros filhos do Rei”; Não seria por accaso isto [fl. 2v] huma omissão reprehensivel, que ali nem menção se faz “dos filhos do mesmo Principe que he Successor da Coroa”, e que, como he notorio, precedem aos Infantes? – O numero dos Duques, e dos outros Fidalgos Titulares, tãobem não he já o mesmo apontado por este Autor. – Fol. 11 verso, se diz: “Os Grandes quando fallão em El Rei dizem, El Rei meu Senhor, apesar de ser bem notorio, que só aos Duques, Marqueses, e Arcebispos he permittida esta expressão. – A correcção mais amiudada deste Capitulo, pertence, a meu ver, só a Pessoa que vive mais na proximidade da Corte do que hum simples homem de lettras.

No Capitulo da Magistratura, não he o Autor menos infeliz em suas asseverações. V. gr: Parece-me, que basta ser mero curioso no estudo do Direito Patrio, ou somente no uso de falar Portuguez, para sentir a insufficiencia das defenições seguintes: “Tribunaes são os que tem jurisdicção em materia de graças e, [fl. 3] Dezembargadores chamão-se aquelles Magistrados, que compoem os Tribunaes, e Relações, e que decidem as duvidas em ultima instancia” (?)- [Fol. 21 verso] e desta qualidade são todas as outras, de modo, que as ideas, que qualquer se forma habitualmente na boa sociedade, sem instrucção particular e expressa, valem mais do que aquellas, que o Autor pretende suggerir por meio de semelhantes definições. – Não menos insufficiencia se descobre ao primeiro intuito no que o Autor profere do Dezembargo do Paço [Fol. 22] onde elle

“antepoem os Officiaes Maiores aos Escrivões da Camera” e em vez de referir “que os Dezebargadores deste Tribunal tem o foro de Fidalgo Cavalheiro, e são Conselheiros natos” se contenta de dizer “que são do Conselho de Sua Magestade e tem foro de Fidalgo” – Tratando da Caza da Supplicação diz: “que há dêz Agravistas” quando a simples inspecção do Almanaque lhe podia ter ensinado, que há quatorze alem dos graduados; Diz mais “que há dois Corregedores da Corte” quando há so hum, sendo o outro da Corte, e Caza; - falla em “quatro Ouvidores” havendo só Dois – e não diz nada dos outros Juizes pertencentes a essa Relação, mencionando unicamente muito [fl. 3v] depois [Fol. 29, na penultima de toda a Obra] “o Promotor da Justiça, nem tão pouco do Superintendente dos Contrabandos. – A descripção do Conselho do Santo Officio [Fol. 23 verso e 24] he tão estropiada e diminuta, que ninguém della poderia formar-se alguma casta de nobrão(?), em que verdadeiramente consiste este Tribunal. – A respeito do Conselho do Ultramar, não faz menção da Lei do Erario, que restringe a “redação [que elle attribue a este Tribunal] dos direitos nas Terras do Ultramar” nem tão pouco a graça que Vossa Magestade fez ultimamente ao mesmo tribunal declarando os seus Ministros Conselheiros Natos. – Fol. 26 chama os Magistrados: “executores da justiça”!!, depois de ter pouco antes amontado confuzamente noticias de varias Corporações, dos quaes pela connexão se deve julgar, que o Autor as reputa subordinadas as outras de que já fez menção, e com estas confunde “o Conselho da Guerra”!! – Finalmente, seria preciso copiar, e commentar quasi tudo, paragrafo por paragrafo, desde a Folha 26 ate o fim da Obra, se quisesse relatar todas as faltas de exactidão, de boa ordem, e de suffrivel [fl. 4] perfeição, que eu, apesar de ter toda a razão de me julgar quasi inteiramente leigo na materia, com tudo não pude deixar de reparar neste Manuscripto.

Por tanto limito-me a estes poucos indicios, concluindo com o meu parecer, que vem a ser: ou, que Vossa Magestade queira dignar-se de commeter huma nova revista desta Obra a outro Censor, mais apto para a rectificar junto com esta Censura, ou, que mandando expurgar o Supplemento, concede licença de reimprimir-se a parte que já foi impressa; sendo isto assim do seu Real Beneplacito. Lisboa 22 de Julho 1796.

João Guilherme Christovão Muller.»

**Arquivo Nacional da Torre do Tombo - Fundo da Real Mesa Censória: Caixa 29 - Doc n.º 14**

# ANEXO X

## Luís Carlos Moniz Barreto Compendio da Civilidade

«[fl. 1v] Aptari magnis interiora Licet a)

a) ex Nason. tomos 2. Eleg. 14<sup>a</sup>

[fl. 2] EXCELLENTISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR

Mandado esta que os Mestres de ler, escrever, e contar, alem do Catecismo da Doutrina Christãa, ensinem tãobem aos Meninos as Regras da Civilidade por hum breve Compendio « Porque, diz o Supremo Legislador, na sua providentissima ley de fundação das Escollas Menores, sendo tão indispensaveis para a felicidade dos estados, e dos individuos delles, são muito faceis de instillar nos primeiros annos [fl. 2v] aos meninos tenros, doceis e susceptiveis das boas impressoens daquelles Mestres, que dignamente se applicão a instruillos. »

A vista do que, Excelentissimo, e Reverendissimo Senhor, como todos os meos dezejos são contribuir com o meu pouco cabedal ao Bem Publico do Estado, animeime a recopilar nestes breves Dialogos os Principios, e Regras mais precizos da Civilidade; persuadindome da falta de hum Rezumo della, proporcionado á capacidade daquelles tenros annos, e ainda ao estudo dos mesmos Mestres.

[fl. 3] E como a Vossa Excelencia Reverendissima está commettido o Regulamento, e Direcção das Escollas Menores; justo he que a Vossa Excelencia dirija estes Principios da Civilidade; calando que por outras muitas, e ainda maiores razoens não devo procurar para as minhas produçoens outro Mecenas, senão a Vossa Excelencia a effeitos de cuja benignidade me sinto carregado de beneficios superiores ao meu merecimento, e até a minha propria esperanza.

Aceite pois, Excelentissimo, e Reverendissimo Senhor, aceite Vossa Excelencia debaixo da sua Alta Protecção estes Principios da Civilidade senão como Obra digna do fim a que a destino ao menos como primicias do meu agradecimento: mas se ellas contem alguã couza por onde Vossa Excelencia os adopte nas Instituiçoens geraes dos Estudos Menores, para uso dos Meninos das Escollas de ler, e escrever, este feliz successo de tão pequeno trabalho, me dará novas forças, para empregar noite, e dia todos os meus fracos talentos no serviço do estudo, e todo o meu estudo no agrado de Vossa Excelencia Reverendissima, a quem dezejo dilatada vida, e vigorosa [fl. 4 ] saude, e permanentes felicidades.

Excelentissimo e Reverendissimo Senhor  
De Vossa Excelencia Reverendissima

O mais humilde, e reverente

Creado

Luiz Carlos Moniz Barreto

[fl. 4v] Item Ordeno: que os Mestres de ler, escrever e contar sejam obrigados a ensinar .....

as regras da Civilidade por hum breve compendio: porque sendo tão indispensaveis para a felicidade dos estados, e dos individuos delles são muito faceiz de instillar nos primeiros annos aos Meninos tenros, doceis, e susceptiveiz das boas impressoens daquelles mestres, que dignamente se applicão a instruillos (a) .....

Ley de 6 de Nov. de 1772 para a fundação e multiplicação das escollas Menores debaixo da inspecção da Real Meza Censoria § V

Hé certo, Meus Senhores, que a mayor parte dos Meninos, que entrão nas Escollas a aprender a ler, escrever, e contar, nem seguem os mais Estudos, nem se destinão ás Sciencias Mayores: porque huns passam a exercitarse nas Fabricas, Manufacturas, e Artes fabrís; outros tem por sorte a lavoura, e cultura dos Campos; a outros cabe a defeza do Reyno, e o manejo das Armas; qual delles finalmente se destina ao Commercio, qual á Navegação: E sendo todas estas diversas condiçoens da Vida tão uteis, e necessarias em hum Estado, de tal sorte que sem ellas não pode subsistir, nem prosperar, tãobem hé menos interessante ao mesmo estado que cada hum dos individuos [fl. 5v] delle saiba as obrigaçoens que tem de cumprir a respeito do rey, e de seus Ministros, a respeito dos seus convidados, e a respeito de si mesmo, como membro da Sociedade.

Isto hé o que propriamente se chama Civilidade: que quer dizer as obrigaçoens do Homem como Cidadão, e Membro de huã cidade, ou Estado Civil. Isto mesmo he o que Sua Magestade Fidelissima que Deos guarde tanto recomenda a Vossas Mercês Ilustrissimas ensinem aos Meninos por hum Compendio abreviado. Este hé que me pareceu faltava para Vossas Mercês Ilustrissimas obedecerem a tão Superior Mandato e por isso me deliberey a recopilar nestes breves Dialogos as mais precisas regras, e Principios da Civilidade, para Vossas Mercês Ilustrissimas instruirem nellas os meninos da Escolla e [fl. 6] encherem assim dignamente as obrigações do seu Ministerio.

Os Dialogos não são muitos, e ainda que os Meninos não aprendão mais do que hum em cada huã, ou duas semanas, poderão muito bem ao cabo de hum anno sabelas como o mesmo Padre Nosso, havendo o cuidado de lhes fazer repetir muitas vezes e recordar aos Sabados o que tiverem aprendido pella semana para assim se lhes radicarem na memoria, da mesma sorte, que se costuma fazer nas escollas com as continuas repetencias da Doutrina Christãa, e com os sucessivos exames dos atrasados nas aulas de Grammatica Latina.

Mas sobre todo se deve muito repetidas vêzes advertir, e insinuar aos Meninos que não basta elles aprendão, e saibão decór [fl. 6v] estas Regras da Civilidade, para se reputarem bons Cidadãos, e Membros dignos do Estado porem que hé preciso que cumprão effectivamente as obrigaçoens; que tem como Homens a respeito dos outros Homens, de si mesmos; como Vassallos a respeito do Rey e Soberano; e como

Cidadãos a respeito dos seus Concidadãos, e da Sociedade. E desta sorte ficarão desempenhadas as Benignas, e Paternaes Intenções do Nosso Fidelissimo Monarca; Vossas Mercês Ilustrissimas terão a gloriosa satisfação de verem aproveitado o seu trabalho em beneficio da patria; e eu não receberey menor contentamento por haver contribuido á gloria da Nação, e Felicidade do Estado. Amen Deos.

[fl. 7] SUMARIO DOS DIALOGOS que Contem este Compendio DA CIVILIDADE

- I Da Creação do Mundo, e Principio da Ley Natural
- II Da Ley Natural
- III Das Obrigações do homem para com Deos
- IV Das Obrigações do Homem para consigo mesmo
- V Das Obrigações do Homem a respeito dos outros Homens
- VI Das Sociedades Primitivas
- VII Das Reciprocas obrigações dos Pays, e dos Filhos
- VII Da Origem dos Estados, e Sociedades Civís
- I
- IX Dos requezitos necessarios para formar [fl. 7v] os Estados, e Sociedades Civís
- X Da vontade geral das Cidades, ou Estados Civís
- XI Do Poder Superior
- XII Das Diversas formas de Governos
- XII Das Prerrogativas, e Constituição do Imperio Civil
- I
- XI Das Obrigações dos Soberanos para com os seus Vassallos
- V
- XV Das Obrigações dos Vassallos a respeito do Soberano, do Estado, e dos seus Concidadãos

[fl. 8] COMPENDIO DA CIVILIDADE

Dialogo I

Da criação do Mundo, e Principio da Ley Natural

Perg. Quem fêz o Mundo?

Resps. Deos Nosso Senhor com a sua Palavra omnipotente.

P. Para que fim serve Deos o Mundo?

R. Para honra, e gloria sua, e para morada do Homem durante a sua vida mortal.

P. E quem criou o Homem?

R. O mesmo Deos infundindolhe depois a alma racional, por onde o fêz semelhante a si mesmo, e o distinguio dos brutos e mais creaturas irracionaes.

P. Depois de Deos crear o homem, impôs-lhe alguma Ley, por onde elle, e a sua posteridade [fl. 8v] se governassem?

R. Deos Nosso Senhor depois de crear o Homem imprimio Divinamente no seu coração os indeleveis caracteres da Ley Natural, par por ella se governar, e os seus dezcendentes.

P. Quaes são as primeiras ideas que concebe o Homem quando entra no azo(?) da razão, vendo tantos objectos, que o rodeão?

R. O Homem avista desta maquina que piza, e de que está cercado, vê-se precisado a reconhecer hum Ente Supremo, Creador de tudo, e d'elle mezmo.

P. E que consequencias tira o Homem deste conhecimento?

R. Conclue que deve amar, temer, e adorar a esse mesmo Ente Soberano.

P. Porque tira o Homem esta concluzão?

[fl. 9] R. Porque o mesmo Deos insensivelmente lhe inzpira este conhecimento por meio da Ley Natural, que hé a lux da razão e a vontade do mezmo Deos.

---

Dialogo II  
Da Ley Natural

P. Que couza he a Ley Natural?

R. Hé huã Ley eterna Divinamente escripta nos coraçõens dos Homens pella qual elles devem regir, e regular as suas acçoens.

P. Qual he o fim, e o objecto da Ley Natural?

R. O fim da Ley Natural hé fazer os Homens felices nesta vida, conduzindo-os ao amar das Virtudez, e ao aborecimento dos Vicios, para por este meyo viverem com cordez(?), e em paz com os seus semelhantes.

[fl.9v] P. Que obrigaçoens impoem aos Homens a Ley Natural?

R. As obrigaçoens da Ley Natural reduzemse a três pontos principaes.

P. Quaes são?

R. No primeiro ensina a Ley Natural de que modo os Homens só pello dictame da recta razão se hã de conduzir a respeito de Deos.

P. E que comprehende esta Ley no segundo ponto?

R. O modo, com que os Homens se devem potar a respeito de si mesmos.

P. No treceyro ponto, que se comprehende?

R. O modo com que se deve proceder à respeito dos outros Homens.

---

Dialogo III

[fl. 10] Das Obrigaçoens do Homem para com Deos

P. Em quantas especies se devidem as obrigaçoens do Homem para com Deos?

R. Em duas; a saber theoricas, e practicas.

P. Que deve fazer o Homem por força das obrigaçoens theoricas?

R. Deve crer na existencia de hum Deos Ente Supremo, e Creador do Universo: que o mesmo Deos hé summamente bom, amavel, e incapaz de alguã imperfeição e em huã palavra que delle dependem todas as couzas creadas.

P. E quaes são as obrigaçoens practicas do Homem a respeito de Deos?

R. Estas são de duas maneyras: huãs consiztem no culto interno, outras no culto [fl. 10v] externo de Deos Nosso Senhor.

P. Qual hé a obrigação do Homem no culto interno que deve a Deos?

R. O Homem he obrigado a honrar a Deos, reconhecendo o seu Poder, e a sua bondade; amando-o, esperando nelle, obedecendo á sua vontade, temendo-o, obzequiando-o.

P. Em que consiste a obrigação do Homem no culto externo de Deos?

R. Como os actos de culto externo não são ou não devem ser mais do que huã demonstração do culto interno, de que regularmente são acompanhadas; deve o Homem tanto em publico, como em particular tributar sempre a Deos o mesmo respeito e veneração recorrendo unicamente a elle, e implorando o seu socorro nas adversidades, e rendendo-lhe as graças pellos beneficios recebidos.

---

[fl. 11] Dialogo IV

Das Obrigaçoens do Homem a respeito de si mesmo

P. Quaez são as Obrigaçoens do Homem para comsigo mesmo?

R. O Homem como quer que conste de alma, e corpo tem a estes diversos respeitos diversas obrigaçoens que cumprir.

P. A que hé obrigado o Homem enquanto hé dotado de alma racional?

R. Como o Homem não nazceu só para si, deve cultivar quanto esta da sua parte, os dons de que o adornou o Creador, para se fazer util á Sociedade humana.

P. E como hade o Homem desempenharse desta obrigação?

R. Primeiramente crendo em hum Deos Creador do Universo; persuadindose da verdadeira [fl. 11v] Religião, e excluindo todas as opinioens contrarias a esta verdade. Em segundo lugar: aprendendo a conhecer, e a inviztigar a sua naturêza, propondose hum fim certo, licito, e possivel; e conduzindo as suas acçoens e outros meynos honestos para o alcançar. 3º: sugeitando as suas payxoens ao imperio da razão. 4º: polindo os dotes da natureza com a cultura do engenho, aprendendo, e exercitandose em alguã Arte util para as necessidade da Vida.

P. Quaes são as obrigaçoens do Homem a respeito do seu corpo?

R. Como para a cultura de animo são preciozas as forças do corpo deve o Homem concervalas, e augmentalas, com o alimento sifficiente, e trabalho moderado, evitando todo o excesso, que lhe pode alterar a saude como [fl. 12] a gula, a bebedice, e as outras desordens.

P. A que mais he obrigado o Homem a respeito do seu corpo?

R. Como o Homem senão fêz a si proprio mas deve ao seu Creador este beneficio; não tem poder algum na sua vida, antes a deve conservar, ainda matando o injusto agressor que della o intente despojar.

---

## Dialogo V

### Das Obrigaçoens dos Homens a respeito dos outros Homens

P. Quaes são as obrigaçoens dos Homens a respeito dos outros Homens?

R. As obrigaçoens do Homem a este respeito reduzemse a dois preceitos geraes, e absolutos.

[fl.12v] P. Quaes são?

R. O primeiro he não offender a Pessoa alguã: o segundo dar a cada hum o que lhe pertence.

P. Que se entende por não offender a Pessoa alguã?

R. Por este preceito he prohibido ao Homem fazer qualquer mal ao proximo, ou seja tirando-lhe a honra, e a reputação, ou usurpando-lhe a fazenda.

P. Como deve o Homem dar a cada hum o que lhe pertence?

R. Não retendo o alheyo, reparando todo o damno, que houver cauzado ao proximo no credito, na honra, e na fazenda; guardandolhe a boa fé nos Contractos, e Convençoenz; e finalmente querendo, dezejando [fl. 13] ao proximo o que quer e dezeja para si.

P. E os Homens viverão muito tempo nesta bella harmonia, que lhes dicta a Ley Natural?

R. Não: porque perdendo Adam nosso primeiro Rey a innocencia da graça infeccionou com seu peccado toda a sua descendencia e augmentando-se o genio humano, creceo com elle a malicia dos homens.

P. Como se conduzião os homens naquelle estado da natureza corrompida?

R. Como nem a Ley Natural, nem o temor de Deos fossem bastantes para repremir as suas preversas inclinacoens, vendose os Homens com a vontade livre; começarão a violar a Ley Natural.

P. Como violarão os Homens a Ley Natural?

[fl. 13v] R. Ensinando esta Ley, como já se disse aos Homens a amarem, e a fazerem todo o bem possível aos seus semelhantes elles pelo contrario lhes fazião todo o mal que podião: de sorte que os maos opprimião os innocentes; os fracos cedião a insolencia dos mais fortes: e finalmente, não se vião por todas as partes, senão roubos, mortes, e latricinios, e tudo estava em desordem, e em confuzão.

P. Que caminho abriu a Providencia para remediar a esta confuzão geral?

R. A instituição das Sociedades, como se verá nos Dialogos seguintes.

---

## Dialogo VI

### Das Sociedades primitivas

P. Quaes forão as primeiras sociedades, que houve no mundo?

[fl. 14] R. Forão os Matrimonios

P. E qual foi a cauza de se instituirem estas Sociedades?

R. A mutua, e natural inclinação de hum sexo para o outro.

P. Que couza Matrimonio?

R. He huma união do Homem com a Mulher; por onde hum e outro se obrigão a hua inseparavel cohabitação até a morte, e a communicarem entre si os bens e os males da vida.

P. Porque Leys se regulavão estas Sociedades?

R. Como os Matrimonios, de que falamos, antes de haver Sociedades civis, não tinham outro formulario, nem outra Ley, por onde se regularem, senão as Leys da Sancta razão, dictada pella Ley Natural; por ella se governavão, ella lhes dava forma, e lhes assignava o fim.

[fl. 14v] P. Qual era a forma dos Matrimonios?

R. A vontade. E o mutuo consentimento dos contrahentes.

P. E qual era o fim do Matrimonio?

R. A propagação do genero humano, a procriação, e educação dos filhos, e o fazer mais suaves as pençoens, e incomodidades da vida.

P. Que obrigaçoens impoem a Ley Natural aos Cazados?

R. A Ley Natural obriga os Cazados a se amarem mutuamente, a guardarem a fé conjugal, não a quebrando com commercio estranho.

P. E que mais dictava a Ley Natural a respeito do Matrimonio?

R. Dictava ao Homem, e a Mulher que não devião ter mais do que hum só, ou huma só consorte.

[fl. 15] P. De Dereito Natural a todos, e com todos era permitido contrahir o Matrimonio?

R. Como no estado da Ley Natural todos erão iguaes, e gozavão da mesma liberdade, a ninguem era prohibido cazar-se, mas nem com todos o podião fazer; por haver excepção nesta regra.

P. Quaes erão as pessoas exceptudas, com quem se não podia contrahir o Matrimonio?

R. Os Ascendentes, e Descendentes, como Pay, Filho, Avô, Netto, e todos geralmente na linha recta até o infinito, e os Cullaterais, como Irmãos, Primos etc.

P. E porque razão era prohibido o Matrimonio com esta pessoas?

R. Porque a mesma Ley Natural abomina, e tem horror de similhantes consorcios.

---

[fl. 15v] Dialogo VII

Das reciprocas obrigaçoens dos Pays, e dos Filhos

P. A que são obrigados os Pays a respeito dos Filhos?

R. Os Pays são obrigados a criar os Filhos, a informarlhes o corpo, e a alma por meyo de hua honesta educação, para os fazer uteis a sociedade humana: tãobem os devem applicar a algum competente modo de vida; e promover quanto está da sua parte a sua fortuna, e estabelecimento.

P. E os Pays tem para esse fim toda a faculdade necessaria?

R. A Ley Natural confere aos Pays todo o poder, de que precizão para derigirem os Filhos ao fim para que a mesma Ley os destina.

P. Este poder, que os Pays tem Direito Natural, ainda o conservão na Sociedade Civil?

R. Sim: porem com a defferença, que nas Sociedades [fl. 16] civis he moderado, regulado, e lemitado, conforme as Leys de cada Estado.

P. A que são obrigados os Filhos a respeito dos Pays?

R. Como os Pays são autores instrumentaes da exystencia dos Filhos, devem estes honralos, veneralos, obedecerlhes, socorrellos na velhice, e na necessidade; e não

emprenderem couza alguma sem seo conselho, e auctoridade. E finalmente encubrir, e sofrer pacientemente alguns defeitos que estes tenham.

P. Estas simplices, e primitivas sociedades forão hum meyo efficas para reprimir a geral depravação do genero humano?

R. Não: porque os Homens esquecendo-se de Deos, quaze que tãobem boscavão os caracteres da Ley natural, que o mesmo Senhor lhes havia imprimido no coração.

P. Pois qual foi o meyo, que buscou a Providencia [fl. 16v] para refrear as desordenadas paixoens dos Homens, e reduzilos as suas devidas obrigaçoens?

R. Foi a instituição das Sociedades civis, por meyo das quaes, cessou de todo, ou a mayor parte daquella confuzão geral.

---

### Dialogo VIII

#### Da origem dos Estados, e Sociedades civis

P. Qual foi o principio, ou cauza impulsiva de se formarem Cidades?

R. Posto que os Autores, que tratão do Direito Natural se dividão neste ponto em varios pareceres; attribuindo esta sabia Instituição a hum principio viciozo, como a violencia dos impios; e outros ao temor, e necessidade contra os maos; com tudo parece mais conforme á razão, e as luzes do Christianismo [fl. 17] referir esta acertada rezolução dos Homens a vontade de Deos, como Autor, de tudo o que he bom, Santo, e justo.

P. Em que fundamento se pode sustentar esta concluzão?

R. Em dois principalmente: o primeiro hé por que o que principia mal ordinariamente nunca continua, nem acaba bem: o segundo he por que se Deos aprova a Instituição das Sociedades civis, como he constante em muitos lugares da sagrada Escripura; segue-se que tãobem lhes ordenou o principio; pois quem quer o consequente, quer o antecedente: e so Deos aprovou como bem o progresso deste Instituto, não podia deixar de ser bom o seo principio, e como tal aprovado pello mesmo Deos.

P. Logo a Deos hé que devemos a Instituição das Sociedades civis?

[fl. 17v] R. Sem duvida: porque sendo Ma, como todos concordão, o melhor Instituto dos Homens, não podia proceder senão de Deos, única fonte de todo o bem: e alem disso, como o Imperio civil se funda principalmente no Poder supremo sobre os

Cidadãos; e a mesma Escripura, e o Apostolo nos ensinão que não há Poder algum que não descenda de Deos; esta claro que elle foi o Autor dos Imperios, e Sociedades civis.

P. E Deos concorreo pozitivamente para esta instituição, mandando aos Homens que se unissem de baixo de certas Leys da Sociedade civil?

R. Não: nem era necessario que Deos expressamente lho ordenasse: porque quando quer executar os seus dezenhos, bastalhe intimar a sua vontade aos homens por meyo de huma oculta inspiração.

---

[fl. 18] Dialogo IX

Dos Requezitos necesarios para formar os Estados, ou Sociedades civis

P. Que requezitos são necesarios para se formar huma Sociedade civil?

R. Requerese que concorrão muitos Homens com animo deliberado de viverem juntos, e de empregarem uniformemente todos os meynos idoneos para o fim, que se propoem.

P. Qual he o fim, que se propoem os Homens na Sociedade Civil?

R. He viverem em paz com os seus Concidadãos, e unirem concordemente as suas forças para reprimirem os insultos dos inimigos de fora, que intentarem perturbar a paz interior do Estado.

P. De que modo se podem unir as vontades de muitos para a Constituição de huma Sociedade?

R. Sugeitando esses muitos Homens a sua vontade [fl. 18v] á vontade de hum só ou de hum Conselho; de sorte que o que este so Homem, ou este Conselho obrar para o bem commum, se julgue a vontade de todos os Cidadãos.

P. E que se requer para que a vontade de hum homem só, ou de hum Conselho prevaleça á de todos os mais Homens?

R. Hé preciso que todos os Cidadãos applicuem as suas forças, conforme lhes ordenarem aquelle, ou aquelles, em quem renunciarão a direcção de Mas, obrigando-se a isso todos, e cada hum de per si.

P. Em que se fundão regularmente os Estados, ou Sociedades civis?

R. Em tres pontos, ou convençoens. A saber, no primeiro, em que todos se ajustão a unirse perpetuamente nhum corpo para bem, e segurança commua. No segundo, em que [fl. 19] todos de commum acordo elegem a forma de governo, que mais lhe agrada. E no

terceiro, em que se elegem aquelles, ou aquelle, a quem, ou aos quaes se confere o governo do Estado, os quaes por força deste contracto se obrigão avellas na defeza, e tranquillidade publica, e os mays se obrigão a obedecerlhes.

---

## Dialogo X

### Da vontade geral das Cidades, ou Estados civis

P. Que couza he Cidade, ou Estado civil?

R. He hum Corpo moral, no qual de commum acordo se constituem huma, ou muitas pessoas, cuja vontade se reputa pella vontade de todos, com faculdade de poder usar das forças dos Cidadãos para paz, e segurança publica.

P. Que couza he vontade geral do Estado?

R. He hum principio das accoens publicas de [fl. 19v] rigidopor hum só Homem, ou por hum Conselho, conforme o Poder Supremo foi transferido a huma, ou a muitas pessoas; de sorte que o Estado se julga querer o que este Homem, ou este Conselho, em tudo o que pertence a o bem da Sociedade.

P. Quando o Supremo Poder foi conferido a huma só pessoa, em quem rezide a vontade geral do Estado?

R. Na Monarquia, que he o governo de hum só, rezide no Rey a vontade do Estado; e o que elle quer, e determina para a tranquillidade do mesmo Estado, deve ser approvedo, seguido por todos os individuos delle.

P. Quando o Supremo poder se commete a hum Conselho composto dos principaes Cidadãos, em que rezide a vontade geral do Estado?

[fl. 20] R. Neste governo, que se chama Aristocratico esta vontade geral do Estado annexa ao Senado, que consta dos Magnatas da Republica, e todos os Cidadãos della estão obrigados a abraçar, e executar tudo o que o mesmo Senado rezolver para bem commum da Sociedade.

P. E quando o poder Supremo foi transferido a todo o povo, em quem rezide a vontade geral do Estado?

R. Nesta forma de governo, conhecida com o nome de Democracia, está a vontade geral do Estado radicada em todos os Pays de familias, e deve-se seguir o em que Mas(?), ou os seos Deputados assentarem, para socego, e felicidade publica.

P. Porque nomes se destiguem os que governão dos que obedecem nesta differentes formas de governo?

[fl. 20v] R. No governo de hum só, isto he na Monarquia, chama-se Rey, Monarca; Imperador ao que governa: na Aristocracia chama-se Senado aos Magnatas: e na Democracia, chama-se Povo Livre aos Pays de familias, que governão. Em qualquer Estado se nomeão por Subditos, Vassallos, e Cidadãos, os que obedecem.

---

## Dialogo XI Do Supremo Poder

P. Qual hé o principio, ou fundamento do Poder Supremo?

R. Hé o unanime consenso, com que todos os Cidadãos sujeitarão a sua vontade ao arbitrio dos que governão, renunciando á sua liberdade natural, e transferindo nellez todo o poder necessario para dirigirem os negocios conducentes ao bem commum da Sociedade civil.

[fl. 21] P. Que couza hé Poder Supremo?

R. Hé o Poder absoluto, e independente, que compete aos Soberanos para o governo, e segurança dos Estados.

P. Em que partes se divide o Poder Supremo?

R. Em sette principalmente: a saber, em Poder Legislativo, Coactivo, Judiciario, em Poder de fazer a guerra, e a paz; de criar Ministros e Magistrados, de pedir tributos, e subsidios, e de examinar as Doutrinas que se ensinão no Estado.

P. Que couza hé o Poder Legislativo?

R. Hé o poder que compete aos Soberanos, pello qual significão aos Vassallos a sua vontade, estabelecendo regras geraes, e perpetuas, as quaes se chamão Leys, por onde os Cidadãos devem regular as suas acçoens, respectivas ao fim [fl. 21v] da Sociedade civil.

P. Qual hé o Poder Coactivo?

R. Como para a boa Economia, e socego interior do Estado não baste que se notifique aos Cidadãos a vontade dos Superiores; porque as Leys destituidas da força não tem vigor algum, por isso compete aos Soberanos o poder de castigarem os transgressores dellas com penas proporcionadas ao delicto: para que assim não fique a

republica offendida, e os mais Cidadãos com o terrôr do exemplo observarem religiozamente as Leys.

P. Qual hé o Poder Judiciario?

R. Hé o Poder, que compete aos Soberanos, para por si, ou pellos seos Delegados julgarem, e decidirem as controvercias que se levantão entre os Cidadãos.

P. Qual o Poder de fazer a guerra e a paz?

[fl.22] R. Hé o poder que tem os Soberanos para congregarem, unirem e armarem os Cidadãos em defeza commuã, para fazerem a paz, quando for conveniente, e para celebrarem Tratados de Alliança, com os inimigos, ou com outras Potencias.

P. Qual hé o Poder de constituir Ministros, e Magistrados?

R. Hé o Poder, que tem os Soberanos para fazerem Governadores, e Juizes que assim no tempo da guerra, como da paz, derijão os negocios do Estado para o que lhes transfere o Supremo Imperante parte da sua Jurisdição ficando lhe sempre o Direito de a revogar, e de lhes pedir conta da sua administração.

P. Qual hé o Poder de impor tributos?

R. Hé o Poder, que compete aos Soberanos de obrigarem os Vassallos a contribuirem com a [fl. 22v] fazenda, ou parte della, para a segurança commuã do Estado, cujos negocios se não podem manejar sem grande despeza.

P. Qual hé o Direito de examinar as Doutrinas que se ensinão no Estado?

R. Hé o Direito, que compete aos Soberanos para publicamente aprovarem aquellas Doutrinas, que mais convem ao recto fim, e uso da Sociedade: estabelecendo Mestres, que as ensinem, para que nellas se instrução os Cidadãos desde Pequenos.

P. E todas estas partes do Supremo Poder andão annexas, e inseparaveis humas das outras?

R. Sim: e de tal sorte que não pode haver Estado, ou Sociedade regular, sem que todas estas partes do Supremo Poder estejam redicadas em hum só sugeito fisico, ou moral, isto hé, no Monarca, sendo Monarquia; ou nos Magnatas, e no Povo, [fl. 23] sendo Aristocracia, ou Democracia: e do contrario rezulta hum Estado eregular, e por consequencia viciozo.

Dialogo XII  
Das Diversas formas de Governo

P. Quantas formas há de Governo, ou Estados Civis?

R. Duas: a saber, Regulares, e irregulares.

P. E quaes são os Governos regulares?

R. São aquelles, (como assima se disse) em que o Supremo Poder rezide em hum só Sugeito fisico, ou moral, como v.g. no Rey em a Monarquia: no Parlamento, ou Conselho dos Magnatas em a Democracia; e no Povo, ou seos Deputados em a Aristocracia.

P. E quaes são os Governos irregulares?

R. São aquelles, em que o Supremo Poder não está reducido em hum só Sugeito, mas antes há dois [fl. 23v], ou mais, que governão independentemente huns dos outros, donde rezulta o vicio destas formas de Sociedades Civis, cujo principal fundamento sempre consiste em sêr huma, e a mesma a vontade geral do Estado.

P. Em quantas especies, ou formas se divide o Governo Regular?

R. Em tres: a saber, em Monarquia, Aristocracia, e Democracia.

P. Que couza hé Monarquia?

R. Hé hum Estado, ou Sociedade Civil, em que o Supremo Poder rezide n'uma só Pessoa, a que se chama Monarca, Rey, ou Soberano, e cuja vontade no que pertence ao Governo da Monarquia, se reputa pella vontade geral de todo Reyno.

P. Que couza hé Aristocracia?

R. Hé huma forma de Governo, ou Estado Civil, em que [fl. 24] o Soberano Poder está na mão dos Nobres, e Magnatas da Nação, os quaes formão hum Conselho, ou Parlamento Supremo, cuja vontade, em quanto á admnistração publica se toma pella vontade geral de todo o Estado.

P. Que couza hé Democracia?

R. Hé huma Sociedade Civil, em que o Supremo Poder pertencente ao Governo publico está radicado no Povo, ou nos sêos Deputados; de sorte que aquillo, em que o mesmo Povo junto, ou dos sêos Deputados acordarem, se julga pella vontade geral de todo o Estado.

P. E qual destas tres formas de Governo regular hé melhor, e mais conducente ao socego publico, e felicidade dos Povos.

R. Deichando, como perniciosas, e detestaveis as openiões dos Monarcomacos, que intentão aniquilar, e dos Machiavellistas, que pertendem fazer [fl. 24v] odioza a Monarquia; hé muito constante no conceito dos autores pios, e de bom discurso; e por huma larga experiencia dos sucessos do mundo, que o Governo de hum só hé mais suave, mais pasifico, e mais conducente a felicidade dos Povos.

P. Quaes são as ventagens, que tem a Monarquia sobre as outras formas de Governo?

R. A principal, alem de outras muitas, hé que na Monarquia sempre o Rey, ou Soberano está em potencia proxima de exercitar o Supremo Poder, pois o Monarca para ocorrer a hum mal imminente, não tem mais que mandar promptamente executar o que elle resolvêo, ou no sêo Conselho se deliberou, como remedio efficaz.

P. E quaes são os inconvenientes mais ordinarios nas outras formas de Governo, chamados regularmente Republicas?

[fl. 25] R. Consistem principalmente em que no Governo de muitos, para se deliberar sobre qualquer negocio importante, hé preciso convocar os Grandes do Estado, ou todo o Povo, ou os sêos Deputados; indicar-lhes huma Assembleia para certo dia, e em certo lugar; e nella ordinariamente ou se acode tarde aos damnos, que amiaçavão a Republica; ou em vez de os atalhar, se originão mayores males, pellas facçoens, e parcialidade, de que nascem as guerras civis, e intestinas, sempre funestas ao Estado.

---

### Dialogo XIII

#### Das Prerrogativas, e constituição do Imperio Civil

P. Quaes são as Prerrogativas, e constituição do Imperio Civil?

R. Consistem em que todo o Imperio, ou Poder [fl. 25v] Supremo, em qualquer forma, que seja de Governo, deve ser independente, superior as Leys humanas; sagrado, e inviolavel, e absoluto.

P. Que se entende por Imperio, ou Poder Supremo independente?

R. Entende se que todo o Imperio civil, porque se rege qualquer Sociedade, hé no seo exercicio independente de outro algum Superior; e não está sugeito a dar da sua boa, ou má administração, senão ao Supremo Arbitrio do Universo.

P. Que se entende por Imperio Superior as Leys humanas?

R. Entende-se que todo o Imperio, ou Poder Supremo não está sugeito a Leys algumas humanas, ou civis, excepto só as Divinas, naturaes, e fundamentaes do seo

Estado, das quaes unicamente por huma feliz impossibilidade [fl.26], não pode mudar, derogar, e abolir couza alguma; o que tudo pode nas outras, porque a sua vontade hé o único movel, e principio da Legislação civil.

P. Que quer dizer Poder Supremo Sagrado, e Inviolavel?

R. Quer dizer que deve ser tal o respeito, e obediencia dos Vassallos a respeito do seo Soberano, que não só he grande maldade rezistirem ás suas ordens; mas até devem soffrer com paciencia a sua crueldade, da mesma maneira que os bons filhos soffrem as impertinencias de seos Pays: de tal sorte que, ainda padecendo gravissimas tiranias, e calamidades da parte do Soberano, antes devem fugir para ás evitarem, do que impunharem o duro ferro contra o Pay da Patria.

[fl. 26v] P. Que significa Imperio absoluto?

R. Significa que todo o Monarca, ou Soberano, não estando sugeito a norma alguma de certas Leys civis, ou Estatutos perpetuos, tem todo o poder para governar os seos Estados pello seo arbitrio, abolindo as Leys antigas, e estabelecendo outras de novo, segundo a occurencia dos cazos, e as circumstancias do tempo.

---

#### Dialogo XIV

##### Das obrigaçoens dos Soberanos para com os seos Vassallos

P. Qual hé a regra geral das obrigaçoens dos soberanos a respeito dos seos Vassallos?

R. A regra geral, e em que se comprehendem todas as obrigaçoens particulares dos Soberanos, he que elles devem empregar todo o seo desvello, e cuidado em saude do Povo, e felicidade [fl. 27] do Estado.

P. Porque principio são os soberanos obrigados a vellarem na felicidade dos Povos, e do Estado?

R. Em virtude da convenção primitiva, pella qual, depois de os Povos se entregarem ao seo dominio, e direcção, renunciando a liberdade natural, e sogeitandose a vontade geral do Estado, que hé a dos mesmos Soberanos, elles tãobem de sua parte se obrigão a mantelos em paz, e justiça, a defendelos dos inimigos de fora, e dos insultos dos máos Cidadãos.

P. Em que consistem as obrigaçoens particulares dos Soberanos?

R. Ellas todas se deduzem daquella regra, e obrigação geral; e consistem em que elles estão obrigados a promover tudo o que for a bem da Sociedade, e felicidade dos

Povos: como v.g. procurando que os Cidadãos sejam bem procedidos [fl. 27v], que as Leys se dem a sua execução, que as penas sejam proporcionadas aos delictos, que os cargos do Estado se dem a Varoens bons, e experientes, que se evite toda a sedição, e parcialidade; e se rezista a toda a invazão dos inimigos estrangeiros, etc.

P. E os Soberanos podem ser constringidos por alguém a cumprirem com estas suas obrigações?

R. Não: porque ficando os Soberanos na sua liberdade natural, não dependem neste mundo de pessoa alguma, senão só de Deos, ao qual unicamente são responsaveis da boa, ou má administração dos Povos, que lhes commeteo, como Rey dos Reys, e Distribuidor dos Imperios.

---

[fl. 28] Dialogo XV

Das obrigações dos Cidadãos a respeito do Soberano, e do Estado

P. A quantas especies se reduzem as obrigações dos Cidadãos?

R. As obrigações geraes reduzem-se a tres especies que respeitão cada huma dellas ao Soberano, a Sociedade, e a os mais Concidadãos.

P. A que he obrigado o Cidadão a respeito do Soberano?

R. O Cidadão para ser bom Vassallo deve obzequiar, reverenciar, obedecer, e guardar a inviolavel fidelidade ao seo Rey, e Soberano.

P. Que hé obrigado a fazer hum bom Cidadão a respeito da Sociedade.

R. O Cidadão para ser bom, e se fazer hum membro digno, e util ao Estado, não deve ter couza, que maiz ame, do que o bem publico, e [fl. 28v] e commum da Sociedade; de sorte que para promover a felicidade, e augmento della deve quanto está de sua parte, empregar todas suas forças, e ainda a sua fazenda, sendo necessario.

P. E a que hé obrigado o Cidadão a respeito dos seos Concidadãos?

R. He obrigado a viver com elles pacifica, e amigavelmente, fazer-se-lhes util, não os inquietar, nem molestar na honra, nem os prejudicar na fazenda, nem ter inveja das suas felicidades, etc.

P. Os Cidadãos não tem outras mais obrigações, que cumprir em o Estado?

R. Alem destas obrigações geraes que ligão a todos os Cidadãos; estes tem outras muitas obrigações, que cumprir, chamadas especiaes, porque respeitão [fl. 29]

particularmente a cada hum de per si, segundo os defferentes empregos, que occupão no Estado.

Como v.g. os Generaes, os Governadores das Provincias, os Juizes, os Magistrados, os Embaixadores, e Ministros de Estado, os quaes todos tem muitas e particulares obrigacoens, que cumprir, que se achão reguladas pellas Leys civis, e Regimentos de seos Cargos. Etc.

FIM.»

**Biblioteca Pública de Évora: Códice CXIII / 1-26**

# ANEXO XI

## **António da Purificação e Silva** **Regras da politica ou da civilidade que se pratica entre as pessoas honradas**

«[folha de rosto] Regras da Politica, ou civilidade, que se pratica entre as Pessoas honradas, e honestas.

Extrahidas summariamente dos elementos da Politica de Mr. Prevost.

Pelo P. Fr. Antonio da Purificação e Sylva, Religioso da Sagrada ordem Treceira do

Nosso Padre São Francisco da Provincia de Portugal.

Para a educação da Mocidade Portuguesa.

[fl. 1]Regras da Politica, ou da Civilidade, que se pratica entre as pessoas honradas, e honest

as.

Tratado da Civilidade.

Discurso preliminar.

Sendo o nosso projecto expôr aqui as regras da civilidade, convem muito dar primeiramente huma justa idea, e dizer em poucas palavras, em que ella consiste. Não se entenda aqui pelo termo civilidade aquelle talento particular, com que se fazem estimaveis certas pessoas em tudo quanto obrão, ou dizem. Este feliz talento pois, com que se consegue muitas vezes o maior merecimento, ainda quando não he considerado mais do que exteriormente, he hum puro Dom da natureza, que de nenhum modo pode ser adquirido. Não he assim a verdadeira civilidade, de que aqui se trata, pois sendo huma qualidade da alma, e do espirito, pode na verdade adquirilla todo o mundo pelas regras da politica, e do decóro, e he tão infallivel esta verdade, que ainda aquelle homem, a quem a natureza negou toda a perfeição corporal, com tanto que elle possua huma alma toda boa, pode communicar aos seus discursos, e ás suas acções tanto

agrado, que o não exceda pessoa alguma por mais bem feita que ella seja, e por mais dons, que lhe tenha dado a natureza.

A verdadeira civilidade não hé outra cousa mais do que a pratica das regras da politica, e da decencia, ou por outro modo, he huma sciencia, com que cada hum regula bem os seus discursos, e as suas acções na vida civil. Não he pois esta sciencia huma virtude adventicia, ou hum simples Dom da natureza, mas he huma sciencia adquirida, e segundo a definição dos antigos, he huma sciencia, que nos ensina a pôr por ordem aquellas cousas, que intentemos obrar, ou dizer donde se infere que a civilidade consiste em hum procedimento modesto, sabio, e prudente, com que os homens se devem tratar entre si, dando a cada hum o que lhe he devido segundo a sua idade, a sua nobreza, e o seu merecimento, conforme a exigencia dos tempos, e dos lugares, onde se encontrarem. He finalmente a civilidade huma recopilção de todas as virtudes moraes, e hum summario da modestia, da honestidade, da discrição, da complacencia, da prudencia, da circunspecção, e do decóro, que cada hum deve goardar nas suas palavras, e nas suas acções.

O que mais deve incitar a mocidade, para cuja instrucção se intenta compôr esta obra, e fazer huma seria applicação ao estudo, e á pratica das regras da civilidade, he que ella he tão necessaria no presente seculo, que ninguem poderia faltar a huma dellas, sem se fazer indigno da boa sociedade, e sem perder a estimação entre os homens de bem. Todos sabem que a civilidade he tanto mais precisa, estando mais recõmendavel, quanto ella he conforme ao espirito do Christianismo, pois lhe não he contrária em cousa alguma, como se pode ver facilmente, considerando com attenção, qual seja o seu fundamento.

#### [fl. 2] Regras da politica, e da civilidade.

Estabelece-se a civilidade sobre duas virtudes christans, que são as mais principaes, a saber, a humildade, e a caridade. Disse primeiramente sobre a humildade: porque há muita gente no mundo, que passa por civil, e honesta, sem ser humilde; porem claramente se conhece que não he verdadeira a politica daquelle, que despreza a humildade, que deve seer o fundamento de todas as nossas acções. Disse em segundo lugar que a civilidade tinha a sua base na caridade; porque della dimana a humildade, e porque no nosso amar o proximo como a nós mesmos, desejando-lhe todo o bem.

Antes que principie a expôr as regras da civilidade, darei primeiramente aqui alguns preceitos geraes, que podem servir de fundamento, e de introdução a toda a obra. Já se disse mais assim que a civilidade he huma sciencia, que nos ensina a regular perfeitamente o que intentamos dizer, ou obrar; mas para que se verifique isto, he necessario que se observem exactamente as quatro circumstancias seguintes.

1º. Deve cada hum conduzir-se segundo a sua idade, e a sua condição.

2º. Deve attender á qualidade das pessoas, com quem trata.

3º. Deve olhar para o tempo, e para o lugar, em que se acha.

4º. Deve saber distinguir o que he honseto, e conveniente do que o não he.

São estas quatro circumstancias outras tantas regras, que nos ensinão a nos conhecermos a nos mesmos, a conhermos os outros, e a fazermos outras distincções necessarias: por esta cauza he tão essencial a obseervancia destas regras, que faltando huma só, parecerão rediculas, e mal reguladdas todas as nossas acções; ainda que ellas sejam bem intencionadas. Examinamos pois estas quatro regras o mais sucintamente que nos for possivel.

## I

He a mais dificultosa de praticar esta primeira regra, porque suppoem o conhecimento, que cada hum deve ter de si mesmo, e com facilidade se não consegue esta sem experiencia de muitos annos, porem o amor proprio nos faz sempre julgar aquillo que na verdade não somos. Porém pode cada hum adquirir este conhecimento ainda na mais tenra idade; não excedendo os limites da modestia, e da humildade, prudente, que não passe a huma baixeza vil, e despresivel.

## II

Por si mesma se explica a segunda regra, que não he outra mais de que huma consequencia necessaria da primeira: por esta couza deve-se advertir que em materia de politica, he melhor ser excedido do que diminuido.

## III

Depende sómente da prudencia a pratica da terceira regra: por esta couza deve haver hum discernimento justo, e necessario; o que pertence tambem á quarta regra.

### III

Não he na verdade proprio para viver entre os homens de bem aquelle que confunde os tempos, e os lugares, porem deste modo vai precipitar-se nos muitos erros, e absurdos, e conseguintamente serão irregulares, e mal proporcionadas as suas acções. Para evitar pois esta confusão, devem-se observar tratamentos absolutamente necessarios. Em primeiro lugar deve cada hum ter hum discurso claro para conhecer as differentes qualida-[fl. 3]des de cada huma das cousas. Como pois este discurso vem da natureza sem o socorro da arte, nenhum proveito se pode dar aquelle que he destituido delle, se pode supprir o defeito da natureza por huma boa educação, recomendando-lhes hum estudo, e huma extraordinaria applicação sobre si mesmos. Deve-se em segundo lugar attender ao que o uzo tem introduzido como bom, e honesto, e ao que elle tem condemnado como indecente, e indecoroso. Divide-se este uso, em uso natural, e em uso de convenção, o natural he aquelle, que nos dicta a mesma natureza, que nos conduz como guia segura, e fiel a obrar tudo aquillo que he justo, e certo: o uso de convenção não he outra couza mais do que hum costume universalmente introduzido de comum acordo entre os homens honrados, e honestos: este pois nos enclina a regularmos segundo as leis da civilidade todas as nossas acções, porque a natureza não nos prescreve regra alguma certa, por onde nos mostra o modo, com que havemos de comer, beber, escarrar, tossir, etc. para assim nos distinguimos dos irrationaes, com quem nos são cõmuas estas couzas. Adevirta-se em terceiro lugar que se não deve confundir a familiaridade com a politica; porque pode haver occasiões, em que seja permittida e decente a familiaridade, e pode ser em outros incivil, e escondela. A familiaridade não he outra couza mais do que huma liberdade honesta na conversação, a qual por hum certo conhecimento tacito, e reciproco entre a gente, com quem se trata, fez julgar por bem aquillo mesmo, que serviria de escandalo, se fosse tomado em todo o rigor. Para que cada hum possa usar prudentemente da familiaridade deve observar se a pessoa, com quem trata, he igual, ou superior, ou inferior; se tem com ella muita comunicação, ou pouca, ou nenhuma.

De igual para igual, se o conhecimento he muito pode ser decente a politica da familiaridade, porque suppoem amizade, e confiança, porem se o conhecimento he pouco he incivil a familiaridade; e imprudente a confiança, se totalmente não há conhecimento algum.

De inferior para superior; ainda que entre estes seja grande o conhecimento e a amizade he sempre incivil a familiaridade, se o superior expressamente o não permittir, e ainda neste caso deve o inferior regular-se pelos ditames da prudencia.

De superior para inferior; hé sempre civil, e politica a familiaridade da parte do superior, e de algum modo obriga o inferior; porque a benevolencia, com que nos trata hum homem de mais alta esfera do que nós, lisonja sensivelmente o nosso amor proprio. He aqui pois que nos parece mais necessario, e mais essencial para servir de fundamento ás regras de civilidade, que pretendemos explicar de tal modo, que se fação preceptiveis á Mocidade, a qual por falta de experiencia não a poderia conceber, se fossem tratados, com menos digestão.

#### [fl. 4] Capitulo Primeiro

Da honesta composição do corpo, dos vestidos, e do asseio.

##### I

Deve cuidar muito aquelle, que intenta associar-se com os homens de bem, na compostura do corpo, tendo-o sempre direito, sem inclinar a cabeça nem para huma, nem para outra parte, ou esteja de pé, ou assentado, ou de joelhos; e quando lhe for necessario voltar a cabeça deve-o fazer com gravidade. Estude em não a levantar muito que pareça altivo, e cheio de presumpção; nem tambem a deixe inclinar de tal modo que o julguem por negligente, e preguiçoso.

##### II

Não enrugue a testa, e muito menos o nariz, porque he huma accção que indica excesso de colera, ou de velhice: o que he desagradavel a todo o mundo. Quando não falar, não tenha a boca aberta, nem muito fechada, nem morda os beiços, porque de outro modo sera considerado por homem simples, ou porco: he tambem necessario para evitar este damno, que o ar do rosto não seja triste, nem excessivamente alegre mas sim gravemente risonho, benigno, e afavel; e que não trate com excessiva alegria os negocios serios, nem com muita gravidade as cousas familiares, e cõmuas.

### III

Cuide muito em que os olhos não andem errantes de huma para outra parte; mas estude com diligencia em os conservar modestos, e hum pouco baixos, não os fixando sobre o rosto daquelle, com quem fala, nem olhando para elle dissimuladamente, e muito menos quando for pessoa de respeito, ou de diferente sexo.

### IV

Evite com o maior cuidado toda a agitação dos hombros, dos braços, das mãos, e das pernas, comservando-os sempre em huma postura decente; e de nenhum modo ponha as mãos de traz das costas, ou nas algibeiras.

### V

Deve advertir que he huma grande impolitica o esfregar as mãos, o cossar-se em qualquer parte do corpo, principalmente quando ella he oculta.

### VI

Não corte as unhas com os dentes, nem ainda de outro modo, estando na presença de alguém; a pessoa que se não deixa cahir neste absurdo, cuida em as trazer cortadas, e com toda a limpeza.

### VII

Estando assentado, não encruze as pernas, nem ponha huma sobre a outra, nem as estenda, nem danse com ellas, que he leviandade de juizo.

### [fl. 5] VIII

Não faça grande estrondo, quando se assoar, ou espirrar; e de nenhum modo observe o que tirar do nariz com o lenço, nem tambem alimpe os dentes com o dedo. Quando estiver na meza, ou em alguma caza asseada escarre no lenço. Advirta que não he contra a politica o espirrar, comtudo que o faça com hum modo decente, e que corresponda agradecido a attenção daquelle que o saudar.

### IX

Ponha toda a diligencia no asseio dos vestidos; mas sem affectação, e vaidade; e para evitar este excesso cuide em proporcionar os vestidos segundo a sua condição, e idade, e

de nenhuma sorte admitta aquellas modas, que servem mais para mostrar o pouco juizo do quem as adopta, do que para ornar decentemente os homens serios, e graves. Não está comtudo obrigado e evitar aquellas modas, que não são contra a modestia, e contra o procedimento catolico; porem não são uze dellas sem a approvação dos homens sensatos: Não he menos necessario o asseio do corpo: por esta cauza deve fazer toda a diligencia por conservar a cabeça limpa de insectos, e de trazer lavados a boca, os dentes, as mãos, e os pés, para que não infecte aquelles, com quem cõmunica.

## Capitulo II

### Do modo de saudar.

Ainda que em hum livro se não pode aprender perfeitamente o verdadeiro modo de saudar, daremos com tudo alguns preceitos, com que se arruinem os abuzos, que se tem introduzido nesta materia.

#### I

Costumão na verdade algumas pessoas saudar os outros com hum tal modo, que servem de motivo de rizo, e de zombaria: como he fazer primeiramente a reverencia sem tirar o chapeo ou pôr este diante do rosto, como quem se quer esconder, ou curvando o braço de hum modo tal, que parece que elles pedem esmolla. Para evitar pois todos estes defeitos, deve aquelle que deseja ser perfeito, tirar primeiramente o seu chapeo, estendendo o braço até o joelho, e deste modo faça huma reverencia mais ou menos profunda, segundo a qualidade da pessoa, com quem falar, e nunca com o chapeo de baixo do braço, mas sempre com elle na mão, ainda quando tem por costume o trazello no dito lugar. Deve ser feita esta saudação com tal agrado, que mostre logo a boa educação, que tem, e principalmente se for nobre, ou constituido em qualquer dignidade; porque estes devem ser mais affaveis, e politicos, para assim mostrarem que desterrão toda a soberba, que de nenhum modo deve ser anexa á fidalguia.

#### II

Se lhe acontecer estar na janella por detras das vidraças, a passar alguém, que o saudar, cuide logo em as abrir, e corresponda-lhe com huma [fl. 6] reverencia; o mesmo deve fazer quando for em algum carrinho, ou coche abaixando o vidro daquella parte, por onde passa o que saudar, ou ao menos mostrar que o quer abaixar, se vai depressa.

### III

Se estiver encostado na janella, deve-se pôr direito, e retirar-se hum pouco para tras, para corresponder politicamente à saudação daquelles, que passão pella rua.

### Capitulo III

Do modo de andar, e da politica, que deve observar com aquelle que se encontrão, ou com quem se passea.

#### I

Quem intenta mostrar-se homem sensato, deve andar com hum passo grave, e natural, e nunca ligeiro nem affectado; deve tambem proporcionar com o passo o movimento de corpo, de sorte que em tudo mostre seriedade.

#### II

Encontrando na rua alguma pessoa de respeito, passe pela parte mais baixa da rua; e se esta não tiver altos, nem baixos, cuide sempre em passar pelo seu lado esquerdo, deixando-lhe livre a mão direita. Se encontrar alguma senhora de grande qualidade, deve tributar-lhe todo o respeito com huma profunda inclinação, e o mesmo fara á outros que forem na sua companhia, sendo de igual nobreza; mas se o não forem, saude-os com huma mediana reverencia.

#### III

Quando passear com alguma pessoa de respeito, cuide muito em não parar, quando ella vai andando, nem adiantar-se, nem ser o primeiro em se voltar no fim de passeio, e quando o fizer nunca lhe volte as costas, mas sim o rosto. Se a pessoa for de huma esclarecida nobreza, ou de huma alta dignidade, não deve passear igualmente com ella, mas retirado meio passo atras; de sorte que possa cõmodamente ouvir, e responder ao que ella lhe diz.

#### IV

Quando estiver na companhia de alguma pessoa, que lhe he superior, e que esta falar particularmente a alguem, deve retirar-se de modo, que não ouça, o que se diz; e estando

com ella em alguma casa, não deve aproximar-se muito áquelles, com quem ella fala mas fique sempre distante da parte da porta: e ainda quando ella lhe disser que se chegue mais, nunca o deve fazer de tal modo, que fique muito proximo a ella. Sendo obrigado a falar; uze de termos politicos que indiquem respeito, e de nenhum modo impugne o que disse a pessoa, a quem acompanha.

## V

Quando for pela rua alguma pessoa de respeito deve ceder-lhe o lugar mais honrado, que he a mão direita; e quando forem mais pessoas, dá o lugar do meio ao de maior qualidade, deixando o lado direito ao de [fl. 7] menos character. Caminhando junto a algum muro, ou parado, deve por-se da parte da rua, ainda que fique do lado direito da pessoa, com quem acompanha. Se passear com senhores de maior nobreza, e estes lhe derem o lugar do meio para melhor escutarem algum discurso, que ficou, cuide muito em se voltar da parte daquelle, que for mais nobre, e se ambos foram de igual qualidade, volte-se alternativamente de ambos os lados, afinalizando o seu discurso, deixe o lugar do meio, e procure o mais inferior. Se estes senhores se allevantarem, fique sempre de pé, até que elles o mandem assentar; o que fara com hum modo, que indique respeito, e submissão. Seria grande incivilidade o passear com pessoas iguaes na presença de outras de maior qualidade, e estar assentado emquanto estes passeão.

## VI

Sendo o passeio em hum jardim de alguma pessoa honrada, não se ria, nem fale só, porque he mostrar deste modo, que reprova algum defeito, que alli observa; e isto mesmo deve evitar em outro qualquer lugar.

## VII

Sendo iguaes os que passeão, devem-se corresponder com igual politica, e voltando-se no fim do passeio hum para o outro; e sendo mais de dous; devem voltar-se de modo, que não dem as costas huns áquelles, que lhes voltão o rosto, e que em cada passeio va ficando cada hum por seu sequito no lugar do meio.

## Capitulo IV

De algumas acções, que dizem respeito á conversação, e do modo de conversar.

## I

Cuida muito aquelle, que deseja adquerir a estimação dos homens honrados e politicos, em receber com o maior agrado, e attenção aquellas pessoas, que o vizitão, conduzindo-as até a sala, onde intenta conversar com elles, e pedindo-lhes que tenham a bondade de se assentarem. Na despedida deve acompanhallos até a porta, sendo pessoas de maior character, e não se deve retirar sem que elles se mettão na sege, ou montem a cavallo, e sem que depois disso lhes faça huma reverencia segundo a sua qualidade.

## II

Quando vizitar qualquer pessoa, não entre na casa, nem assente, nem tome o lugar mais honrado, emquanto para isto o não [fl. 8] convidar o senhor da mesma casa. Na despedida não entre na sege, nem monte a cavallo na presença daquelle, que vem de vizitar, principalmente se for pessoa mais nobre, e irá andando a pé hum pouco de tempo até que se retire a pessoa vizitada; porém se esta lhe disser com instancias que entre na sege, o poderá fazer com hum modo, que se mostre agradecido a attenção, que ella lhe permite.

## III

De nenhum modo tenha o chappeo na cabeça, quando conversar com pessoas de maior authoridade; porem se estas o mandarem cobrir pode-o fazer, porque de outra sorte he mostrar-se importuno. He grande impolitica, que hum inferior mande cobrir hum superior: por esta cauza tenha muito cuidado em não ser o primeiro, que mande pôr o chapeo na cabeça, ainda com os iguaes.

## IV

Quando passar alguma pessoa honrada, deve levantar-se, se estiver assentado, e parar hum pouco, se for andando principalmente em lugar estreitos, como são portas, corredores, escadas, etc. para assim lhes dar huma passagem franca.

## V

Quando entrar em alguma casa, não bata na porta com grande força, e deixe algum intervallo antes que bata segunda vez, para dar assim tempo a que lhe respondão.

Entrando em alguma sala não deve abrir a porta com estrondo, principalmente se alli houver alguma pessoa de respeito; e o mesmo deve evitar, quando sair.

## VI

Quando falar com os que lhe são superiores ou em nobreza, ou e dignidade, não se encoste, nem se chegue muito a elles, mas fique em distancia de hum passo pouco mais ou menos. Se elles o mandarem assentar ao pé de si, tome hum assento, mais inferior do que o delles; porém se lhe offerecerem hum igual, não se excuse de o aceitar mais de tras deles, porque de outro modo he ser teimoso, e importuno, que he pior do que ser incivil, ou impolitico. Isto mesmo deve obrar, quando lhe for necessario passar por diante de alguém; ainda que seja pessoa de qualidade, e de nenhum modo o faça levantar, nem lhe cauze qualquer molestia, so afim de não passar por diante della: advirta porém que deve passar por detras quando daqui não resultar incomodo a qualquer pessoa.

## VII

Cuide muito em não perguntar a huma pessoa de qualidade o como está, ou como passa, ou como vai de saude, se ella não estiver em forma, porque de outro modo he entrar em huma especie de familiaridade, de que se podem escandalizar semelhantes pessoas. Quando lhe for necessario dar alguma cousa, deve beijalla, e nunca estenda o braço por diante de outro qualquer, que esteja na companhia. Evite quanto puder o puxar pelo vestido daquella, a quem deseja falar, nem tambem o chame de lóge com palavras, ou com assenos; porem multiplique os passos ainda que sempre com gravidade, para lhe mostrar assim que intenta communicar-lhe algum negocio. Quando alguém estiver lendo huma carta, não olhe para ella, nem para papeis, livros, ou couzas semelhantes, que estiverem sobre alguma banca. Evita quanto puder o estar proximo áquelles, que contão dinheiro, ou que estão tirando de hum cofre joias, ou outras preciosidades; porque he huma indiscreta curiosidade, que offende ainda os menos iguaes.

## VIII

Em huma conversação cuide muito em não dormir emquanto os outros falão; mostre-se politico com os que entrarem, acõmodando-se de modo, que lhes dé lugar.

Não escarre, nem espirre diante dos outros, mas volte-se de hum lado para fazer qualquer destas duas cousas; comtanto que não atire o escarro muito longe, nem o lance em alguma parede, nem tambem o lance na rua, se estiver á janella. Sendo o escarro grande, cuide logo em lhe pôr o pé em sima. Quando escarrar, ou falar com alguém, faça a diligencia por se portar de tal modo, que não salte alguma saliva nos circunstantes. Cuide em não abrir a boca, se poder, e quando se não possa abster, pode fazello sem bulha, e sem falar, cobrindo a boca com a mão; ou com o braço, e voltando-se para hum lado, para que o não vejam os assistentes; nem tambem deve espreguiçar-se, nem puxar pelo relógio, nem perguntar quantas horas são, porque todas estas cousas são indícios de quem se enfastia da conversação, o que he hum grande absurdo, e incivildade.

## IX

Cuide attentamente em não imitar o exemplo daquelles, que de baixo da huma fingida politica approvão todas as circunstancias, e todas as acções rediculas, e perversas daquelles, a quem desejão agradar: por esta couza deve seguir o uso recebido entre os sabios, e prudentes, evitando todo o excesso; pois tanto agrada huma politica bem regulada, e prudente, como enfada, e enfastia, quando ella he impertinente, e dirigida a máo fim.

## X

Estude com a maior vigilancia em que a sua conversação seja modesta, divertida, prudente, suave, e graciosa, sem affectação, nem lizonja. Fale com huma vós nem muito apressada, nem muito vagarosa, nem muito áspera, nem muito affeminada; nem tão forte, que incõmode, nem tão fraca, que se não entenda. Não uze de termos grosseiros, nem de palavras livres, equivocas, e deshonestas, nem tambem de discursos piquantes, e altivos.

## XI

Quando falar com alguma pessoa de respeito, tanto de hum como de outro sexo, e que se veja obrigado a responder-lhe sim, ou não. Uze [fl. 10] sempre dos termos Senhor, e Senhora, dizendo sim Senhor; sim Senhora; não Senhor; não Senhora; e sendo pessoa da primeira nobreza deve dizer sim meu Senhor; sim minha Senhora; não meu Senhor; não minha Senhora. Sendo necessario dizer não para contradizer alguma cousa,

uze sempre de circunlocução, dizendo: permitame, Senhor, ou meu Senhor, a liberdade de lhe dizer que isso não he assim. Não he necessario que uze sempre deste modo de ser, com tanto que o faça por outro, que seja o mesmo e que mostre á pessoa, com quem fala, que sabe dar-lhe o respeito , que lhe he devido. Deve tambem usar de circunlocução, quando por aquella pessoa com quem está falando, quer mandar recomendações a outra, que está auzente, dizendo: peço-lhe, Senhor, ou digne-se, meu Senhor de me permitir a honra de dizer ao Senhor fullano, se for parente, ou tiver o mesmo titulo; porque de outro modo deve dizer, a fulano, que eu dezejo muito ter occasiões de o servir; ou por outro qualquer modo. Quando for necessario dar o seu parecer em alguma cousa, que diz aquelle, com quem conversa, deve explicar-se deste modo: supposta a honra meu Senhor; que Vossa Excellencia me faz, pareceu-me que isto he assim, ou que deve obrar assim.

## XII

Por nenhum modo vitupera pessoa alguma na conversação; e quando se deixar cahir neste absurdo, nunca note defeitos, em que algum dos circunstantes esteja tambem comprehendido; nem tambem compare a pessoa, que vitupera, com aquella, com quem conversa, dizendo: elle alguma couza se parece com Vossa Mercê ou ella tem a estatura de Vossa Mercê. ou por outro similhante modo. Fuja muito de dizer a huma pessoa de qualidade e ainda igual, não sendo de confiança, quando elle o tratar com excessiva honra: Eu julgo, meu Senhor, que Vossa Senhoria, etc. me mette a bulha ou faz zombaria de mim, porque isto he de algum modo negar a humildade. Pode comtudo dizer: Eu me encho de confuzão, quando me vejo tratado com tanta honra, que eu não mereço; porem tudo he hum puro effeito de sua bondade. Cuide muito em não dizer cousa alguma em louvor proprio, e quando for muito necessario o disello, seja com modestia, e humildade, sem se exaltar a si, nem aniquillar os outros.

## XIII

Conforme-se na conversação com as circumstancias, em que está a pessoa, com quem fala, como tambem com o tempo, e com o lugar, onde conversa; pois seria grande incivildade, e absurdo o fazer hum discurso jocoso na presença de huma pessoa, que está de luto; em hum tempo, em que todos vivem consternados; e em hum lugar, que deve ser tratado com toda a seriedade, como tambem falar de cousas melancolicas em tempo de recreio. Quando falar de seus paes, não diga o Senhor meu pae, a Senhora

minha mãe; mas sim meu pae, minha mae, que são termos mais proprios, e mais conformes á piedade natural. Não comuniquem as suas arguras particulares, e domesticas senão aquelles, com quem tem huma intima amizade, e aquelles que lhe podem dar conselhos, ou o podem ajudar. Cuide muito em que não sejam dilatados os seus discursos, principalmente quando o assumpto he pouco consideravel, ou não serve de rumo á companhia. Não se introduza em huma conversação, em que ja entrem duas, ou muitas pessoas de maior qualidade, sem que para isso seja convidado, nem interrompa o discurso, que qualquer dellas fizer para fazer alguma reflexão, nem tambem lhe adiante aquillo, que não lhe ocorre, e que lhe impede o conti[fl. 11]nuar o discurso, sem ser perguntado. Não principie a falar, sem que o outro acabe; nem seja de tal sorte o seu sentimento, que pareça mostrar-se mais avizado do que os outros. Chegando a qualquer lugar, onde se converse, não procure qual he a materia, de que se trata, nem fale em segredo a outro, nem em hum idioma, que os mais não entendem; porém se lhe for muito necessario o cõmunicar alguma cousa a algum dos da companhia chame-o á porta, pedindo primeiramente licença aos circunstantes.

#### XIV

Cuida em dar a cada hum a precedencia, que lhe convem; como aos Eclesiásticos, por causa do seu character, aos Magistrados, que fazem as vezes do Principe, e assim a todos os mais por sua ordem. Se alguma pessoa de qualidade o procurar em sua caza, deve recebello com todo o respeito, dando-lhe o principal assento; e quanto ella alli estiver, não mude de vestido, nem se levante da cama, se ainda estiver deitado, por ser isto huma cousa muito indecente: por esta cauza cuide muito em recomendar que o advirtão, quando alguém o procurar, para que se componha com hum modo decente, e capaz de apparecer. Sendo advertido que o procura alguma pessoa de maior dignidade tanto do estado eclesiastico, como do secular deve ir esperalla á porta da rua, e mandar entrar a sege no pateo, se na caza houver esta comodidade. Na despedida fará o que se disse assima na regra I deste capitulo. Sendo Senhora de grande qualidade a pessoa, que o vizitar, não só a deve acompanhar até a porta, mas deve tambem estender-lhe o braço, para que encostando-se a ella possa mais facilmente entrar na sege; e se ella tiver vindo a pé, deve acompanhalla até a sua caza: advirta porém que está dispensado destas ceremonias, quando na sua companhia estiver pessoa de maior authoridade, porque então somente a esta pertence o fazer estes cumprimentos. He cousa superflua que a pessoa, que se despede á porta, se volte segunda vez, e se lhe faça outra reverencia.

## XV

Não faça esperar muito tempo as pessoas, que o procurão, principalmente sendo ellas de qualidade, excepto se estiver occupado com outros de maior authoridade, ou com negocios publicos; e ainda neste cazo deve mandar huma pessoa de honesta condição para que as entretenha, em quanto se não dezembaraça, e dar-lhes-há depois huma satisfação, pedindo-lhes, que lhes perdoem o incômodo, que lhes deo. Advirta-se que aquelle, que for a vizita, ainda que seja de grande character, não deve consentir que o Senhor da caza o conduza até a porta, sabendo que elle está muito ocupado com negocios publicos, e de grande importancia; ou que está conversando com outra pessoa ainda de maior qualidade, assim como hum coronel a respeito de hum general; porém neste cazo deve mandar acompanhar o coronel até a porta por algum domestico mais grave. Não se dilate muito nas vizitas, principalmente nas dos doentes, e enfermos, e nas daquelles que sabem utilizar-se da preciozidade do tempo.

## [fl. 12] XVI

Quando alguma pessoa vier de alguma jornada, e avizar da sua chegada o seu amigo, deve logo este ir vizitallo, dando-lhe parabens da sua feliz jornada; se elle lhe disser que nella padeceo alguns contratempos, mostre-lhe de algum modo o quanto sente a sua infelicidade. Advirta-se que nas terras pequenas, onde se sabe logo quem esta, quem sahe, não he necessario esperar que a pessoa, que chega de fóra, mande avizo ao seu amigo, para que este esteja obrigado a satisfazer a este dever de politica. Advirta-se tambem que, quando se diz que aquelle, que chega de fóra, deve avizar o seu amigo, para que este o vizite, não se quer mostrar que isto se deva entender geralmente com todos, pois sómente se pertende mostrar que de outro modo seria huma grande incivilidade, mandar hum inferior avizar da sua chegada hum superior, ou huma senhora, para que estes o vizitassem. Por esta cauza pois deve aquelle, que chega de fóra ir vizitar aquelles, que o excedem no character, e na nobreza. Quando mandar avizar da sua chegada os que lhe são iguaes, não o faça de tal modo, que mostre superioridade, mas diga ao criado por estas ou similhantes palavras: Dice ao Senhor fulano que, por estar ainda fatigado da minha jornada, não vou saber da sua saude, que tenha a bondade de me dizer em que occasião o poderei ir procurar, para ter o gosto de o cōmunicar, e a honra de recolher as suas ordens.

## Capitulo V

Da entrada na caza de hum Grande Senhor, e do modo que se deve observar a seu respeito em todas as occasiões.

### I

Todo o homem deve mostrar que he politico com toda a qualidade de pessoas; mas com maior cuidado, e vigilancia com os da primeira grandeza: por esta cauza deve observar não só o que se tem dito a este respeito, mas tambem o que se segue neste capitulo. Quando entrar na caza de hum grande Senhor, ou seja Ecclesiastico, ou Secular, deve apear-se á porta, e não entrar no pateo em sege, ou a cavallo; suba a escada, entre na salla de espera, e pergunte ao criado, que alli estiver, se pode falar a Sua Eminencia, a Sua Excellencia, etc. Se alli não estiver pessoa alguma, espere com paciencia que venha alguma pessoa, a quem faça a sobre dita pergunta; e emquanto esperar, não se chegue á porta, que vai para as salas interiores, por não mostrar que está escutando o que se fala dentro. Se não for costume haver criado na salla de espera, bata na porta, que vai para a casa interior, mas sem motim; e emquanto não vem gente, retire-se hum pouco para tras pela razão já dita.

### II

Entrando na caza, onde está o dito Senhor cuide em ir com toda a gravidade, e respeito, e não vezite o que há nas sallas, por onde passa, e muito menos no ga[fl. 13]binete, onde está a pessoa, a quem intenta cumprimentar. Chegando pois a sua presença faça-lhe huma profunda reverencia; e se elle estiver occupado a escrever, a ler, ou a estudar, não o interrompa, mas espere que elle se volte, e lhe dé occasião de falar. Se elle o mandar assentar, obedeça-lhe, mas procure o assento mais chegado á porta, por onde entrou, e de nenhuma maneira se ponha ao seu lado, nem totalmente de frente, mas de perfil, que he huma postura, que indica mais respeito. Emquanto lhe expuzer o seu negocio, attenda áquellas cousas, que pertencem á civilidade, para as executar promptamente. Assim, quando cahir no chão o lenço, ou outra qualquer cousa, cuide logo em levantalla, e entregue-lha, beijando-a primeiramente; de nenhum modo consinta que elle lhe levante alguma cousa, que lhe cahir. Se o dito Senhor espirrar, nãolhe diga em voz perceptivel Dominus tecum, mas em vóz submissa, fazendo-lhe huma reverencia.

### III

Se acontecer que o dito Senhor queira chamar alguém, cuide logo em fazer esta diligencia; porém não levante a vós, nem grite, mas observe se na caza proxima ao gabinete há alguma pessoa, que possa mais cõmodamente fazer esta diligencia.

### IV

Esteja sempre attento ao que diz a pessoa, com quem fala, para que esta se não veja obrigada a repetir a mesma couza. Observe na conversação, que tiver com as pessoas desta qualidade o que se disse no capitulo precedente.

### V

Se na presença de hum grande Senhor, ou em qualquer conversação estiverem mais sabios, não falei, sem que para isto seja convidado, mas escute attentamente. Se houver na companhia alguém, que jure, que uze de termos improprios, ou que diga alguma palavra indecente, não se ria, porque he mostrar que approva similhante absurdo. Quando ouvir falar dos defeitos do proximo, nunca diga: eu não obro assim; eu faço o contrario; hum homem como eu não he capaz de se conduzir por similhante modo; porque tudo isto he louvor proprio, que nunca deve ser admitido entre os prudentes, e sensatos.

### VI

Cuide muito em evitar o terrivel modo daquelles; que falão muito tempo e não dizem mais do que bagatellas; que questionão sobre tudo quanto ouvem; e que se mostrão como oráculos, affirmando ser verdade quanto elles dizem, ainda naquillo mesmo, que elles não sabem se he verdadeiro, ou falso. Se quizer pois evitar estas, e outras imperfeições applique com diligencia em se instruir naquellas sciencias, que podem fazer agradavel a sua conversação entre os sabios e doutos.

### [fl. 14] VII

Se huma pessoa da primeira nobreza se chegar a janella para ver quem passa pela rua, não se ponha com elle hombro a hombro, mas fique dentro em distancia, que possa

conversar com ella sobre a materia, que o dito Senhor expoz. Cuide em não estar muito proximo áquelle, com quem fala, para que este não sinta o bom ou máo halito, que respira: por esta cauza pois he muito decente o falar a qualquer pessoa, e principalmente sendo de grande qualidade, não só com alguma distancia, mas tambem de meio perfil. Entrando qualquer pessoa de maior graduação, porém mais inferior áquella, com quem conversa, nam deixe esta para cumprimentar a outra; contente-se em lhe fazer somente huma reverencia. Porém se o que entrar for de maior graduação, espere que o Senhor da caza o cumprimente, e depois faça o mesmo. Em quanto estes dous Senhores se entretiverem a conversar juntos, não fale á parte, ou em segredo com outro qualquer, que fique ao seu lado, mas esteja serio, e attento.

## VIII

Se huma pessoa da primeira grandeza lhe permitir a honra de o acompanhar até fóra do seu gabinete, não o deve impedir, porque pode ser que se veja precisado a sahir por outro motivo: por esta cauza deve mostrar por alguma acção, que não merecia semelhante honra. A acção pode ser como o retirar-se para hum lado, para o deixar passar; ou de outro qualquer modo.

## Capitulo VI

Da politica e civilidade, que deve observar hum superior a respeito de hum inferior.

### I

Alem do temos dito nos capitulos precedentes, podiamos tratar de algumas couzas, que são mais particulares aos superiores a respeito dos inferiores; porém não he justo prescrever leis aquelles mesmos, que as estabelecem: por esta cauza cuidaremos sómente em apresentar áquelles Senhores, que estão ainda em huma idade juvenil, as razões, que os devem mover a observar esta civilidade, a qual não consiste em outra mais do que em tratarem os seus inferiores com estimação, principalmente quando elles satisfazem bem as suas obrigações; pois deste modo adquire hum destes Senhores a affeição, e o amor de todo o mundo.

### II

He na verdade pequeno o numero daquellas pessoas de qualidade, que tratão os seus inferiores com agrado, e politica, porque julgão que Deos os formara de hum todo

differente daquelle, de que foi tirando o mais resto dos homens; e porque ignorão que os seus inferiores, forão como elles creados á imagem de Deos, e resgatados com o precioso sangue de Jesus Cristo.

#### [fl. 15] III

Quando estas razões não fossem sufficeintes, devião com tudo attender ao seu proprio interesse; pois he certo que tratando elles com affabilidade os seus inferiores, e principalmente aquelles, que não vivem de baixo da sua dependencia, atrahem os corações de todos, e dispoem de tal modo os animos, que todos sentem hum grande jubilo, quando encontrão qualquer occasião de lhes tributarem o mais sincero respeito. Não acontece assim a hum Senhor, que olha com desprezo para os seus inferiores; pois todo o mundo foge delle, e o considera como hum monstro separado da sociedade dos outros homens; e toda a honra, que se lhe tributa he mais por satisfazer ao uso do que ao seu merecimento.

#### IV

Procede ordinariamente o desprezo, que os superiores tem a respeito dos seus inferiores em huma suberba, que lhes faz crer que todos aquelles, que lhes não são iguaes em nobreza, se fazem indignos da sua attenção, e que somente devem ser o objecto das suas irrizões, sem advertirem que a natureza, que nos faz a todos iguaes, reprova hum tão abominante procedimento.

### Capitulo VII

Do que se deve observar na meza.

#### I

Todo o homem, que dezeja mostrar que foi bem educado, deve cuidar muito em usar de toda a politica, quando estiver na meza: por esta cauza pois não peça agua para lavar as mãos antes de principiar a comer, e principalmente em caza de pessoas de respeito, e pouca confiança; e se lha offerecerem, não se lave sem que os outros convidados, e o Senhor da caza se tenham já lavado. Advirta porém que se os mais instarem duas ou três vezes para que se lave primeiro, não tarde muito em o fazer dizendo: não devo

desprezar tanta honra, em que Vossa Mercê tratão este seu criado; ou por outro modo semelhante.

## II

Se o convidarem para comer em caza de algum catholico, esteja com devoção em quanto se reza; e não imite aquelles, que ou não órão por nada antes de comerem, ou, em quanto os outros o fazem, estão elles devorando com os olhos as iguarias, que estão na meza. Feita a oração, não se assente sem que os outros o fação, e procure sempre o lugar mais inferior; porem, obrando assim, não só manifesta a sua politica, mas segue tambem a maxima do Evangelho. A respeito de tirar o espadim para se pôr á meza, seguem alguns politicos que se não deve tirar, principalmente entre militares; porque estes devem estar sempre promptos para acudir a qualquer cazo, que possa acontecer, porém sobre esta materia siga cada hum o uso, e o costume do paiz.

## III

Estando á meza, não se encoste, nem ponha os braços, e os cotovelos sobre a meza; não mova os pés, e os braços de modo que moleste os vizinhos, nem volte a cabeça [fl. 16] de hum e outro lado sem necessidade, mas cuide em se conservar com huma postura grave, e decente. Não extenda o guardanapo, nem metta a mão no prato sempre que aquelle, que he de maior respeito, principie a tirar; porque he huma incivilidade de grande nota: porém se lhe disserem que faça os pratos pode ser o primeiro que alli metta a mão; e neste cazo cuide muito em dar o melhor aos outros, reservando para si o mais inferior; e de nenhum modo ponha a mão nas iguarias, mas pegue em tudo com o garfo. Se for outro qualquer, o que distribua os pratos, que ordinariamente he o Senhor da caza, ou aquelle a quem elle cõmette esta acção, não seja o primeiro em apresentar o seu prato; mas espere que aquelle, que reparte, lhe offereça o prato com o comer; e pegando nelle, dé-lhe logo o que tem vazio diante de si, fazendo huma reverencia. Se lhe for necessario tirar alguma cousa do prato do meio, não o faça com o mesmo garfo, com que come, mas sim com aquelle, que para este fim esta destinado; e se não houver outro, pode servir-se do mesmo, com que come, limpando-o primeiramente com o guardanapo. Não volte o prato do meio de huma para outra parte, nem tambem o que está dentro nelle para escolher o que mais appetecer, mas deve tirar o que estiver do seu lado. Cuide tambem em tirar logo pouco mais ou menos o que pode comer para evitar repetições, que de algum modo mostrão que he insaciavel aquelle, que assim obra.

#### IV

Não olhe para iguarias com huma tal ardencia, que faça julgar aos circunstantes, que padece huma grande fome, ou que he amante da gula. Não lhe aconteça o decidir do gosto, e da qualidade das iguarias; se for perguntado sobre esta materia, diga sempre bem. Quando não gostar de alguma cousa, que vá á meza, não o cõmunique, dizendo não gosto disto, ou daquillo; não como disto, porque tem pimenta, ou cebola, etc. e se lhe offerecerem aceite-a, e veja se pode comer ao menos huma pequena porção; porém quando absolutamente o não possa fazer, disfarce comendo outra cousa, e tendo occasião opportuna, entregue o prato a qualquer dos criados, que servem. Acabada de comer a primeira iguaria ponha no prato, em que comeo, o garfo, a faca, ou a colher, se não estiverem limpos, e entregue tudo a hum criado, que elle, ou outro qualquer lhe apromptará outros lavados: porém sendo em meza onde não haja esta comodidade, e que se veja cada hum obrigado a comer de tudo com o mesmo garfo, faca, etc. tenha cuidado de limpar com o guardanapo cada huma das suas cousas, quando mudar de iguaria.

#### V

Quando comer, cuide muito em não metter hum bocado na boca, sem que o outro esteja engolido, nem que o bocado seja tão grande, que lhe custe a levar para baixo. Se por infelicidade se escaldar, faça a diligencia por supportar o ardor, porem se absolutamente não puder tome o guardanapo com a mão esquerda, e ponha-a diante da boca, e com a mão direita tire o bocado, e disfarçadamente o pode entregar a hum criado no mesmo prato, que tem diante de si. Não se incline sobre o [fl. 17] comer, e só o poderá fazer emquanto leva á boca alguma cousa liquida. De nenhum modo chupe os ossos, nem os parta com os dentes, para lhes tirar a medulla; não lamba os beiços, e ajunteos hum pouco, para lhe não cair o comer no vestido, ou sobre a meza. Quando comer qualquer qualidade de caldo, seja sempre com a colher, que deve levar á boca com a mão direita; e nesta mesma deve ter o garfo na mão esquerda, e a faca na direita para com ella cortar a carne, e com a esquerda mettella na boca; pois este he o uso mais introduzido. Não molhe o pão, ou carne no prato, que está no meio da meza; evite pois este absurdo, tirando com a colher para o seu prato o molho, que lhe for necessario; e se gostar da carne, ou de outra qualquer comida com sal, tire-o do saleiro com a ponta da faca, e ponha-o no lado do prato da parte da mão, em que tiver o garfo.

## VII

Não leve á boca huma grande porção de pão, nem o peça em vós alta, mas em vós submissa, ou fazendo algum signal a hum dos serventes; e quando lhe apresentarem o cópo, receba-o pela parte daquella, que he menos digno, estando entre duas pessoas, que não são iguaes na nobreza, ou na dignidade, porém se ambas forem iguaes pode recebello por qualquer dos lados. Não prove o vinho, nem beba o cópo de dous ou tres jactos, mas sómente de huma vez; e para evitar isto não deixe lançar no cópo mais do que aquelle vinho que puder beber de huma só vez. Quando beber tenha os olhos baixos, e não beba em quanto tiver o comer na boca.

## VIII

Por nenhum modo beba á saude de huma pessoa de maior qualidade, falando immediatamente com ella; mas volte-se para qualquer dos convidados e diga: Senhor fulano, á saude do Excellentissimo, etc. e se esta mesma pessoa lhe fiser alguma saude, incline-se hum pouco em quanto ella bebe; e não lhe correspomda, sem que ella assim o mande. Advirta porém que não se deve observar o que se contém neste paragrafo senão com pessoas da maior grandeza; porque sendo entre iguaes, e ainda com aquelles, que são superiores, mas que não excedem muito huns aos outros na nobreza, devem-se corresponder igualmente, por ser este o costume mais introduzido. Cuide muito em ser parco na bebida do vinho, por se não expôr a algum triste, e vergonhoso incidente.

## [fl. 18] IX

Na conversação da meza deve ser muito mais moderado do que em outra qualquer por esta cauza, fale o menos que puder; e quando a sociedade o pedir, fale attenta, e discretamente. Não se enfade contra qualquer pessoa, nem ainda contra os seus proprios criados. Quando conversa com qualquer pessoa, e esta principiar a beber, deve parar até que ella acabe e depois continuem o seu discurso. Cuide tambem muito em não falar com o comer na boca. He grande incivilidade o limpar diante de gente os dentes com hum palito, e muito maior com a ponta da faca, como tambem o lavar a boca: se lhe for pois necessario fazer isto, procure hum lugar separado, onde não seja visto dos mais convidados. Advirta porém que se o Senhor da caza, e os que estão á meza pegarem nos seus palitos para limparem os dentes pode tambem fazer o mesmo.

## X

No fim da meza deve dar graças de pé, e não asentado; porém como isto não he universal em todas as mezas, siga aquillo mesmo, que fizer o Senhor da casa. Ao sahir da meza faça huma profunda reverencia a quem o convidou para lhe manifestar deste modo o seu agradecimento. Advirta-se que se o Senhor da casa ficar ainda na meza depois das graças, conversando com algum convidado, deve este fazer-lhe companhia emquanto elle se não levanta.

## Capitulo VIII

Do que se deve observar, quando se acompanha huma pessoa de grande qualidade em qualquer jornada, ou em coche, ou a cavallo, ou na caça.

### I

Se aquelle, que deseja mostrar a todo o mundo que foi educado com politica, e civilidade, for convidado por alguma pessoa nobre para o acompanhar, deve acomodarse com tudo, e não imitar aquelles, que em semelhantes occasiões nada achão bom. Estando o coche prompto, deixe entrar primeiramente o dito Senhor, dando-lhe a mão para o ajudar a subir, e depois; que elle estiver dentro; suba tambem, e ponha-se no lugar mais inferior, sem lhe voltar as costas. O lugar mais principal em hum coche he o lado direito ao assento de tras; o segundo lugar he o lado esquerdo no mesmo assento, o terceiro he o do lado esquerdo do assento de diante, e depois deste he o do lado direito no mesmo assento, e os mais inferiores são os da portinholla. Porém sendo somente duas pessoas, huma de maior qualidade, e outra mais inferior não procurará esta hum dos lugares das portinhollas, mas sim o da direita da parte de diante. Ao apear deve sahir primeiramente o mais inferior para dar a mão ao inferior, ajudando-o deste modo a descer.

### II

Não monte a cavallo sem que a pessoa mais qualificada monte primeiro; e se esta pessoa for das de primeira nobreza deve ajudalla a montar, e ainda mesmo pegando-lhe no estribo. Quando já forem em marcha de-lhe o lado direito, ficando hum pouco atras: porém se esta postura for cauza de que poeira vá cahir sobre o dito Senhor, procure outro lugar, onde não cauze este incômodo. Havendo de passar alguma ribeira, cuide

muito em ir diante, e se a pessoa qualificada [fl. 19] quizer passar primeiro, não o siga logo, mas vá em alguma distancia para o não molhar.

### III

Andando á caça com huma pessoa da primeira grandesa não passe por diante della, quando vir que ella vai correndo sobre alguma preza, e se para matar esta for necessario puchar pela espada, deixe esta honra, e este prazer á pessoa qualificada.

### IV

Como acontece muitas vezes que a caça dura por mais de hum dia, e que por este motivo se veja huma pessoa da primeira grandeza obrigada a prenoitar em huma caza de campo, advirta aquelle, que tiver a honra de o acompanhar, que sendo a caza tão pequena, que seja necessario dormir no mesmo quarto, onde ficar o Senhor, deve dar tempo a que elle se dispa, e se deite, e depois entrará sem fazer motim, despir-se-há contra a parede, e a cama, onde deve dormir, para evitar que o dito Senhor o não veja despir. No dia seguinte cuide em se levantar primeiro, e sahir para fóra do quarto, para dar assim lugar a que o dito Senhor se levante, e vista; e por nenhum modo se pentea na sua presença, nem se veja ao espelho, nem se sirva do seu pente, ou deixando qualquer traste, que pertença a tal pessoa qualificada. Isso mesmo que se diz a respeito de huma caza de campo, se deve tambem observar nas estalagens, indo de jornada.

## Capitulo IX

O que se deve observar nos divertimentos publicos, como nos Bailes, no jogo, e nas assembleas de Musica.

Como acontece muitas vezes acompanhar alguma pessoa de qualidade nos divertimentos publicos, parece muito conveniente dar aqui algumas regras sobre o que se deve observar nestas ocasiões.

### I

Aquelle pois, que acompanhar qualquer Senhor á ópera, deve ceder-lhe o melhor lugar, que he o que fica distante do theatro, se os camarotes estão proximos a elle; porém se estão distantes, he principal lugar o que fica mais proximo. Não se admire de

cousa alguma que vir, ou ouvir, nem a louve, ou vitupere, sem que o dito Senhor o faça primeiro, ou que elle lhe mande dizer o seu parecer.

## II

Estando em algum baille, não se exponha a dansar, sem saber exactamente as regras da dansa, e civilidade, que se uza naquelle paiz, em que se acha; porque de outro modo he motivo a rizo os circunstantes. Sabendo porém dansar, deve logo sahir, quando for rogado; porém senão souber perfeitamente, e que alguma Senhora o rogue para dansar, dé-lhe huma excuza politica, e se ella ainda instar, deve sahir com ella ao meio da salla, e fazendo-lhe neste lugar huma [fl. 20] profunda reverencia, retirar-se ao seu lugar; porque deste modo fez ver á dita Senhora, que o não saber he cauza de se privar da honra, que ella lhe permite. Advirta que, quando se retirar do meio da salla, tenha, ou não dansado, deve acompanhar a Senhora ao seu lugar.

## III

Achando-se em algum festejo de mascaras, não faça tirar a mascara a qualquer pessoa, nem a trate com menos politica; porque pode ser que debaixo da mascara esteja alguém, a quem não só deva tributar a maior civilidade, mas tambem hum grande respeito: por esta cauza devem os emmascardos ser tratados com maior attenção do que outra qualquer pessoa.

## IV

Se não for prudente no jogo deve cuidar muito em se abster totalmente d'elle, por se não expôr a algum inconveniente. Diz-se prudente para mostrar que não deve ocupar huma grande parte do dia no jogo, furtando deste modo o tempo, que deve applicar no cuidado da sua familia, e no negocio da sua salvação; que não deve expor ao jogo aquelles bens, que são necessarios para conservar o estabelecimento da sua caza; e que não deve perturbasse de tal modo no jogo, que rompa em palavras indecentes, e offensivas. Sendo pois o jogo moderado, e não prohibido pelas leis ecclesiásticas, ou civis, pode jogar por se divertir, e recrear o animo.

## V

Não lhe aconteça rogar huma pessoa de maior qualidade para jogar; e se ella o convidar para este divertimento, não mostre empenho algum de ganhar, nem soria,

quando ganhar porque he de algum modo irritar o companheiro, e seguir-se alguma infelicidade. Se houver alguma duvida no jogo, cuide em a decidir prudentemente e senão estiverem pelo seu parecer, ceda da sua parte por evitar discordias.

## VI

Quando ganhar, e o companheiro não reposer o dinheiro, não o peça senão com muita politica, e civilidade; e se perder, cuide logo em pagar, para assim mostrar que tem nobreza de espirito. Não se retire do jogo enquanto estiver de ganho, ou em quanto lhe não permittir aquelle, que perde: porém se estiver de perca, pode despedir-se politicamente, porque não he contra a civilidade o conformar-se cada hum com as suas forças. Quando estiver jogando, e vier alguma pessoa de maior qualidade, offereça-lhe o seu lugar; porque não só obra segundo a politica, mas tambem mostra que joga desinteressadamente.

## VII

Se souber contar, ou tocar instrumentos, e o rogarem para que exercite alguma destas prendas, não se excuze, mas obedeça logo: porém não cante, nem toque com affectação, porque he mostrar vaidade.

## Capitulo X

Do que se deve observar, quando se escrever alguma carta.

[fl. 21] Sendo as cartas o meio mais proprio, por onde se cõmunicão os assuntos, deve-se usar nellas de toda aquella politica, e civilidade, que pede outro qualquer discurso na conversação: por esta cauza deve-se cada hum servir de todas as expressões de amizade, de modestia, e de respeito que se comprehendem nas regras da politica.

## I

Aquelle pois que deseja associar-se com os politicos e civis, deve cuidar muito em não escrever a pessoas qualificadas em papel ordinario, mas sim com papel de Hollanda, ou em outro simillhante; deve tambem dobrar o papel da parte esquerda de tal modo, que fique huma margem de quatro dedos pouco mais ou menos. Deve pôr no principio do papel o tratamento daquella pessoa, a quem escreve, dizendo

Eminentissimo, ou Excellentissimo, etc. Senhor e principie a primeira regra no meio do papel. Escrevendo a pessoas de menor qualidade, não he necessario dobrar o papel ao meio, mas basta que fiquem quatro dedos de espaço entre as palavras Meu Senhor, e a primeira regra; e de margem dous dedos. Cuide muito em que a primeira palavra da primeira regra não tenha conexão alguma com o tratamento, que vai no principio da carta, como por exemplo: pondo no alto do papel, Meu Senhor, e principiando a primeira regra por estas palavras; e criado de Vossa Mercê. Advirta que não deve escrever em meia folha do papel áquellas pessoas, que lhe são superiores em dignidade, ou nobreza.

## II

Pelo meio da carta deve dar áquella pessoa, a quem escreve, o tratamento, que lhe he devido. Assim, escrevendo a hum Imperador, deve dizer, Vossa Magestade Imperial: a hum Rei, Vossa Magestade: a hum Principe, Vossa alteza: a hum Cardeal, Vossa Emminencia: a hum Arcebispo, Bispo, Pessoas titulares, e a Secretarios de Estado, Vossa Excellencia. Aos filhos de titulares, Dezembargadores do Paço, e outros desta qualidade, Vossa Senhoria. Quando duvidar, ou não souber o tratamento, que deve dar áquella pessoa, a quem intenta escrever, pergunte, para não cahir no absurdo de tirar a cada hum o tratamento, que lhe he devido, ou dar-lhe o que não tem; pois huma, e outra cousa he contra a politica, e civilidade.

## III

Nas cartas, que escrever em resposta de outra, faça sempre menção da que recebo, responda ao que nella se lhe manda dizer, e expresse sempre a data, em que ella foi escrita. Quando não puder responder a tudo, que lhe manda dizer, dé huma satisfação a quem lhe escreveu, dizendo-lhe que por estar muito ocupado não responde a todas as circumstancias da sua carta; o que fará, tendo occasião mais opportuna; porque deste modo não só mostra que he exacto nas suas respostas, mas tambem dá lugar áquelle que escreveu, para julgar que cuidará [fl. 22] logo no negocio, que lhe cõmeteo. Escreva sem affectação, e uze de hum estilo laconico, e claro, e de hum modo simples, e familiar, mas que indique respeito, e que se conforme á qualidade das pessoas, a quem escreve, e aos assumptos, de que trata.

## IV

He faltar ao respeito, que he devido a huma pessoa de qualidade, o pedir-lhe que dé recômodações a outro qualquer: porém escrevendo a pessoas iguaes, pode dizer-lhes que lhe permitta a honra de o fazer recômodado a fulano, ou por outro similhante modo. Finalize sempre as cartas de algum modo, que indique respeito, como, seu humilde e obediente servo. Não se esqueça de notar sempre nas cartas a data do dia, e do lugar, donde escreve. O sobrescrito da carta pode ser de meia folha de papel, mas não lhe escreva dentro cousa alguma, não só porque he impolitica, mas tambem porque acontece muitas vezes que abrindo-se a carta, se rasga o sobrescrito, e não se vé o que está dentro.

## Capitulo XI Da Hospitalidade.

Foi sempre a hospitalidade huma das virtudes, que mais se praticou entre antigos; porque não só recebem os estrangeiros com as maiores demonstrações de alegria, e prazer, mas tambem os protegião, e exponhão por elles a propria vida. O exemplo de Loth nos manifesta o quanto se observava no seu tempo esta virtude. Entre os mesmos Pagãos era a hospitalidade hum dos maiores sinaes da mais sincera amizade: pois se tanto exercicio tinha esta virtude entre os Pagãos, muito mais recômodada deve ser entre os christãos. E que cousa mais nobre, e mais digna de hum catholico do que o exercicio da caridade a respeito do seu proximo, praticando em seu favor as regras da hospitalidade? Exhorta nos S. Paulo em muitos lugares das suas espistolas que pratiquemos esta virtude, mostrando-nos que ella he tão herioca, que alguns, que a exercerão, tiverão a felicidade de receberem sem o saber em suas cazas os proprios Anjos. Mas o contrario he desgraça digna de ser chorada amargamente! Quem dirá que de tal modo tem affrontado esta virtude entre os christãos que se virão os homens obrigados a estabelecerem estalagens, para que nelles achassem os passageiros pelo seu dinheiro o que lhe fosse necessario! He desta verdade evidente prova a mesma experiencia. Porém ainda hoje nutre o Céu no gremio da Igreja catholica algumas pessoas, que, na vida ou pela religião, ou pela amizade, recebem agradavelmente em suas casas os passageiros, e peregrinos. Para estes pois se prescrevem algumas regras sobre o que devem observar a respeito de seus hospedes.

## II

Chegando pois qualquer estrangeiro a caza de hum homem honrado, deve logo este recebello com as maiores demosttrações de amizade, mandando-o entrar naquelle quarto, que para este fim tem destinado, para que alli descanse, e se repouse da fadiga do caminho. Cuide tambem em mandar recolher as cavalgadas e em pôr prompto sustento para ellas. Se o hospede trazer consigo alguma mulher, deixeios ficar sós depois de feitos os primeiros cumprimentos para que mudem de vestido, e estejam com mais dezafoego. Deve tam[fl. 23]bem destinar hum criado, ou criada para dministrarem aos hospedes o que lhes for necessario. Recõmenta muito aos seus criados que não sejam, ou obrem cousa alguma, por onde conheção os hospedes que he enfadonha á sua assistencia nesta caza.

## II

Se os hospedes chegarem muito tempo antes do jantar, ou da cea, mande-lhes pôr no seu quarto algum reforço, como he, pão, vinho, doce, fructa, etc. Mande-lhes perguntar todos os dias pela manhã o que dezejão almoçar, e faça-lhes apromptar o que elles pediram. Se os hospedes se dilatarem muito tempo, não uze de extraordinarias ceremonias na comida, porque pode ser interpretado este excesso por huma honesta despedida: porém se elles estiverem pouco tempo, principalmente sendo pessoas de maior qualidade, ou de quem viva dependente, deve gastar neste pouco tempo o que gastaria com outros em muitos dias.

## III

Para que os hospedes achem agradavel a hospitalidade, com que são recebidos, cuide muito o Senhor da caza em lhes procurar todos os divertimentos serios, e inocentes, como são a caça, a pesca, o passeio, e mostrar-lhes todas as raredades, que há no paíz: o mesmo deve fazer á porporção e respeito dos criados, por que estes são ordinariamente mais difficultosos de contentar, e mais faceis a dizer mal. Faça toda a diligencia para que nenhum criado seu peça, nem receba cousa alguma dos hospedes, e se algum delinquir neste ponto, expulseo logo da caza, para que, vendo os mais este exemplo, se corrição de similhante absurdo, e para que se persuadão tambem os hospedes que não approva tão baixo procedimento. Advirta que de nenhum modo deve interromper o ordinario regulamento da sua caza por cauza dos hospedes, como he a hora de levantar, e de deitar, a oração, etc. com tanto que não obriguem a isto mesmo os seus hospedes,

por que, obrando deste modo, não só mostra que he hum homem bem intencionado, mas tambem faz ver que nenhuma molestia lhe cauza a demóra dos seus hospedes.

#### IV

Se for ser hospede de alguém, não se mostre importuno, acõmode-se com tudo, e não vitupere se lhe não fizerem boa assitencia; e isto mesmo deve recomendar aos seus criados. Na despedida mostre-se agradecido, ainda que não seja bem tratado; porque obrando deste modo será recebido sempre com jubilo, e prazer; pois he certo que não há cousa que faça hum homem mais amavel do que mostrar-se obrigado, e agradecido a qualquer beneficio, que se lhe faça.

#### V

Não se ignore que adquire a maior estimação aquelle, que se conforma com o genio dos mais; isto he que se alegra com os que riem, que se afflige com [fl. 24] os que chorão, etc. Esta maxima pois, que deve ser observada a respeito de todo o mundo, tem principal lugar na caza, onde nos hospedamos: por esta cauza deve cuidar muito aquelle, que vai assistir para qualquer caza, em não dizer couza alguma, que sirva de escandalo, e em conformar-se em tudo com quem o hospéda; de sorte que se o Senhor da caza quizer cantar, cante; se quizer passear, passeie; se for á caça, vá á caça; se desejar dormir, durma; e assim em tudo mais; porque de outro modo he ser importuno, e molesto a quem o favorece.

#### VI

Não ha cousa que mais se opponha á civilidade do que o ser importuno: por esta cauza cuide muito cada hum em desterrar do seu coração o amor proprio, e em considerar os outros como pessoas judiciosas, e sensatas; pois he certo que nasce a importunação de huma falsa idea, que produz o amor proprio, persuadindo-se cada hum que deve sujeitar a propria vontade a vontade dos demais.

#### VII

Ainda que em toda a occasião se deve evitar o ser importuno, não se ignore comtudo que este vicio se faz mais odioso aquelles, de quem intentamos receber algum favor: por esta cauza pois quando carecer fallar sobre hum negocio a qualquer pessoa,

principalmente sendo ella de maior qualidade, deve cada hum saber primeiramente se ella está possuida de qualquer sentimento triste, se está occupado com negocios de importancia, ou com as suas devoções; e finalmente deve inquirir se tal pessoa está com huma disposição tal, que receba com agrado qualquer proposta que se lhe fizer, porque de outro modo não só passará por importuno, mas tambem não conseguirá com facilidade o que pertende.

## VIII

Por não ser importuno attenda muito ao estado, ao tempo, e ao lugar em que se acha aquella pessoa, a quem intenta vizitar; porque seria grande incivilidade o ir procurar hum Senhor da primeira nobreza em hum tempo, em que elle estivesse afflito com alguma triste noticia, e cortejallo em hum lugar, em que elle não quizesse manifestar-se. Ainda quando qualquer se considera obrigado a ir testemunhar a hum destes Senhores o quanto sente a triste noticia, que recebeo, não deve proceder nesta materia ligeiramente; porque muitas vezes concorrem circumstancias, que fazem odiosa a mesma attenção: por esta cauza deve saber primeiramente se tal noticia he publica, ou oculta, ou se o dito Senhor, quer que ella se manifeste; porque seria huma grande impolitica o falar-lhe em huma couza, que elle não queira que se publicasse. Para evitar pois qualquer absurdo informesse com alguma das pessoas, que assistem com o dito Senhor; e deste modo conhecerá melhor o que deve obrar. Se tiver algum negocio de muita importancia, que communicar a huma pessoa de maior qualidade, e esta estiver em hum lugar onde [fl. 25] por decencia, e modestia se não deve entrar, de nenhum modo intente falar-lhe pessoalmente; mas procure quem lhe fale, ou escreva-lhe; pois he necessario ser tão circunspecto em semelhantes occasiões, que, ainda que por acaso viesse esta pessoa sahir-lhe ao contro, devia fazer que a não via, ou que não a conhecia. Sendo porém o negocio de muita importancia, e que seja absolutamente necessario o cõmunicallo á tal pessoa, não estando ella no dito lugar, ainda que de outro modo occupada, pode falar-lhe, porque conhecendo ella a necessidade, facilmente o excusará da importunação, que lhe dá.

## IX

Quando cõmunicar com qualquer pessoa, deve observar se lhe he ou não agradavel esta communicação, porque não sendo, he (?) e importuna toda a civilidade, que com

ella tiver: o mesmo lhe pode acontecer levando na sua companhia alguns amigos, que são odiosos áquellas pessoas, a quem foi visitar.

## X

Se o visitar alguma pessoa de qualidade, não se livre desta honra, que ella lhe permittte, para lhe pedir algum favor; porque he grande incivildade o fazer requerimento algum a similhantes pessoas fóra de sua caza. Exceptua-se porém alguma circumstancia, que pode de algum modo fazer desculpavel esta acção. Finalmente para evitar toda a ocasião de ser importuno, tenha por maxima infallivel, que tudo aquillo, que se obra, quando se trata com os homens, he molesto, e enfadonho, se não convem ao lugar, ao tempo, e ás pessoas.

## XI

Para não ser importuno he necessario tambem não se muito extenso nos seus discursos, e fazer a diligencia por descobrir hum assumpto, que faça agradavel a sua conversação. Todos sabem que não há homem mais odioso do que aquelle, que contradiz, e se oppoem a tudo quanto se fala, e conversa: por esta cauza pois deve aquelle, que dezeja civilizar-se fazer hum grande estudo em adquirir hum espirito de condescendencia, pois he tão necessario este para a conservação da vida civil, que he hum dos vinculos mais fortes de huma sincera amizade; porque como ella consite em regular cada hum as suas acções conforme as acções dos outros, com esta conformidade tão esteritamente os corações, como nos mostra a mesma experiencia.

## XI

Ainda que a condescendencia faça o homem digno de toda a estimação, e affecto, não deve com tudo estender-se esta condescendencia a fazer, ou a obrar cousa, que de sua natureza seja illicita, e injusta; pois sómente deve usar della nas acções honestas, ou que em si mesmo são indifferentes; ainda nestas pode haver alguma circumstancia, em que não seja licita a condescendencia. Por evitar pois qualquer inconveniente deve todo o homem sensato distinguir naquellas pessoas, com quem [fl. 26] trata, principalmente sendo de graduação, todas aquellas cousas, que se podem imitar por condescendencia, e as que se não podem imitar, como são aquellas, que são consideradas como irrizorias, outras, que não se podem imitar, porque excedem as nossas forças ou porque nos são incômunicaveis.

## Capitulo XII

Da moderação, com que se devem regular as acções.

### I

A moderação não he outra cousa mais do que huma conformidade do interior com o exterior do homem, isto he da pessoa com a cousa, com o lugar, e com o tempo, de que se trata. Consiste a moderação em que, sahindo o espirito da sua situação, desconcerta o exterior, e impede que elle corresponda ás obrigações, que lhe impoem as leis da modestia, e da civilidade a respeito das tres sobreditas circumstancias. Diz-se pois que hum homem he immoderado, quando não sabe o que deve observar, nem o que deve dizer: diz-se porém que elle he circunspecto, quando sabe moderar as suas paixões, as suas acções, os seus pensamentos, e as suas palavras, não os deixando sahir dos limites, em que devem estar todas as cousas a respeito das circumstancias. Seria na verdade, por exemplo, immoderado aquelle, que devendo estar attento, e circunspecto na presença de huma pessoa de respeito, se deixasse dormir; porque tendo gravado os sentidos de preguiça, não poderia desterrar o sono, que o opprimisse. Não se pertende aqui falar daquella immoderação, que produzem a natureza, a idade, as molestias, e outras razões invenciveis; pois he certo que não pode ser muito circunspecto exteriormente hum homem, a quem os annos, ou a conformidade fazem procurar differentes posturas. Trata-se pois sómente da immoderação voluntaria, que excede as regras da politica, e civilidade.

### II

Não se ignora que o principal motivo, porque não são bem reguladas as nossas acções, he o amor desordenado das nossas paixões; porque desprezamos aquella que nos podia fazer obrar pacatamente, e seguirmos a outra que nos confunde. São pois quasi infinitas estas paixões mal reguladas e produzem ordinariamente outras tantas acções immoderadas. Desta verdade nos dá excellentes provas a mesma experiencia; pois quem lançar attentamente os olhos sobre o mundo, conhecerá que não há cousa, que menos se encontre de que hum homem circunspecto, prudente, moderado, e bem cômedido nas suas acções porque de tal modo deixa por ocupar a maior parte da gente pelos falsos principios, de que temos falado, que não sómente se fazem insupportaves a quem os vé,

mas tambem a quem os cõmunica. Quem dirá que he digno de louvor hum homem bem disposto, e em boa idade, que, estando em huma conversação séria não só a interrompe com praticas jocosas, e indignas da seriedade, mas [fl. 27] toma huma postura indecente, já estendendo as pernas, já recostando-se sobre hum braço, já finalmente curvando-se sobre os joelhos? Bem se pode affirmar que similhante monstro deve ser separado da sociedade dos homens civis, e politicos; porque esquecendo-se até de si mesmo substituem a perguiça no lugar da modestia, que deve regular as suas acções, fazendo-o attento ao lugar, e ao tempo, em que se acha, e á pessoa, com quem cõmunica.

### III

Estabelecendo-se muita gente sobre hum principio de vaidade, não callão de falar, e aplaudir com as mãos, e pés aquillo mesmo, que diz, e o que os outros criticão, querendo mostrar deste modo que não sabe produzir senão subtilezas de engenho: porém a mesma vaidade allucina de tal sorte esta gente, que lhe não deixa ver que similhante modo de se conduzir não procede de hum espirito bem morigerado, e prudente. Cuide pois cada hum em falar, e em ouvir attentamente o que se diz, para que evite o ser calumniado por insensato.

### IV

São comediantes serios da vida civil aquelles que se riem para todo o mundo, louvando-o, e tratando-o com agrado, pois ignorão que similhante modo de proceder he irrizorio no parecer dos homens prudentes, seguindo aquelle principio que diz que aquelle que ama louva o mundo todo, a ninguém ama, e ninguém louva. Não se pertende mostrar deste modo que não está obrigado cada hum a fazer-se agradavel, tratando a todos com muita politica, e attenção, mas que deve proceder nesta materia com moderação, e gravidade, evitando aquellas maneiras, e gestos, que nascem da leviandade de espirito e reflectem nas pessoas, com quem trata, não tributar a todos hum igual respeito; pois he certo que seria huma grande incivilidade, se ao mesmo tempo que estivesse comprimentando huma pessoa qualificada, tratasse com igual cortejo a outra de baixa esfera.

### V

Todos sabem que aquelle modo, ou gesto, que manifesta a vaidade, ou dissolução de qualquer pessoa he immoderado, e imprudente. Neste absurdo pois costumão cahir

aquelles, que em huma assemblea séria tem a vãagloria de brincarem com aquillo, que tem nas mãos, como são o chapeo, as luvas, etc. parecendo-lhe ser muito airoso este modo. Tem na verdade os que assim obrão o espirito tão distrahido, que bem se pode dizer delles, que estão dormindo com os olhos abertos; pois se elles pensassem attentamente que acção exterior he hum indicio do que se passa no interior, cuidarião muito em evitarem semelhantes impolíticas, e incivilidades. Há tambem algumas pessoas, que, não tendo talento algum affectão huma certa gravidade, que move a rizo a quem a vê; porque abaixando os olhos e compondo a boca de tal modo, que não pareça grande, principião a fa[fl. 28]llar por monosyllabos, e por entre os os dentes, imaginando que o ar do corpo, e o som da vós são sufficientes indicios do maior engenho. Recorde-se pois o homem grave por affectação daquella maxima que affirma que he manifestar a ignorancia o querer-se occultalla de baixo de apparencias affectadas: poresta cauza desterre do seu espirito toda a vaidade; pois he melhor mostrar menos delicadeza de juizo do que ser homem vão; porque patentando-se a vaidade aos olhos do mundo, manifesta logo a ignorancia, e faz passar por insensato aquelle, que assim procede.

## VI

Muitas vezes acontece que algumas pessoas, principalmente as que estão na idade juvenil, se deixão possuir de hum temor irracional, quando fallão, ou conversão com pessoas de respeito, o que lhes faz cõmeter mil absurdos tanto nas acões, como no que dizem; porque não sabem o que obrão, nem a si mesmos se conhecem. Cuide pois cada hum em supprimir esta paixão, que lhe faz crer que o aparato, a prezença, e a vista das pessoas de mais nobreza e dignidade são motivo de espanto, e de admiração porque julga que tudo as offende, e que tudo lhes desagrada: por esta cauza pense sómente em si mesmo, e desterre todo o receo, e terror, que costuma produzir efeitos imprudentes, e mal regulados.

## VII

Reduzem-se todas estas regras a huma só, que consiste em conter-se cada hum em si mesmo, não dando liberdade ás paixões, que o podem perturbar: por esta cauza pois deve olhar com os olhos da imaginação para aquelles, com quem fala; observar a materia, de que trata, e considerar o lugar, e o tempo, em que se acha. Passando pois tudo isto pela memoria, não he necessario pensar em outra cousa mais do que reflectir

sobre si mesmo, e ver se está conforme com os sobreditos principios; pois deste modo ficará firme no estudo, que recõmendão a politica, e civilidade.

### VIII

Não consistindo pois a moderação mais do que e conformar-se cada hum com a cousa, o lugar, e com o tempo, deve regularse de tal modo, que seja considerado como homem circunspecto, prudente, e moderado segundo o seu character, e qualidade. Por esta cauza pois devem as pessoas ecclesiasticas, os Ministros, e outros, que occupão os lugares publicos conservar hum modo serio, que mostre gravidade, mas que não seja affectado, tibio, e negligente, nem tambem sombrio, e melancolico, que mostra hum coração opprimido, e afflicto. Aquellas pessoas, que estão ainda na idade juvenil, devem ter hum modo mais alegre, mais vivo, e mais rezoluto, e principalmente aquellas, que estão destinadas para o exercicio das armas [fl. 29] devem porém evitar todas as maneiras descõmedidas, e imprudentes, que dimanaão de hum juizo leviano, e inquieto.

### IX

Como se não pode aqui falar de todas as circunstancias, que ordinariamente costumão perturbar o bom regulamnto das acções do homem, dá-se comtudo huma ideia geral do que deve obrar a respeito da moderação. Não devia pois o homem ser nem muito excessivo, nem muito diminuto, isto he, que para ser serio não he necessario ter hum modo triste, melancolico, timido, e cobarde, mas sim hum ar sereno, livre, e desembaraçado; não deve andar de palavras, e de acções estudadas, nem tambem jocosas, mas sim naturaes, nada seja affectado, nem grosseiro, nada occulto, ou dissimulado; porém conserve hum ar franco, e livre, mas prudente. Em huma palavra he necessario estabelecer por maxima tanto a respeito da moderação, como de tudo o mais, que he vicioso aquelle procedimento, que excede a prudencia, e que sahe do meio, de que se acaba de falar; pois he este hum ponto, em que se fixa a virtude, como diz hum poeta tratando deste mesmo assumpto.

### Capitulo XIII

Da falta de civilidade, e do uso, que em todas as occasiões se deve fazer das regras da politica.

#### I

Praticando-se com a maior exactidão as regras da civilidade mais ajustada, encontram-se ainda dous defeitos, que a fazem degenerar em huma fasa civilidade. Consistem pois estes defeito em huma condescendencia cega, e desordenada, e em hum excessivo escrupulo a respeito das ceremonias. Observão, e imitação algumas pessoas até o menor gosto daquellas, com quem cõmunicão e admirão: e exaltão tudo, quanto elle diz, como se fosse hum oraculo, e não reflectem que isto he huma baixa lizonja, que não só redundam em desabono de quem a faz,mas tambem de quem a recebe; pois não sómente dá a conhecer a alma dissimulada, e servil do lisongeiro,mas tambem o espirito baixo, e presumido daquelle que se deixa vencer de hum procedimento, que tem por objecto outra cousa, que não he o merecimento: evite cada hum pois com o maior cuidado esta baixeza de espirito, porque he indigno de hum homem bem nascido, e de huma alma pura e sincera.

#### II

Encontrão-se outros, que de tal modo pertendem averiguar as cousas, que de tudo escrupulisão, e se fazem escravos das ceremonias politicas, perturbando o espirito com a sua excessiva exactidão. Cuide pois o homem prudente em evitar este modo extravagante; porque a civilidade deve ser livre, e natural, e não affectada, e escrupulosa. Uze sómente daquellas maneiras de politica, e de respeito, que são devidas ás pessoas qualificadas, [fl. 30] e de nenhum modo pareça timido na sua prezença, mas fale livre e francamente; porque o temor não só embaraça muitas vezes aquelle, com quem se fala, mas tambem he hum indicio de hum natural grosseiro, e de huma educação mal cultivada.

#### III

A regra mais principal, e que comprehende todas as outras, he o considerar o effeito do preceito, pensando sobre o mesmo preceito; como por exemplo: hum dos preceitos da civilidade he deixar passar primeiramente huma pessoa, a quem he devido todo o respeito; porém na occasião, em que he necessario passar huma ribeira a cavallo seria

incivilidade não a deixar passar atrás por não a molhar. He também hum preceito não passar por diante de qualquer pessoa de qualidade; porém sendo necessaria esta passagem e esta pessoa estivesse assentada, seria impolitica o fazello levantar; pois neste cazo podia passar por diante della, pedindo-lhe para isto licença, e fazendo-lhe huma reverencia. Cuide pois cada hum em regular os preceitos pelos effeitos porque produzindo estes algum incômodo, produzem também incivilidade; e he melhor prescindir desta de que cauzar aquella.

## Capitulo XIV

### Dos cumprimentos

#### I

Dão-se duas qualidades de cumprimentos: huns, que servem de insinuar qualquer paixão, e outros consistem em louvar aquella pessoa, com quem cõmunicamos. Quando algum intenta insinuar huma paixão, fazendo algum cumprimento, ou he por modo congrulatorio e de parabens, estimulando a pessoa, a quem cumprimentou, o jubilo, que sente nas suas prosperidades; ou he hum cumprimento de pezames, com que se lhe faz conhecer a dor, que o acompanha na afflicção, que ella padece; ou he hum agradecimento, em que lhe manifesta a obrigação, em que lhe vive pelo favor, que della recebo, ou he finalmente huma protestaçoão de serviço, de respeito, de submissão, de obediencia, de fidelidade, etc. Para isto pois não são necessarias as regras; deixa cada hum falar o coração; porque se elle for sincero, não dirá cousa alguma, que não agrade, e que não persuada; pois he este o admiravel, e infallivel effeito da verdade.

#### II

Quem quizer fazer hum discurso sobre os louvores de qualquer pessoa, e capacitalla do que lhe diz, deve persuadir-lhe sempre a verdade, uzando da maior subtileza, e circunspeção; porque he muito defficultoso de tratar esta especie de cumprimento. Não he necessario inquirir se he verdade o que se diz e louvor de alguem; pois he sufficiente o julgar que he verdade o que se diz: por esta cauza he verdadeiro o cumprimento, quando livremente se persuade a qual[fl. 31]quer que elle he benemerito, e digno de todo o elogio, ainda que a pessoa, com quem se fala entenda o contrario. Para que senão julgue pois como falso o cumprimento de cada hum, cuide muito em não usar daquellas

hyperbolas, que se destroem por sinonimos; como fazem aquelles, que para louvarem o valor de qualquer, o exaltão sobre os Cezares, e aos Alexandres; e que para mostrarem que huma pessoa he bella, dizem que excede o esplendor do sol, e dos astros; que a sua alvura he muito maior do que a da neve; que á vista do rubiando dos seus labios, e das suas faces desmaião, e perdem a cor as rosas, etc. pois todas estas comparações são manifestamente conhecidas como falsas, e não servem mais do que para o burlesco.

## II

Todo o homem, que deseja mostrar que foi bem educado, deve observar sempre as regras da civilidade nos seus cumprimentos, fazendo reflexão se as pessoas, com quem fala, são superiores, inferiores, ou iguaes; se tem com ellas muita, ou pouca amizade; porque obrando deste modo saberá usar das suas acções, sem offender, nem escandalizar a pessoa alguma, e conhecerá as pessoas, a quem deve tratar com cerimonia, ou familiarmente. Cõmettería sem duvida huma grande incivilidade hum homem, que, querendo agradecer aquella pessoa de respeito o feliz exito de hum processo, lhe dissesse: Eu venho, meu Senhor, agradecer-lhe a amizade, que Vossa Mercê por mim tem mostrado, empenhando-se no adiantamento da minha cauza: eu lhe protesto que hei de manifestar o quanto o amo, se poder encontrar occasião, em que o possa servir, porque Vossa Mercê se persuada que eu não sou indigno da sua protecção, etc. Não sómente são muito familiares estes termos, mas tambem mostram que hum homem presume muito de si: por esta cauza pois deve servir-se de palavras, que indiquem maior respeito, dizendo assim: Meu senhor, he tanta a bondade, que Vossa Mercê tem tistimnhado por este seu servo, empenhando-se pelo feliz successo da minha cauza, que me atrevo a crer que Vossa Mercê premitirá o favor de me consentir na sua prezença, para que eu tenha a honra de lhe tributar os devidos agradecimentos, e testemunhar-lhe o meu reconhecimento, e grande desejo, que tenho de merecer a sua protecção em todo o tempo, em que Vossa Mercê me queira honrar com os seus preceitos. Nada tem de presumida a expressão, e o modo deste cumprimento, e as suas palavras não só indicião respeito, mas tambem dão logo huma ideia áquella pessoa, com quem se fala, que hum homem está na verdade movido de huma grande obrigação, e agradecimento.

#### IV

De nenhum modo pergunte a huma pessoa de maior qualidade, o como passa; porque he esta huma pergunta, que hum inferior não deve fazer [fl. 32] a hum superior. Ainda que estes cumprimentos sejam o testemunho de huma grande amizade, não devem ser admittidos senão entre pessoas de igual condição.

Maximas,

com que o homem se conduz sabiamente neste mundo.

#### I

Quem quizer ser feliz, e adquirir a estimação de todos, deve temer a Deos, ser fiel ao Seu Pai, e viver como homem de honra, e probidade.

#### II

Ande seis passos por se mostrar agradecido áquelle, que der tres para o servir.

#### III

Se não tem fortuna, faça a diligencia por a adquirir, fazendo bem. E trabalhando com honra.

#### IV

Por nenhum modo reprehenda na presença de outros aquelles, a quem tem direito de corrigir, porque he dar motivo de se julgar que abona mais o sujeito do que a sua fragilidade, e os seus defeitos.

#### V

Cuide muito em ser circunspecto no modo de falar; porque muitas vezes produz hum terrivel effeito huma palavra, que escapa por imprudencia, ou por zombaria, ainda que seja dito com juizo.

#### VI

Adquira todos os amigos, que puder; mas conheça que são poucos os verdadeiros: por esta cauza deve persuadir-se que em si achará os melhores amigos; sorri fazendo todos os deveres a respeito de Deos, e a respeito daquelles, com quem trata.

#### VII

Não se incline, nem ame o mundo senão á proporção, que há deveras nelle. O viajante não despende os passos na primeira cidade, que elle encontra na sua derrota, por mais bella que ella seja; mas navega, e faz toda a diligencia por chegar ao posto, que dezeja.

Assim, deve obrar o homem, conhecendo que este mundo he hum mar de lagrimas, onde navega até aportar naquella feliz cidade, que serve de trono ao Senhor absoluto de todas as cousas.

#### VIII

Em qualquer estado, em que o homem esteja, deve-se dar mais a conhecer pelas suas boas acções do que pelas suas palavras. A rectidão pois de hum homem, e a sua probidade sustentão melhor o seu credito do que tudo, quanto elle possa dizer em abono seu.

#### IX

Aquelle, que estiver em occupações publicas, não consinta ao pé de si senão pessoas, em que tem huma grande experiencia e que são capazes de servirem com zelo o Principe, e o Estado. Não prometta aquillo, que não pode satisfazer; nem se aconselha senão com aquelles, que lhe parecem desinteressados, e que forem homens de bom senso.

#### [fl. 33] X

Fuja da ociedade como de hum mal mais arriscado. Estando ocioso o espirito he corpo; porém estando ocupado he espirito o corpo. Na occupação lembra-se o homem do que he; porém na ociosidade esquece-se de si mesmo, e abandona-se como hum bruto aos seus prazeres.

#### XI

São as palavras as que manifestão a delicadeza do juizo; e as acções a boa ordenação, e nascimento.

#### XII

Cuide em vizitar os seus amigos; mas não os obrigue com excesso a ficarem na sua companhia; porque he expôr-se a perdellos.

#### XIII

Tenha como regra infallivel que não ha officio mais terrivel do que não ter em que se occupar, nem ha vida mais aborrecida do que aquella, que se passa entre os prazeres, em continuadas vizitas; porque entrega-se hum homem sempre ao mundo, e nunca a si proprio, he ser livre na apparencia, e fazer-se escravo na realidade.

#### XIV

Trabalhe com toda a diligencia em adquirir na sua profissão o maior merecimento; porque deste modo he estimado, e tem hum tal valor que ninguém o pode enganar por mais vivo que seja.

## XV

Se estiver na frente de hum exercito, de hum regimento, ou de huma companhia, ou em outra qualquer occupação, em que tenha subditos, lembre-se que para hum chefe encher dignamente o seu lugar, deve dar hum bom exemplo, e obrar mais do que falar.

## XVI

Se a profissão, que tiver abraçado, não for literaria, estime ao menos os homens de letras; porque ainda que não seja sabio, deve com tudo amar os que o são.

## XVII

Ponha todo o cuidado em ter por cada hum aquelles mesmos respeitos, que deseja ter pela sua pessoa.

## XVIII

Cuide em ser homem de hum facil accesso, e de huma conversação suave; porque deste modo attrahirá o coração de todos, e encontrará muitos, que desejem cõunicallo.

## XIX

Conserve, como hum thesouro mais precioso, a rectidão, e a fidelidade a respeito de todos porque estas virtudes lhe adquirirão por toda a parte o maior credito, e farão que seja de maior valor a sua palavra do que as escrituras dos melhores Notarios.

## XX

De nenhum modo revele a pessoa alguma as afflicções, que lhe sobrevém na sua propria caza; e se chegarem á noticia: dos outros [fl. 34] conserve hum exterior alegre, e honesto, para mostrar deste modo que não merece credito algum a noticia, que corre a seu respeito.

## XXI

Persuada-se como huma verdade incontestavel, que em si mesmo achará o maior inimigo, se se entregar ás suas paixões.

## XXII

Receba os seos, parentes, e amigos com hum modo rizonho, e com hum ar atractivo; porque de outra sorte ficará privado do gosto de os ver.

## XXIII

Não se confie senão naquelles, que se distinguem pelo seu merecimento, pelo seu tom discreto, e pela sua probidade, e considere-os como as unicas estrellas, que o podem illustrar nas trevas, que ordinariamente costumão espalhar, os negocios do mundo sobre os diversos incidentes desta vida: os outros porém devem ser considerados como estrellas errantes, cujo esplendor não he estavel, nem permanente.

#### XXIV

Cuide muito em ser modesto nos seus moveis, na sua equipagem, e nas suas palavras; porque obrando deste modo, será respeitado como homem de hum espirito regulado, e de hum coração recto, e sincero.

#### XXV

Consite menos o máo procedimento de hum homem no que mostra, e no que parece do que naquillo, que na verdade occulta. Utilize-se pois destes avisos, e não confie o seu credito de hum falso exterior, que lhe pode faltar, dando-o a conhecer pelo que he na realidade.

#### XXVI

Não he a posse de muitos bens o que poem o homem em hum estado tal, que não appetite já cousa alguma: por esta cauza he dificultoso que elle se rezolva a abandonar as riquezas, se não persuadir primeiramente das razões, que lhe offerece a religião catholica.

#### XXVII

Não se adquire a estimação do mundo nem pelo nascimento, nem pela opulencia, nem pelos grandes empregos, mas sim pelo bom uso, que delles se faz.

#### XXVIII

He mais facil o fazer-se cada hum Senhor dos corações dos seus inimigos á força de os servir, e de os obrigar attentiosamente, do que vencer as suas paixões, emquanto se conduzir pelo que ellas lhe dictarem.

#### XXIX

Não ha homem mais infeliz do que aquelle, que, não se persua[fl. 35]dindo deverás, que tudo nesta vida he fortuito, ainda o mesmo nascimento, e que sómente a morte he certa, vive de tal modo, como se ella for a cousa mais incerta.

#### XXX

Deve viver sempre o homem como velho, para que de nenhum modo se arrependa, quando se vir já fatigado pela força dos annos.

#### XXXI

São o luxo, e o jogo as duas principaes origens da penuria. Observa cada hum attentamente o que se passa no mundo, e ficará persuadido desta verdade.

#### XXXII

Dão-se algumas occasiões, em que o homem obraria sabiamente, se prescindisse de algum dos seus interesses; porque muitas vezes ganha aquelle, que sabe perder.

### XXXIII

Não deve o homem prudente falar a outro do máo estado dos seus negócios, se não tem vontade, nem poder de o servir; porque de outro modo he affligillo, sem que o mereça.

### XXXIV

He mostrar que não tem prudencia, e que não sabe viver no mundo aquelle, que se enfada sem razão: por esta cauza pois evite toda a occasião de tratar presumidamente com os seus amigos sobre pontos da honra; porque se assim não fizer perderá toda amizade, e desmintirá em huma hora todo o bem, que tiver feito em muitos annos.

### XXXV

Não se pode duvidar que não he igual á memoria o juizo daquelle, que poem todo o seu cuidado em relatar na presença de homens serios todas aquellas fríoleiras, que ouvio, ou leo.

### XXXVI

Não são na verdade muitos penosas em si mesmas as desgraças para aquelle, que as sabe soffrer; ao mesmo tempo que são bem violentas para aquelle, que se deixa possuir da terrivel paixão, que ellas produzem.

### XXXVII

Para cada hum viver contente basta-lhe não carecer do necessario; porque não só he inutil o supérfluo, mas tambem acontece muitas vezes que elle prejudica mais do que serve. Advir[fl. 36]ta-se que se deve regular a necessidade, de aqui se fala, segundo o estado, e qualidade de cada hum; e tudo o mais que restar do seu honesto tratamento he supérfluo, e consequentemente prejudicial.

### XXXVIII

Não he o mundo arriscado senão para aquelle, que se conduz pelas suas maximas. Quem quizer pois a virtude, e fugir do vicio reconheça como falso, e como erroneo tudo, o que o mundo adopta.

### XXXIX

Nenhum homem sensato adquire os favores, e os beneficios dos Principes com acções, que deslustrem o seu nascimento, e que desmintão a sua boa educação.

### XL

O principal character da fidalguia, e da nobreza he tratar a todo o mundo com agrado, e attenção, familiarizando-se de tal modo, que atraha os corações de todos. Quanto maior

pois for este character em hum homem de bem, tanto mais dará a conhecer a sua nobreza, e a sua educação.

#### XLI

Não deve o homem ser nem tão bom nem tão suave, que pareça estúpido, e insensível, nem também tão severo, que o julguem por cruel. Consiste pois a prudencia, que ella lhe fara conhecer em que occasiões se deve usar da ternura, ou da severidade; porque deste modo evitará todo o excesso.

#### XLII

Para que o homem se faça distincto he necessario que elle saiba avaliar as cousas.

#### XLIII

O homem fogoso sem juizo he como cavallo desenfreado, que precepita o cavaleiro nos maiores perigos. Corrija cada hum pois este excesso de calor, porque he melhor passar por hum homem mudo, do que por hum louco, que diz quanto quer sem conhecer as consequencias, que similhante modo costuma produzir.

#### XLIV

Tem as paixões huma tal injustiça, e hum interesse tão desordenado, que fatalmente se perde aquelle, que se conduz pelos seus falsos dictames. Faça cada hum pois toda a diligencia para supprimir as suas paixões, ainda quando ellas lhe parecem mais racionaveis.

#### XLV

Não se ignora que todo o homem dezeja ter hum ar, e hum modo agradavel; huma estatura proporcionada, e hum corpo bem feito; porém de nada lhe servem estas perfeições, se elle não estuda em que o seu juizo, e os seus costumes se conformem com o exterior do corpo; e com razão deve ser comparado a huma estatua, que, ainda que se observe nella a maior perfeição está comtudo cheia de poeira, e de outras immundices.

#### [fl. 37] XLVI

Não he sufficiente que hum homem se mostre valeroso nas occasiões, he necessario também que tenha huma boa direcção; pois assim como huma cabeça prudente, e sabia faz mais serviço ao estado do que cem braços bem armados, assim hum capitão experimetado val mais do que mil soldados intrepidos, e destemidos.

#### XLVII

Todo o homem, que deseja adquirir boa reputação, não deve obrar cousa, que lhe esteja mal; pois huma acção desordenada he como o fumo, que manifesta o lugar, onde está o fogo.

#### L

Nenhuma acção boa, sendo conhecida, pode ficar sem recompensa. Cuide cada hum pois em servir bem o estado, porque algum dia virá, em que a gloria do Principe o faça tartar como outro Mardocheo. Esther, cap. 6.

#### LI

Quem quizer viver bem com os seus parentes, e amigos he necessario disfarçarlhes mil impertinencias, e não lhes dar o menor incomodo.

#### LII

Sentia hum Emperador todo aquelle tempo, em que não dava algum signal da sua bondade, e em que não mostrava o seu generoso animo. Para ter pois os mesmos sentimentos não he necessario ser senhor do mundo todo; hum mesmo particular deve julgar por perdidos todos aquelles dias, em que não ficar alguma acção boa.

#### LIII

Nenhum homem deve esperar que os seus amigos o tratem com a bondade, e que se confiêm nelle, se não cuidar primeiramente em lhes dar todas as demonstrações da mais sincera amizade.

#### LIV

Emquanto o homem poder viver daquillo, que possui, ou que [fl. 38] adquire pelo seu trabalho, não deve sujeitar-se á vontade de outro; porque não há felicidade maior nesta vida do que ser independente.

#### LV

Não deve o homem cessar de reflectir em que, ainda que a rosa se revista de hum grande cheiro, não deixa com tudo de estar cravada de espinhos; pois esta reflexão lhe fara conhecer que neste mundo não há prazer algum, a que não siga a pena.

#### LVI

Todo o homem prudente deve cuidar sempre no bom estabelecimento da sua familia, e não obrar como aquelles, que vivem no descanço, emquanto a sua caza está em desordem, e confusão.

#### LVII

Ao mesmo tempo que se diminuem a equipagem, a meza, e o jogo, se diminue tambem o numero dos amigos.

#### LVIII

Não há emprego algum, que o homem não possa pretender; porém nenhum poderá conseguir, se não fizer profissão de hum homem cheio de honra, e de probidade.

LIX

Todo o homem deve fazer huma boa eleição daquelles, a quem pode fazer bem; porque ordinariamente estima mais o mundo os beneficios do que aquelle, que lhes faz.

LX

Quem pertender mostrar que he sensato, não deve contemplar o prazer de hum dia com prazer, quando elle pode ser seguido de hum arrependimento de muitos annos.

LXI

Aquelle, que não tem outro merecimento senão o que lhe adquira o seu proprio nome, e que lhe vem da familia, de que procede, nenhuma honra dá aos seus antepassados: por esta cauza deve imitallos em todas as acções heroicas, que elles obrarão.

LXII

Dá duas vezes quem dá com bom agrado; e faz-se digno de louvor aquelle, que rejeita com civildade o que lhe offerecem.

LXIII

Seja cada hum fiel a todo o mundo, mas não julgue que todos o tratão com fidelidade. Não se confie pois de todos senão emquanto assim o obrigarem a prudencia, e bom procedimento daquelles, com quem tratar.

LXIV

Toda a paixão do homem deve consistir em não ter paixão alguma, [fl. 39] e não deve ser outro o seu prazer mais do que renunciar, e aborrecer todos os prazeres.

LXV

Costuma-se cada hum a falar sempre a verdade; porque ella he sempre respeitada por toda a parte, excepto na boca do mentiroso.

LXVI

Aquelle, que dezeja que tenham bom exito os seus projectos, deve obrar tudo com juizo, com prudencia, e com probidade; pois quando menos esperar encontrará nos seus interesses aquillo, a que o mundo chama boa fortuna, e feliz destino; porque de tal modo se publicará o seu merecimento, que reconheção o quanto vale, e lhe fação justiça.

LXVII

Lembre-se o homem de que ninguém está isento de perdas, e de afflições; porque ellas existirão sempre em todo o tempo, e em todo o mundo.

LXVIII

Quem quizer ter felicidade nos seus negocios, deve por si mesmo cuidar neles.

LXIX

Quanto mais feliz he o homem neste mundo, tanto mais arriscado está a se perder.

LXX

Tudo no homem deve ser igual, e deve concordar o seu coração com o que pronuncia a sua lingua. Faça cada hum pois a diligencia em que entre si tenham boa união as suas palavras, e as suas acções; e que aquillo, que disser, seja confirmado pelo que obrar.

LXXI

Ninguém deixe de viver com honra por não ter fortuna; e algumas vezes acontece que he melhor ter merecimento do que fortuna.

LXXII

Quanto maior he a figura, que o homem faz no mundo, tanto mais manifestoa são os seus defeitos; e quanto mais o exalta o seu carcter, menos se descuida o mundo em observar o que o deshonra: por esta cauza devem ser mais bem reguladas as acções de hum superior do que as de hum inferior.

LXXIII

Todo o homem he senhor dos seus olhos, da sua lingua, e das suas acções; por esta cauza deve cuidar em que senão faça senhor delle a corrupção dos seus costumes, impugnando tudo, o que não for recto, e justo.

LXXIV

Ainda que o homem esteja constituido na maior dignidade nã deve [fl. 40] elogiar-se a si mesmo; porque he expôr-se a não lhe darem credito.

LXXV

Ninguém está obrigado a obrar cousa alguma pelos seus amigos contra a sua honra, e contra a sua consciencia; porque mais deve cada hum amar-se a si proprio do que aos seus amigos.

LXXVI

Todo o mundo está obrigado a temer ainda os mais leves principios de hum habito peccaminoso; porque, despresando os menores defeitos, virá a cahir nos graves.

LXXVII

Quem não quizer desgostar-se com os seus parentes, e amigos, não lhes venda, nem compre cousa alguma; porque muitas vezes acontece perder-se a amizade no ajuste do que se compra, ou vende.

### LXXVIII

No principio parece a inclinação, que o homem tem pelo vinho, e pelo jogo, huma formiga, que facilmente se pode arruinar; mas passado algum tempo parece hum elefante tão grande, e tão forte, que ninguém se atreve a combatello; pois de tal modo se deixa o homem possuir desta paixão, que se persuade que de nenhuma sorte a pode vencer.

### LXXIX

Quem dezeja a tranquillidade da alma, e a paz do coração, não a deve procurar no mundo, onde tudo he confusão.

### LXXX

Consiste a verdadeira gloria na sciencia, nos bons costumes, e na virtude: por esta cauza pois deve o homem procurar todos os meios de adquirir este bem.

### LXXXI

Consiste toda a differença, que há entre hum homem, que he abundante de bem, e outro, que não tem de que viver, em que hum dá muito, e o outro não pode cousa alguma. Advirta-se que sómente se entende esta regra dos homens de qualidade.

### LXXXII

He signal evidente, que não tem virtude, nem merecimento algum aquelle, de quem se não fala; nem tambem he invejado aquelle que senão distingue pelas suas bellas qualidades: por esta cauza ninguém deve affligir-se, quando tiver invejosos; porque he signal de que tem boas prendas.

### LXXXIII

Para que o homem viva satisfeito com o que tem he necessario que não appeteça maior riqueza; pois emquanto elle assim obrar, serão os seus [fl. 41] bens hum rio de agua mais pura, e mais cristalina; porém elle mudará de natureza, se á força de augmentar as suas aguas, intentar cada hum introduzir nelle o mar.

### LXXXIV

Ninguém deve principiar o falar, sem que primeiramente pense sobre o que quer dizer, e porque o quer dizer; porque as palavras são como flechas, que não devem ser dirigidas senão ao alvo que cada hum se tem proposto.

### LXXXV

Quem for avaro, vão, e colerico reduzirá a sua caza a huma solidão; e por pouco que o homem viva na desordem, fugirá da sua companhia toda a gente racional, e não terá por socios senão os libertinos.

#### LXXXVI

Deve o homem prudente pensar muitas vezes no que foi; e no que pode ser; por que duas, ou tres reflexões destas lhe são mais uteis do que mil feitas sobre outras materias.

#### LXXXVII

Quem não está contente com o que he, nem com o que tem, atreve-se a clamar contra Deos, e contra a sua providencia.

#### LXXXVIII

São as riquezas dadas ao homem para passar suavemente a vida; porém não lhe foi concedida a vida para accumular as riquezas.

#### LXXXIX

Devem ser honestas as palavras do homem; pois deste modo se entreterá nellas suavemente, e não temerá as suas consequencias.

#### XC

Todo o homem deve recuperar na velhice, o que perdeu na mocidade; e deve procurar hum bom director nos fins dos seus dias, se em toda a sua vida viveo relaxadamente.

#### XCI

Por muito heroica que seja huma acção, não deve ser considerada como grande, se ella não he effeito de hum grande projecto.

#### XCII

Ninguém he tão ridiculo pelas qualidades, que tem, como pelas que affecta. He melhor pois deixar-se cada hum ver tal que elle he, do que querer mostrar o que não he.

#### XCIII

Ainda que o homem procure qualquer pretexto ás suas af[fl. 42]flicções, ellas não procedem ordinariamente mais do que do interesse, e da vaidade; cuide cada hum pois em destruir estes dous vicios, e observará o quanto he diminuto o seu desprazer.

#### XCIV

Quando os homens se deixão abatter pelo rigor dos seus infortunios mostrão evidentemente que elles os não supportão senão pela força da sua ambição, e não pelo valor do seu espirito; e que falando-lhes a vaidade, desfalecem ao menor ataque do contratempo: por esta cauza pois deve o homem oppor-se a qualquer adversidade com hum espirito valeroso, e com huma alma constante, desterrando do seu peito toda a vaidade, e toda a ambição.

#### XCIV

Ainda que a maior parte das amizades, que se encontram no mundo, não mereçam o nome de amizade, pode-se contudo usar dellas, quando for necessario como de hum commercio, que não tem fundo, e que he ordinariamente fallivel na sua utilidade.

#### XCVI

Entre todos os sentimentos he o amor do proximo o mais sabio, e o mais recto; porque não só he necessario na sociedade civil para a felicidade desta vida, mas tambem no Christianismo para a felicidade eterna.

#### XCVII

He huma especie de felicidade o conhecer o homem até que ponto pode qualquer ser infeliz, e conhecer tambem todas as cousas como ellas em si são; porém não se adquire este conhecimento senão pelas frequentes reflexões sobre tudo aquillo, que se passa neste mundo.

#### XCVIII

Do mesmo modo pode o homem instruir-se pelos defeitos, que observa nos outros do que pelas virtudes, que elles costumão exercer; porém o exemplo da imperfeição serve quasi tanto para que cada se faça perfeito, como o exemplo da mesma perfeição.

#### XCIX

He falta toda a devoção, que não he fundade na humildade Christãa, e na caridade do proximo; porque muitas vezes acontece que procede a devoção de huma soberba infeliz, que, desprezando o mundo, julga vingar-se das adversidades, com que a maltrata.

#### C

Pode o homem ter merecimento sem ser elevado ás dignidades e aos empregos; mas não pode conseguir justamente estas honras sem merecimento.

[fl. 43] Arte  
de agradar na conversação.

Capitulo I  
Daquillo, que deve formar a conversação

Não ha prazer mais delicado do que aquelle, que se experimeta no comercio daquellas pessoas, que ajuntão ao agrado hum juizo discreto, e a pureza dos costumes. Como os homens pois são obrigados a gostarem da suavidade deste prazer, não só porque nelle os conduzem os diversos negocios, que entre si devem tratar, mas tambem a politica, e os deveres da sociedade, he importantissimo que elles fação todo o esforço para se instruirem em tudo aquillo, que he necessario para falarem com decencia, e agrado; pois he certo que ordinariamente se decide do merecimento de hum homem, sem profundar, nem inquirir as suas boas, ou más qualidades, mas julgando sómente o modo, com que elle conversa, e a impressão, que fazem nos corações os seus discursos. Por esta cauza pois se pertende falar aqui com mais extenção do que nas regras da politica, e civilidade das conversações, não dos particulares, em que muita gente inspirada pelo amor, ou pela amizade diz tudo aquillo, que o coração lhe dita, mas daquellas, em que o homem se entretem com pessoas indifferentes, que não procurão senão o prazer da sociedade.

Todos sabem pois que ninguém pode aprender em semelhantes conversações sem fazer huma boa eleição da materia, sobre que pertende formar o seu discurso; pois he certo que nem todas as cousas devem ser hum assumpto proprio de huma conversação discreta. Porém como não he tão facil o adquirir nesta materia huma total perfeição, como o evitar hum defeito, e huma falta, principiemos primeiramente a examinar quaes sejam as cousas, que se não devem admitir na conversação. Seria na verdade cousa indigna que hum homem tirasse o assumpto do seu discurso daquillo mesmo que lhe diz respeito, ou publicando as bellas qualidades, que elle julga possuir, ou referindo os seus defeitos, ou entretendo-se tambem em falar daquellas cousas, que pertencem á sua familia; pois tudo isto he materia de huma conversação particular, e de confiança, e não da de huma sociedade grave, e de cerimonia, a quem não importa, se cada hum tem huma esposa fiel, se seus filhos são bem educados, e se os seus criados satisfazem, como devem, as suas obrigações.

Não he menos indigno o formar o assumpto da conversação sobre aquelles acontecimentos tragicos, que se referem muitas vezes com hum ar lamentavel, como quem quer persuadir os ouvintes a chorarem as infelicidades, que acontecerão á muitos seculos. O mais importante avizo, que se pode dar para fazer huma eleição do assumpto de huma conversação agradável, he considerar sempre diante de quem se fala; pois sem esta precaução estará o homem exposto a offender muitas vezes aquellas pessoas, a quem dezeja agradar: por esta cauza pois não deve [fl. 44] tratar de cousas, que são oppostas a inclinação das pessoas, com quem fala. As sciencias, a guerra, a politica, a moral, e a historia podem fazer huma conversação agradável, e instructiva, com tanto que se trate destas cousas com hum modo facil; sem discutir, nem inquirir todas as circumstancias; pois seria na verdade importuno quem intentasse explicar miudamente huma materia difficultosa, que persistisse nella sem falar de outra cousa: por esta cauza he necessario variar na conversação de assumpto, para que nesta mesma variedade encontre o homem o prazer; de sorte que menos parte devem ter as sciencias, e os negocios nos nossos discursos do que o divertimento. Sómente são tratadas as materias mais importantes em hum conselho de guerra, ou de Estado; em huma consulta sobre hum processo, ou sobre huma infirmitade, em que o advogado attrahe a attenção dos ouvintes pelas leis, que cita, em que o medico receita os remedios mais approvados: porém na conversação deve-se procurar o prazer, e o divertimento, tratando as materias com elegância, e sem affectação de sciencia.

He sem duvida bem agradável a conversação daquelle, que entrando em huma assemblea faz os devidos cumprimentos, e uza das ceremonias, que prescreve a politica, e que, sendo rogado, para que explique a cauza de huma materia, satisfaz a tudo com precisão, e agrado. Percebendo que elle se faz agradável á assemblea, principia a tratar de outras materias, ainda das mais obscuras, de hum modo claro, e intelligivel, ornando o seu discurso com paridades tão agradaveis, como naturaes, e deste modo attrahe de tal sorte os circumstantes, que se interessão tanto no seu discurso, como na historia mais divertida. Serão inuteis todos os preceitos, que se podem dar sobre esta materia, se cada hum não fizer a diligencia por se conformar com o uso do mundo; pois he certo que não são suficientes os conselhos, a leitura, e as maximas dos grandes Mestres, para formarem hum homem agradável na conversação. Todos sabem que ninguém pode agradar na conversação, sem que acompanhe o que diz com huma acção livre, e com hum modo claro, e com hum agrado tal, que senão pode adquirir senão cõmunicando frequentemente com aquellas pessoas, que o possuem. Que deve pois fazer hum homem

na idade juvenil, que entra no mundo, sem conhecer todos aquelles defeitos, que o podem expôr a cômeter mil absurdos? Deve cuidar em ter huma postura honesta, e huma grande circunspecção, vendo, e observando tudo, mas falando pouco, sem dar o seu parecer naquellas cousas, de que não tem conhecimento algum. Com esta moderação, pois [fl. 45] adquirirá aquillo, que pode fazer agradavel, e digno de toda a estimação.

## Capitulo II

Da politica, de que se deve uzar na conversação, e das ceremonias, que se devem evitar.

He a politica o vinculo mais sagrado, com que entre si se unem os homens, fazendo huma sociedade agradavel, e hum cômércio aprazivel. Não consiste simplesmente pois esta virtude nas apparencias do exterior; he necessario que ella tenha o seu principio, e a sua origem na própria alma, para que forme hum espirito tão bem regulado, que seja o senhor dos sentimentos, e das palavras; que faça justiça a todo o mundo; que sacrifique os proprios interesses para não destruir os bens do proximo; e que se compadeça finalmente das infelicidades de huns, e suporte os defeitos de outros. Deveremos pois regular de tal modo o nosso procedimento, que as nossas acções conduzão a gente, com quem cômunicamos a ensinarem os sentimentos da nossa alma, e os agrados do nosso espirito. Para conseguirmos estas favoraveis disposições he necessario que cada hum de nós se revista daquelle ar agradavel, e persuasivo, que faz digno da maior estimação tudo quanto se diz, e tudo quanto se obra. He na verdade bem inspirado aquelle homem, que conserva hum caracter de modestia, e de decencia, e hum modo tão suave, que faz que os seus discursos movão mais os corações do que os ouvidos, que todas as suas palavras são expressões de estimação para com os seus iguaes, de respeito para com os seus superiores, e de benevolencia para com os seus inferiores; e que observe finalmente as regras da politica com tal moderação, que tudo nelle parece natural, e não artificioso, e affectado.

Não se ignora que para formar hum homem politico, he necessario seguir o uso das nações, das provincias, e dos paizes, e ainda naquellas cousas, que não parecem dignas de credito; como por exemplo quando hum homem diz a outro: Eu sou seu humilde servo todos conhecem que não são conformes a esta protestação vaga os sentimentos

deste homem , e que não devem ser tomados estes termos em todo o seu rigor; porque ordinariamente são pronunciados, sem entender o que elles significão: porém como todos seguem este uso, deve cada hum conformar-se a elle; porque seria hum grande absurdo oppôr-se hum homem ao consentimento geral de huma nação. He necessario pois seguir aquellas ceremonias, de que ninguém se pode dispensar honestamente; porque de outro modo he fazer-se cada hum odioso, e he expôr-se a offender as pessoas, com quem trata, e cõmunica.

[fl. 46] Pede tambem a politica que cada hum considere a idade, a condição das pessoas, com quem trata, e o estado, em que ellas estão; pois he certo que estando ellas enfermas, ou occupadas, ninguém deve molestallas com dilatadas visitas, mas fazendo-lhes o seu cumprimento deve retirar-se o mais breve que puder; porque de outro modo he expôr-se a ser incomodo, e importuno. Não há duvida que bem prudente aquelle, que em huma conversação está sempre attento ao que se lhe diz; que responde a proposito; que não interrompe o que está falando e que não se mostra impaciente pela dilação de hum discurso. He huma incivildade muito ordinaria na conversação o falar sómente com huma pessoa, e testemunhar-lhe huma grande amizade, dando pouca, ou nenhuma attenção aos outros, que estão na mesma companhia: por esta cauza pois deve o homem politico fazer-se agradavel a toda a assemblea, cõmunicando com todos, sem distinguir pessoa alguma.

Não há cousa mais desagradavel, nem absurdo maior do que rir-se hum homem, quando o outro lhe escapa alguma palavra, que indica huma profunda ignorancia, ou má educação: para evitar pois hum erro tão abominavel, deve cada hum conservar-se serio, e modesto em similhantes occasiões, mostrando que não percebe, nem attende para os defeitos, que o seu proximo cõmette. Não costumão os politicos, e prudentes sustentar de tal modo os seus sentimentos, por muito justos que elles lhes pareçam, que sejam considerados como imprudentes, e teimosos; o que he na verdade muito desagradavel a huma sociedade attenta, e civil: devem pois ser imitados estes homens, conformando-se cada hum com o gosto, e com o genio de todos, para attrahir deste modo os corações daquelles, que, vendo que hum homem cuida menos em brilhar na conversação, do que em fazer brilhar os outros pelo valor, que dá ao que elles dizem, e o que elles fãõ, fazem delle huma grande estimação, julgando com maior talento, e merecimento.

Todos sabem que he huma louca vaidade o querer-se offuscar o mundo todo com huma erudição pomposa, uzando de termos, e expressões imperceveis, e de ornatos, que totalmente fazem obscura, e pouco intelligivel a narração de qualquer cousa: para

evitar pois esta desordem he necessario que cada hum se conforme com o caracter daquelles, com quem conversa, falando com hum estilo igual ao talento, de que elles são dotados; porque deste modo adquirirá a estimação dos homens, e se fará agradável a todo o mundo.

[fl. 47] Deve hum homem, que está ainda na mocidade, cōmunicar frequentemente com as pessoas de merecimento, e a quem deve o maior respeito; porque o desejo de merecer a sua estimação o conduzirá insensivelmente áquelle grão de politica, que he tão necessario á boa sociedade; e adquerirá hum talento tal, que lhe faça evitar toda a acção, e toda a palavra indecente, e incivil, e que lhe modifique a colera, que pode ser cauza de que não seja estimado daquelles, com quem pratica. Para agradar na conversação não he necessario usar, daquellas ceremonias extensas, que a prudencia detesta, nem de louvores excessivos, que offendem o homem racional.

### Capitulo III

#### Da pureza da lingua, e do modo de fazer huma narração.

Não há cousa mais essencial para agradar na conversação do que a pureza da lingua; pois o conhecimento das boas expressões, e de huma pronunciação clara fazem as nossas palavras tão agradaveis, que lisongean suavemente os ouvidos: porém são poucos aquelles, que se sabem explicar com graça, com energia, e pureza; porque desde da infancia principia cada hum a applicar-se a outras sciencias, sem adquerir primeiramente a perfeição da sua lingua, que lhe deve servir em todo o tempo, em todo o lugar, e em toda a ocasião. Vivendo pois muita parte dos homens na ignorancia dos primeiros elementos da sua própria lingua, he necessario remediar este defeito, elegendo hum bom assumpto na conversação, e uzando de pensamentos, e expressões convenientes á materia, de que tratar; pois he certo que seria cousa irrisoria o servir-se hum homem em huma conversação seria de termos jocosos, ou affectar seriedade em huma companhia, em que se tratasse de cousas brulescas. Consiste a pureza de huma lingua em fazer eleição dos termos mais proprios, e que estão mais em uso: por esta cauza ninguém deve servir-se daquellas expressões antigas, de que não há noticia alguma no seculo prezente, nem de termos tão modernos, que sejam ainda incignitos a quasi toda a nação; e muito menos deve qualquer particular adoptar palavras, que não estão ainda approvadas pelos sabios, ou por pessoas, que para isto tenham direito. Deve

cada hum pois não só eger os termos mais uzuaes, mas tambem servir-se daquellas [fl. 48] expressões, que melhor fazem conceber a idea daquillo, que cada hum intenta explicar, e que em si tem aquella doçura, e magnificiencia, que pedem as materias, de que trata. Ainda que conduz muito para a perfeição da lingua o saber os termos, que convem a cada huma das artes; porque muitas vezes acontece ver-se huma pessoa obrigada a servir-se delles para explicar huma questão; que se move sobre esta, ou aquella arte, não he comtudo necessario que absolutamente as saiba todas; mas basta que tenha conhecimento daquellas, que o uso tem feito mais familiares.

Tem huma tal graça os termos figurados, que, ornando hum discurso, fazem que elle persuada com mais força, do que se fosse composto de termos proprios, e naturaes; assim como falando de hum lugar sombrio, se dissesse: He bem triste este sitio; ou de hum lugar agradavel: He bem risonho este lugar. Todas estas expressões são figuradas, por que se attribue a huma cousa inanimada aquillo, que ella não pode sentir, por lhe não ser natural a tristeza, ou o rizo: porém representão tão vivamente estes termos o estado das cousas insensiveis, que fazem que ellas pareçõ revestidas daquelle ar funebre, que produz no homem huma profunda melancolia; ou que se veção com aquella alegria, que o homem mostra, quando está rindo. Pode tambem qualquer usar de circumloções, quando lhe he necessario tratar de algumas cousas, que podem offender a honestidade.

Obrão muito mal aquelles, que se não servem dos termos, que são proprios para explicar o que se quer dizer; pois he certo que a impropriedade das expressões fazem perder a hum discurso aquella suave harmonia, que recrea os ouvidos, e que produz nos corações o maior jubilo, e usurpa ás materias, de que se trata huma parte do valor, que ellas tem. Não se intenta porém dizer que seja necessario fazer huma eleição tal dos termos, e ordenallos com hum tão escrupuloso modo, como se cada hum quizesse compôr huma obra para dar ao publico; mas deve-se quanto lhe for possivel, ajuntar a elegância, e a politica ao natural, explicando-se de hum modo claro, e polido, e evitando, aquelles discursos grosseiros, e barbaros, que fazem desagradavel a conversação, ainda quando servem para manifestar cousas excellentes. São mais necessarias nas questões os termos proprios, e polidos, do que em outra qualquer occasião; porque com elles se satisfaz de alguma modo o amor proprio daquelle, com quem se questiona.

[fl. 49] Não ha cousa mais difficultosa do que narrar hum factu, huma historia, e huma novidade; porque cada hum exagera estas cousas quanto pode, só a fim de os

persuadir como verdadeiros, e lhes dar todo o seu valor; porém se aquelle, que assim procede, reflectisse que estas exagerações indicão a baixa esfera do que refere huma historia por similhante modo e que são o signal evidente de hum louco soberbo, que intenta fazer-se admirar naquillo, que diz, cuidaria em fazer huma simples narração, sem exceder a verdade do facto. Não se deve levantar muito a vós na conversação; porque he mostrar que intenta á força de gritar fazer concordar as outros com o seu parecer. He tão insuportavel este defeito, como arrogante, e imperial; e he hum indício do pouco respeito, com que se tratão aquelles, com quem se fala.

Deve cada hum tambem abster-se da monotonia, por ser muito desagradavel; cuide em proferir as palavras com huma harmonia suave, que varie insensivelmente os tons, e pronuncie correctamente todas as sillabas; porque não obrando assim, expõem-se a faltar a huma parte da pronuncia. Uze na conversação de hum modo natural, simples, e sucinto, sem omitir as circunstancias do facto; principalmente quando faz alguma descripção; pois neste caso deve augmentar a attenção dos circunstantes, fazendo huma pintura tão viva dos objectos, de que fala, que julgue a assemblea que os está vendo. Não se sirva de expressões exageradas; como por exemplo, querendo falar de hum rio, que faz diversos gyros sobre as margens de hum prado, dissesse que todo este movimeto conduzia muito para fazer admiravel, e ameno este lugar, e que o tal rio se mostrava sentido, e triste, quando se via obrigado a deixar na vazante este sítio pois convem mais á Poezia do que a huma conversação este modo de falar, onde tudo deve ser natural, facil, e sem affectação.

#### Capitulo IV

##### Da politica, e do modo de falar na meza.

He sem duvida a alma da boa sociedade a sciencia do respeito, que se deve tributar a cada hum segundo o seu carac[fl. 50]ter, e dignidade; pois ella regula de tal modo as acções, que attrahem o animo de todos, e fazem que ninguém se atreva a accuzarnos com justiça de qualquer desordem; por esta cauza devemos estar sempre attentos sobre aquillo, que he conveniente, e sobre o que se deve evitar; respeitando para este fim o sexo, a idade, a profissão, o character, o tempo, e o lugar; porque todas estas cousas tem politicas bem differentes. Seria passar na verdade por homem grosseiro o dispensar-se cada hum daquellas ceremonias, que se devem observar exatamente na meza; pois he

certo que neste lugar mais do que em outro qualquer, se conhece a boa, ou má educação de hum homem; porque não se descuidão os circunstantes de observarem aquelle, que tem hum modo grave, e honesto, ou se he impolitico, tirando o melhor, que está no prato; estendendo o braço por diante dos outros, e obrando finalmente outras acções, que são muito indignas de hum bem educado: por esta cauza pois deve cada hum trazer sempre na memoria as regras, que o podem conduzir a obrar nesta occasião com a maior prudencia, e civilidade.

He sem duvida cousa abominavel o excesso no beber vinho, ou outro qualquer licor; que pode alienar a razão; porque perturbada esta, falta o melhor director das nossas ideas, e das nossas acções; e conseguintemente sera desagradavel, e odioso aquelle, que assim se conduzir. Daqui pode cada hum inferir o quam perversamente procedem aquelles, que em huma meza se entretêm a beberem á porfia, querendo mostrar o seu valor nos excessos de huma bebida, que não só prejudica á saude, mas faz tambem desmaiar o credito, e a honra. Tomavão os Lacedemonios hum particular cuidado em inspirarem a todo o mundo a maior aversão pelo excesso do vinho; e para este fim expunhão aos olhos da mocidade alguns escravos perturbados do vinho, para que, vendo ella os terriveis effectos deste excesso, concebessem o maior ódio por huma intemperança tão prejudicial, como extravagante. Para evitar pois todo o excesso fuja cada hum de imitar o absurdo daquelles, que não só tem por Deos o seu ventre, mas que tam[fl. 51]bem incitão os outros a comerem e a beberem, imaginando que deste modo obrão politicamente. He hum grande absurdo, que aquelle, que dá de comer, louve a dilicadeza dos guizados, e do vinho; como o he tambem que os convidados mostrem de algum modo, que a comida não está bem feita.

Devem-se evitar na meza aquelles discursos, que podem molestar de alguma sorte os circunstantes, como he o falar de certas enfermidades, e de certos remedios; porque todas estas cousas produzem ideas, que inquietão o estomago, e extinguem o appetite. Deve-se conservar na meza hum ar rizonho, e alegre, mas que seja sempre moderado; porque o excesso de alegria he reprovado pelos homens prudentes, os quaes não podem supportar aquelles, que estão sempre possuidos de huma alegria insensata; pois ainda que he louvavel a alegria, he comtudo necessario que ella não exceda os limites da prudencia. Costumão alguns dizer aos convidados que perdoam o máo tratamento da meza, e outras semelhantes satisfações, sem se recordarem que deste modo manifestão a sua vaidade, querendo que os convidados, affirmem que tudo está excellente.

He sem duvida que em todo o lugar, e ocasião se deve evitar o excesso no falar, mas com maior especialidade na meza, onde deve brilhar toda a prudencia, e circunspecção; porém ninguém está obrigado a ser tão moderado, que esteja sempre á meza em silencio; porque se todos assim obrassem, faltaria o agradavel recreio da conversação.

## Capitulo V

Do modo, com que se deve louvar qualquer pessoa na conversação.

He esta materia tão delicada, que senão pode cabalmente dar regras certas, com que se mostre o modo, com que se deve louvar hum homem de qualquer condição, ou dignidade, que ella seja; porque aquelle, que he moderado nos seus louvores, parece que não diz tudo, e conseguintemente não agrada áquella pessoa, a quem louva; e se he excessivo no que diz, poem [fl. 52] em confusão aquelles a quem pertende exaltar a huma gloria, que elles não merecem; o que lhe faz perder toda a estimação. He necessario com tudo louvar; porque todo o mundo dezeja ser louvado; e todos sentem hum grande jubillo, quando de si ouvem dizer cousas, que lizongeo o amor proprio. Não há meio mais seguro para attrahir os corações, ainda das pessoas mais austeras, do que o cortejallas, e mostrar-lhes as bellas qualidades, que ellas possuem. Em vão nos persuade o sabio que não depende a nossa reputação do capricho dos homens, nem dos vãos louvores, que o mundo nos dá, mas sim das louvaveis acções, que obramos; pois a experiencia nos mostra, que as lisonjas, e os vãos louvores fazem ordinariamente no mundo todo huma impressão bem forte.

Para louvar pois com graça, he necessario usar de hum modo grave, e de termos simples, e familiares, dizendo tudo, o que se pode imaginar, com tanto que se não exceda os limites da prudencia, e da honestidade. Podem ser materia dos nossos louvores todas aquelles dotes, que produz a natureza, como são, hum coração recto, firme; e generoso; hum espirito sublime, vasto; e comprehensivo; huma memoria feliz; e hum juizo solido, e delicado: porem não he necessario ser excessivo em louvar as pessoas que possuem estes dons, nem tambem entregallos ao silencio; porque, uzando do primeiro modo, he mostrar huma lisonja indigna de hum homem sensato; e do segundo, he annunciar hum espirito melancolico, a quem não agrada cousa alguma: para evitar pois qualquer destes dous excessos, deve cada hum attender á qualidade da

pessoa, com quem fala, ás circumstancias do tempo, e do lugar, e da cousa, que pertende louvar.

He cousa muito agradavel o louvar qualquer pessoa com hum modo rizonho, e persuasivo; porém ninguém o pode adquirir por si só; he necessario tambem que o produza a natureza; e depois pode cada hum cultivallo, e dar-lhe toda a sua perfeição, comunicando com as pessoas, que o possuem. Não procede este modo, de que aqui se [fl. 53] fala, das perfeições do corpo, mas sim das da alma; pois ella he o que reveste tudo aquillo, que se diz, e obra, daquelle agrado, que attrahe os corações humanos: por esta cauza julgão mal aquellas pessoa, que estão ainda sujeitas ás desordens da idade juvenil, quando prezumem que elles possuem a arte de se fazerem amaveis; porém elles se enganão, quando assim se persuadem; porque em similhante idade he muito difficultoso o moderar aquelle ardor, que lhes faz levar as cousas ao maior excesso, e escurece aquelle modo suave, que convem ao character de hum homem prudente.

Para ser agradavel na conversação não he necessario dizer cousas subtís, nem mostrar hum grande fundo de sciencia, e huma vasta comprehensão de juizo; contente-se cada hum em falar de hum modo claro, e facil, e sem affectação; que indique seriedade, e prudencia, e cuide muito em dizer com digistão tudo aquillo, que tem bebido nos livros de boa nota, ou que tem aprendido dos homens sensatos, e doutos.

Ainda que a mocidade seja huma idade muito própria para agradar, não são com tudo os mais estimados na conversação os que tem poucos anos; porque não tem ainda o juizo sufficientemente cultivado par sustentarem hum discurso bem regulado: por esta cauza falão com grande impeto, e sem prudencia, e não examinão attentamente as pessoas com quem falão. Todos sabem que em similhante idade falta aquella discreção, que faz que o homem se possua, e se faça Senhor, não so de si, mas tambem das suas palavras, das suas acções, dos seus olhos, e dos seus movimentos; de sorte que nada lhe esconde do que pertence á politica, e que possa offender aquelles, com quem trata. Devem pois cuidar aquelles, que estão nesta idade, em fazer o maior estudo para reprimirem aquelle ardor, que os faz inquietos, e levianos; e observar attentamente o que obrão, e dizem os sabios, e prudentes, para que, instruindo-se na boa politica, e civilidade, possam falar publicamente com modestia, e circunspeção.

Para se tributar a cada hum o respeito, que lhe [fl. 54] he devido, não he necessario que nós conheçamos o seu interior, e que sondemos o que elle tem no coração; basta sómente que conheçamos a sua qualidade, ou nobreza para lhe darmos todo aquelle respeito, que elle merece, e que observemos a sua capacidade, para que melhor

regulemos o modo, com que devemos falar; pois seria grande indiscreção o querer hum homem de huma mediocre capacidade discorrer na presença de hum sabio sobre materias difficultosas com expressões sublimes, e delicadas. Faça cada hum pois toda a diligencia em que lhe não escape alguma palavra, que possa ser mal interpretada por aquellas pessoas, que costumão censurar maliciosamente tudo, quanto se diz.

Ninguém se deve scandalizar de que outro qualquer lhe não revele os seus segredos; nem tambem deve pessoa alguma fazer a diligencia para saber aquillo, que lhe não querem manifestar; porque isto sómente convem aos intimos amigos, entre os quaes não deve haver reserva alguma. Não he menor imprudencia o usar de rodeios, e de termos fingidos para obrigar deste modo a que lhe revelem o que lhe não querem dizer; porque he indicio de revolta esta curiosa indiscreção, e faz com que aquelle, que assim obra, seja considerado como homem de huma communicação arriscada e perigosa. He tambem grande absurdo o revelar hum segredo, que lhe foi confiado; porque semelhante procedimento he contra a maxima dos homens honrados. Não só he acção vil, quando alguém manifesta o segredo, que hum amigo, lhe cõmunica, e enquanto se conserva a amizade, mas tambem ainda depois que o amor se converter em ódio; como fazem aquelles, que, faltando aos deveres da honra, revelão no tempo da inimizade aquelles segredos, que elles devião sepultar em hum silencio eterno.

Deve ser grande na verdade a diligencia, com que devemos reprimir a nossa paixão, quando nos for necessario avaliar alguma obra, que nos for apresentada; porque o primeiro [fl. 55] pensamento, que em nós produz o amor proprio, he reprovar em tudo, ou em parte a obra, que nos he apresentada, descobrindo nella defeitos, que possão diminuir o seu valor. He bem verdade que não he sempre livre este movimento, e que elle nos escapa muitas vezes a nosso pezar, ainda que o amor proprio nos faça ver com inveja tudo aquillo, que pode exaltar os outros; porém devemos estar sempre attentos sobre nós mesmo, para que em semelhante occasiões occultemos estes perversos sentimentos, e para que não façamos huma crítica sobre huma obra, que talvez mereça a maior estimação; porque de outro modo he imitarmos aquellas pessoas, principalmente as que estão ainda em huma idade juvenil, as quaes se rezolvem a decidir tudo, só afim de persuadirem o mundo todo de que ellas tem hum grande talento, e capacidade, sem advertirem que a precipitação, em que ellas decidem, produz hum efeito contrario ao que ellas pertendem; pois ao mesmo tempo que querem mostrar que não ignorão cousa alguma, deixão ver huma ignorancia crassa, condenando o bem, que tem huma obra, e louvando seu discernimento, e sem regra o que ella tem de máo. Deve pois o homem

discreto evitar todos estes juizos precipitados para senão expôr á irrizão de huma assemblea decidindo aquillo, que não entende, e não conhece.

Deve persuadir-se o mundo todo que não pode agradar na conversação aquelle, que costuma dizer galanterias áquelles, com quem comunica; pois he certo que carece de grande valor, e de juizo hum homem, que se considera o objecto das galanterias, e das chocarrices de hum insensato, e que não rompa em algum dezatino: porque cauza se destroem ordinariamente as mais fortes amizades, e acontecem as maiores infelicidades.

## Capitulo VI

Que para agradar na conversação he necessario, que o homem esteja Senhor de si.

He igualmente falando, o homem melancolico hum flagelo [fl. 56] da sociedade, que desterra o suave prazer do comércio das partes, e faz que elle seja odioso a todo o mundo, porque hum homem deste temperamento julga sempre que lhe faltão ao respeito, que lhe he devido; e de que rezulta que elle seja impertinente sobre cousas de pouco valor, que a sua melancolia lhe representa como monstros. Os cumprimentos mais respectivos, e as palavras mais ternas lhe parecem suspeitas; nada o movem os grandes serviços, nem o satisfaz a melhor fortuna; pois sempre tem motivos de viver afflicto, e angustiado. Como pois este humor melancolico aflige ainda os mais racionaveis, he da prudencia que cuidem muito aquelles, que padecem esta enfermidade, em fazer todo o possivel par areprimirem ao menos emquanto estiverem em qualquer assemblea, não dando liberdade áquelles impetos, que ella costuma ordinariamente produzir, e que prejudicão muito á sociedade.

He a melancolia o motivo, porque he abandonado de todos o que a padece; pois he certo que hum homem alegre fugirá de cōmunicar com hum melancolico, em quem se não achão senão afflições, e nenhum recreio. O homem, que não padece este mal, pode ser tão Senhor de si, que em todo o lugar, e em toda a occasião mostra que he bem morigerado, e circunspecto; porque facilmente adopta o parecer daquelles, com quem vive; e louva as sciencias na prezença dos sabios; e se conversa com hum guerreiro, nã faz menção senão daquelles, a quem o grande valor fez vitoriosos.

Ainda que se tenha dito que para o homem ser agradavel na conversação, he necessario que elle se mostre com hum modo grave, e rizonho não se deve comtudo entender isto absolutamente; porque pode haver occasiões em que elle se veja obrigado

a mostrar-se triste em huma assemblea, que procura o recreio, e o divertimento; como por exemplo estando qualquer pessoa na companhia de outros, viesse á noticia de algum dos circunstantes que era morto hum filho seu: neste cazo tanto não offenderia a boa sociedade, [fl. 57] que faltaria á politica, se ao menos no exterior, não se mostrasse sensível na afflicção do seu amigo; nem esta acção he digna de ser censurada; pois he certo que o homem não deve viver só para si, não querendo mais do que o seu commodo, e a sua utilidade, sem se compadecer das infelicidades do seu proximo. Cuidemos finalmente em fazer toda a diligencia em que que os nossas palavras, e as nossas acções sejam sempre reguladas pela prudencia, e pela civilidade; porque, obrando deste modo, será agradavel a nossa conversação, e seremos estimados do mundo todo.

Fim.»

**Biblioteca Pública de Évora: Códice CIX / 1-9, n.º 7**